



VENTOS FORTES

Casos de quedas de árvores aumentam 302% neste ano

De janeiro a maio, apenas a capital perdeu 157 exemplares; eventos climáticos estão entre as causas. **Página 5**

Foto: Roberto Guedes



Vegetação marcante faz parte da paisagem urbana da capital paraibana, que possui mais de 300 mil árvores espalhadas por calçadas, praças, parques e canteiros centrais

■ “Era um sonho anterior à chegada da velhice: morar às vizinhanças da minha aldeia, numa pequena elevação pintada a lápis colorido por todas as vocações infantis”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Muitos escrevem para não morrer. Muitos morrem quando escrevem. Esse dialoga com seus mortos e os elege à categoria de entidades sagradas”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Arte: Bruno Chiassi

Prática de *bullying* pode indicar antigos traumas e requer acolhimento

Comportamento está relacionado a questões individuais, sociais e familiares. Especialistas reforçam a necessidade de atuação conjunta das instituições para tratar o problema de maneira mais humanizada e eficaz.

Página 7

Foto: Leonardo Ariel



Corpo de Bombeiros da Paraíba celebra 107 anos

Corporação foi fundada em 1917 com 30 militares dedicados ao combate a incêndios. Atualmente, se tornou mais especializada e diversa no atendimento aos cidadãos e está presente em todas as regiões do estado, com um efetivo de 1,2 mil militares.

Página 3

Treze enfrenta o América, hoje, pela Série D

Jogo acontece na Arena das Dunas, em Natal, às 18h, e marca o 19º encontro entre as equipes.

Página 21

Paraibanos vivenciam e propagam o clima junino

Em casa, no trabalho, e até no carro, não faltam demonstrações de amor por esta época do ano.

Página 6

Influência da religião está presente em projetos na AL

Somente neste ano, os deputados paraibanos propuseram 45 matérias com motivações na fé.

Página 13

Prejuízos com carro crescem por causa das chuvas

Ruas alagadas geram danos a veículos, escondem buracos e aumentam o risco de acidentes.

Página 17

Editorial

Centro das atenções

O chamado Centro Histórico é área da maior importância para a cidade e, por isso mesmo, requer especial atenção dos poderes públicos, no que diz respeito, por exemplo, à ocupação para fins comerciais ou residenciais, restauração e preservação do patrimônio físico e simbólico. A sua arquitetura merece o mesmo cuidado que suas histórias, que tanto estão nas paredes e calçadas como na memória do povo.

O tempo mostrou que, no Brasil pelo menos, políticas direcionadas para a revitalização de Centros Históricos não deram certo porquanto não houve o envolvimento da população na discussão, elaboração e aplicação dos projetos, principalmente de pessoas que habitam na área, a maioria, talvez, descendente de famílias pioneiras. Pelo visto, Centro Histórico apenas para turista ver não tem dado muito certo.

O Centro Histórico de João Pessoa vinha se ressentindo de maiores cuidados. O fechamento de estabelecimentos comerciais, a degradação física de prédios e o afastamento de moradores de outros bairros, mesmo fronteiriços, entre outros problemas relacionados à violência, vinham transformando aquele núcleo numa espécie de cidade fantasma, desassombrada quase que exclusivamente pelo tráfego de automóveis.

Felizmente, a situação tem tudo para mudar graças às intervenções do projeto “Viva o Centro”, iniciativa conjunta do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de João Pessoa, com ações nas áreas da habitação, infraestrutura, cultura, segurança, trânsito e incentivos e isenções fiscais. No total, serão investidos R\$ 400 milhões no “remodelamento” da área, dentro dos limites estabelecidos pela legislação.

Há poucos dias, a trombeta das boas-novas voltou a soar nas ruas do Centro Histórico da capital, durante a reunião virtual do Conselho Deliberativo (Condel) da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), da qual participou o governador João Azevêdo. Na ocasião, foi aprovado financiamento para revitalização de moradias pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE).

A aprovação da medida, conforme ressaltou o governador paraibano, tonifica as iniciativas de fomento à habitação e ao comércio no Centro Histórico, com novas respostas para antigas demandas da área. O que se quer do que já está sendo feito é o povo de volta às casas, praças e ruas da região ribeirinha do Rio Sanhauá, berço dessa metrópole de tantos nomes e tantas histórias, hoje João Pessoa, capital da Paraíba.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

E assim chegamos ao Golpe de 64

Era uma sexta-feira, 13 de março de 1964. Na Praça da República, em frente à Estação Pedro II, a Central do Brasil, no Rio de Janeiro, cerca de 200 mil pessoas participavam de um comício organizado pelo CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), UNE (União Nacional dos Estudantes) e FMP (Frente de Mobilização Popular), em que o presidente João Goulart tratava das reformas de base, em especial da reforma agrária; da diminuição dos valores dos alugueis; dos decretos que havia assinado poucas horas antes, permitindo a desapropriação de terras para reforma agrária na faixa de 10 km às margens de rodovias, ferrovias, açudes e barragens e transferindo para a União o controle das refinarias de petróleo de Ipiranga (RS) e Capuava (SP).

Do palanque, o presidente, num discurso de 65 minutos, feito de improviso, proclamava: “A reforma agrária não é capricho de um governo ou programa de um partido. É produto da inadiável necessidade de todos os povos do mundo. Aqui no Brasil, constitui a legenda mais viva da reivindicação do nosso povo, sobretudo daqueles que lutaram no campo”. Era a última vez que Jango falaria em praça pública. Quinze oradores o precederam, dentre eles o então presidente da UNE, José Serra, o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, e Leonel Brizola, o mais aplaudido. O evento, que estava sendo convocado pelo governo desde o mês de janeiro, foi transmitido ao vivo por rádio e TV para todo o país e desencadeou o golpe civil-militar que pôs fim à democracia.

O país vivia um período de declínio econômico, o que agravava a crise política nacional. O ambiente era de radicalização. As reformas de base, agrária, bancária, administrativa, universitária e eleitoral, que o Congresso relutava em aprovar, eram entendidas como programas de viés comunista. O governo compreendia que o comício seria uma estratégia de mobilizações populares de apoio às reformas, como reação ao posicionamento contrário dos grandes proprietários rurais e da burguesia industrial paulista. No seu discurso, assim se dirigiu aos seus opositores: “A democracia que eles querem é a democracia para liquidar com a Petrobras; é a democracia dos monopólios privados, nacionais e internacionais, é a democracia que luta con-

tra os governos populares e que levou Getúlio Vargas ao supremo sacrifício”. Os militares consideraram esse discurso uma afronta.

Poucos dias depois, precisamente no dia 19 de março, o setor conservador e anticomunista da Igreja Católica promoveu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. A insurreição comandada pelos militares e apoiada por parlamentares, setores civis (latifundiários e empresários paulistas), Igreja Católica e imprensa, aconteceria 18 dias depois. A Folha de São Paulo conclamou as Forças Armadas, no dia seguinte ao discurso, a resistir às reformas, sugerindo intervenção militar.

No livro “Memórias – Verdade de um Revolucionário”, escrito pelo general Olímpio de Mourão Filho, consta que no dia 14 de março ele teria registrado em seu diário: “Temos de partir contra eles enquanto é tempo. Vou a Belo Horizonte na segunda-feira, conversar com Magalhães Pinto”. Era dado oficialmente o sinal de que o Golpe de 1964 tinha início. O destino do governo João Goulart estava selado e a nossa democracia vivendo seus últimos suspiros.

“

O país vivia um período de declínio econômico, o que agravava a crise política nacional. O ambiente era de radicalização

Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



Fragilidade

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um velho aldeão

Era um sonho anterior à chegada da velhice: morar às vizinhanças da minha aldeia, numa pequena elevação pintada a lápis colorido por todas as vocações infantis despertadas pelo cromo cheio e doce de fruteira e pela história do menino do outro lado da serra que o cientista carregou de Areia para ser o pintor mais famoso do mundo. Do lado de Alagoa Nova, cercada de serras e de profundos desfiladeiros, cedendo em despenhadeiros mais agudos quando sai para Campina.

O cerco de serras parecia proteger-me – falei assim a meu último contemporâneo de rápidas andanças numa das últimas vezes em que saímos juntos, já oitontões, em redor da cidade que desce hoje pelos antigos morros e vales de mandioca e macaxeira.

“Era assim quando aprendemos a ler nesse grupo escolar aí defronte, depois Prefeitura e hoje Câmara Municipal” – interrompeu-me Aluísio Vieira, proprietário rural que a vereança terminou urbanizando, mas sem amansá-lo. Falou que os morros do Sul devolveram os imigrantes com o *crack*, a maconha e os paus de fogo que não tinham levado na bagagem da ida.

E atalhou: “É besteira você pensar no sítio de Joca Patrício. A bandidagem entra lá, limpa-lhe as calças e você será feliz se escapar com vida”.

Foi realmente uma das minhas quimeras, principalmente depois que o pagamento do Estado trocou a fila do Espaço Cultural e o atraso costumeiro pelo caixa eletrônico. Em Alagoa Nova, o banco achou de instalar-se na nova modalidade ao lado do sobrado do velho Joca Patrício, antigo dono do sítio que, na minha leseira, ainda se mantém em minha lembrança como cromo.

Ficaria longe de minhas posses, sem dúvida. Mas o grande impedimento veio mesmo de Aluísio, dois ou três anos mais velho e em pleno juízo: “É meia dúzia de soldados para muitos mil malfeitores. Pode ser até menos, mas, como não se sabe quem é, você tem de se prevenir com todo mundo”.

Além do mais, com quem eu voltaria a me acamaradar? Com quem me reencontrar? Fora de Aluísio, restava na mesma conversa o soldado Adelino, em honra de quem, em 1945, entrei no

“

Ficávamos esfregando o rosto no rádio da mercearia com as vistas apuradas na trincheira do nosso herói

Gonzaga Rodrigues

desfile de todas as escolas para recebê-lo de volta da Segunda Guerra. Quando lhe falei da minha ideia e da tranca de Aluísio, nosso herói, naquela linguagem mansa de escondida bravura, não foi menos franco: “Pela natureza, Luiz, sua e da terra, é uma boa vir praqui. A gente dura de enfadar. Mas já não sabemos com quem estamos. Bem diferente do tempo em que conhecíamos todos e todas as casas nos conheciam”.

Tinham razão. A televisão, em repetidas notícias de assaltos às agências seguidas de Lagoa Seca e Alagoa Nova, confirma ao vivo o receio dos meus velhos camaradas. Apenas o grande Adelino conseguiu, há dois ou três anos, ficar longe de qualquer receio, depois de uma vida respeitado como herói do primeiro batalhão embarcado para a Itália. Sua casa creio que ainda reserva sala inteira de troféus e lembranças da guerra. Como esquecer? Ficávamos esfregando o rosto no rádio da mercearia com as vistas apuradas na trincheira do nosso herói. Ele na Itália e a angústia de sua mãe na conversa de todas as nossas mães.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

CUIDANDO DA POPULAÇÃO

Corpo de Bombeiros da PB completa 107 anos

Corporação conta com 23 quartéis operacionais, entre batalhões e companhias

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Há 107 anos, o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) se dedica a cuidar da população. Tudo começou no dia 9 de junho de 1917, com 30 militares e a importante missão de combater incêndios. Desde então, além de extinguir o fogo, muitas pessoas foram impactadas pela dedicação dessa corporação centenária em salvar vidas, seja em ações de resgate, atendimento a desastres naturais (como a tragédia no Rio Grande do Sul), prevenção ou apoio comunitário. “Ajudar o próximo é o que alimenta a chama da instituição”, resume o comandante-geral, coronel Marcelo Augusto de Araújo.

Com um efetivo de 1,2 mil militares, a instituição completa mais um ano de história “oxigenada” pela chegada de 200 recrutas e mais atuante do que nunca. Só no ano passado, foram 80 mil ocorrências atendidas e, neste 2024, já são mais de 40 mil. Hoje, a corporação está presente em todas as regiões do estado, contando com 23 quartéis operacionais, entre batalhões e companhias, e o objetivo é ampliar ainda mais sua atuação no interior. “Ainda estamos em fase de crescimento. A intenção é interiorizar cada vez mais as nossas ações, ampliando a presença do Corpo de Bombeiros em municípios onde ainda não temos o alcance”, pontua o coronel. Como parte disso, foi inaugurada em maio deste ano uma nova unidade na cidade de Cuité, no Curimatá paraibano, beneficiando 90 mil pessoas.

Somada à expansão do efetivo, houve também uma diversificação nas atividades atribuídas à figura do bombeiro ao longo desses 107 anos. Se no século 20 o carro-chefe era o combate ao fogo, hoje a corporação tem dois aviões, UTI aérea, canil, times de mergulhadores e socorristas, além de militares especializados na prevenção de incêndios. De acordo com o comandante-geral, a prevenção é uma das áreas nas quais o Corpo de Bombeiros mais tem investido tempo e esforços, visando garantir que empresas, comércios e prédios residenciais estejam em conformidade com as normas de segurança. “Nosso trabalho abrange desde a análise do projeto até a sua conclusão. Se falharmos nessa etapa, o resultado indesejado será um incêndio. Por isso, atuamos intensamente na prevenção”, ressalta.

Entretanto, esse dinamismo só ganhou força e estrutura quando a corporação se emancipou da Polícia Militar, em 2007, obtendo autonomia para gerir seu orçamento e definir suas próprias estratégias. Segundo o coronel, isso marcou o início de uma nova fase de descentralização e interiorização dentro do território paraibano, com a criação de unidades em cidades como Cajazeiras e Sousa. E com essa autonomia veio também a Lei Orgânica do Corpo de Bombeiros, que estabeleceu uma



Foto: Leonardo Ariele

Para as ações de salvamento, a corporação tem dois aviões, UTI aérea, canil e mergulhadores

nova estrutura organizacional. Mas a evolução não parou por aí. Após 17 anos, uma nova lei entrou em vigor no estado, reestruturando a organização e ampliando os quadros de oficiais e praças. “É outro momento histórico para nós. Essa lei reflete a grande preocupação do Governo do Estado em tornar o Corpo de Bombeiros mais atuante, forte e operacional”, destaca.

Perfil multifacetado

Com tantas possibilidades de atuação, também se tornou imprescindível investir em qualificação profissional. O coronel Marcelo Augusto de Araújo explica que, ao ingressar no Corpo de Bombeiros, seja como praça ou recruta, o militar recebe uma formação operacional completa, cobrindo todas as disciplinas necessárias para o desempenho da função, como combate a incêndios, salvamentos e resgates. A partir dessa formação inicial, ele é direcionado

com base em seu perfil. “Se ele tem empatia e deseja trabalhar com cães, por exemplo, o caminho será o canil. É assim que buscamos lapidar nossos militares para que se especializem através de cursos focados na área de atuação desejada”, complementa. Dessa forma, o profissional pode atuar na área de resgate, nas ambulâncias, combater incêndios, ser guarda-vidas, piloto de avião, mergulhador ou trabalhar com prevenção.

Recursos humanos

O Corpo de Bombeiros não só cresceu em dimensão, como também se tornou uma instituição vibrante e moderna, focada no bem-estar das pessoas que fazem dela esse símbolo de confiança e coragem. Afinal, como o próprio comandante-geral diz, são os recursos humanos que fazem a diferença em uma instituição que tem como propósito zelar pelas pessoas. “Não basta ter equipamento, viatura e

investimento. Precisamos estar sempre motivados e preparados”. De olho nisso, além de oferecer uma estrutura robusta, com academia, área para recreação e dormitórios, a corporação tem investido em dois itens fundamentais: capacitação e segurança.

No quartel do Comando Geral dos Bombeiros, por exemplo, um centro de treinamento deve ser inaugurado dentro de dois meses, com torre de altura, piscina e ambiente para simular incêndios confinados. Tudo isso, segundo o coronel, é fundamental para modernizar a corporação e garantir que os militares possam apoiar a população sem colocar suas vidas em risco. “Celebramos esses 107 anos conscientes de que precisamos ter grandes investimentos e qualificar cada vez mais o efetivo, interiorizando nossas ações. É um crescimento com qualidade. Queremos levar segurança para novas regiões”, finaliza.

Comissão voltada à defesa dos direitos das bombeiras militares

Como forma de promover a equidade, o respeito e a valorização das 135 mulheres que fazem parte da corporação, o Corpo de Bombeiros da Paraíba lançou, em setembro de 2023, seu Comitê Estadual de Proteção e Defesa dos Direitos das Bombeiras Militares.

A ideia, segundo a presidente do grupo, Simone Karla Silva de Lima, é articular iniciativas e demandas específicas do universo feminino e, ao mesmo tempo, pavimentar o caminho para a entrada de novas bombeiras.

Hoje, por exemplo, as mulheres podem concorrer livremente às vagas no concurso, sem qualquer limitação no número de candidatas selecionadas. “Antes, se havia 20 vagas, cinco poderiam ser preenchidas por mulheres; mas agora, se 15 forem aprovadas, todas elas serão chamadas”, conta.

Além disso, elas conquistaram o direito a um uniforme feminino, em vez de terem que ajustar roupas masculinas. “Para uma mulher que calça 34, nem coturno tinha”.

Outra importante con-

quista foi em relação à licença maternidade. Agora, as mães retornam ao trabalho após seis meses e demoram mais seis meses para retomar o serviço operacional devido à amamentação.

Uma das integrantes do comitê, a bombeira Vivicléa Aneyronis, destaca a evolução visível em toda a corporação, que hoje conta com mulheres em todas as áreas e posições: em comandos, resgates, operações aéreas, como mergulhadoras, em atividades administrativas e como salva-vidas. “Nós nunca paramos”, afirma.

UN Informe

DA REDAÇÃO

MINISTÉRIO DA SAÚDE FAZ CAMPANHA PARA INCENTIVAR A DOAÇÃO DE SANGUE

O Dia Mundial do Doador de Sangue foi celebrado na última sexta-feira (14) em todo o mundo para agradecer e incentivar o aumento das doações regulares. Até março deste ano, foram realizadas 731.734 doações no Brasil, sendo 22.713 no estado da Paraíba. Em alusão ao dia e com o objetivo de estimular a doação, o Ministério da Saúde lançou a campanha nacional “Toda vida é importante para alguém. Doe sangue, mesmo sem saber para quem”. Em 2023, com mais de 3,2 milhões de bolsas de sangue coletadas no SUS, a pasta registrou 1,6% da população brasileira como doadora. Segundo a OMS, a recomendação é que cada país tenha uma população doadora entre 1% e 3%. Atualmente, o país conta com 32 hemocentros estaduais, além dos diversos serviços de hemoterapia regionais e municipais que são serviços públicos de hemoterapia, responsáveis pela coleta, processamento, armazenamento e distribuição de sangue e seus componentes. A coordenadora-geral de Sangue e Hemoderivados da Secretaria de Atenção Especializada à Saúde (Saes), Joice Aragão, exalta a importância do ato de solidariedade. “Celebramos aqueles que, com seu gesto altruísta, ajudam a transformar vidas. Convido a todos a se unirem a essa causa vital, pois cada doação é uma prova de amor ao próximo e salva vidas. Junte-se a nós nessa jornada de generosidade, onde cada batimento do coração conta uma história de esperança e renascimento”, pontuou.



Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

BOLSA FAMÍLIA (1)

Um total de 667,8 mil beneficiárias do Bolsa Família começam a receber amanhã os repasses de junho, em todos os 223 municípios paraibanos. O cronograma de pagamentos é escalonado, de acordo com o final do Número de Identificação Social (NIS), e segue até o fim do mês. O valor médio do benefício na Paraíba é de R\$ 680,65, a partir de um investimento de R\$ 454,4 milhões do Governo Federal.

BOLSA FAMÍLIA (2)

Dentro dos valores adicionais previstos no Novo Bolsa Família, a Paraíba registra um total de 9,3 milhões de crianças de zero a seis anos de idade contempladas com o Benefício Primeira Infância, o que representa um adicional de R\$ 150 a cada criança dessa faixa etária na composição familiar. O investimento federal para atender esse público supera os R\$ 37,6 milhões.

PROIBIÇÃO DE FOGUEIRAS

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) recomendou aos gestores de Solânea, no Agreste do estado, a adoção das providências para proibir, em todo o território municipal, as fogueiras e fogos de artifício, removendo todo material, eventualmente encontrado nos passeios públicos (inclusive os destinados à venda), dando a ele a destinação específica. A medida visa coibir a poluição ambiental.

SILVIA BENJAMIN RETORNA À ALPB

Com a licença do deputado Wilson Filho (Republicanos) para assumir a Secretaria de Estado da Educação, a suplente Silvia Benjamin foi convocada pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) para retornar à Casa. Silvia Benjamin já assumiu o mandato no período entre 4 de dezembro de 2023 e 17 de abril de 2024. Wilson Filho tomou posse na Educação na última quinta-feira.

METAS PARA O JUDICIÁRIO

Amanhã tem início a pesquisa “Gestão Participativa, juntos por uma Justiça ainda melhor!”. O propósito é formular as metas nacionais do Poder Judiciário, que representam o compromisso dos tribunais brasileiros com o aperfeiçoamento da prestação jurisdicional, buscando proporcionar à sociedade um serviço mais célere, com maior eficiência e qualidade.

SINE-PB OFERECE 435 VAGAS DE EMPREGO EM 10 CIDADES

O Sine-PB disponibiliza, a partir de segunda-feira (17), 435 vagas de emprego em 10 municípios paraibanos. Em João Pessoa, serão ofertadas 190 vagas. As demais oportunidades estão distribuídas nos postos das cidades de Campina Grande, Guarabira, Sapé, São Bento, Santa Rita, Patos, Mamanguape, Cabedelo, Pombal.

Foto: Evandro Pereira



Itaragil Marinho

Engenheiro florestal e extensionista da Empaer
(Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária)

“A avicultura é mais apropriada para a zona semiárida”

Extensionista rural da Empaer apresenta detalhes do primeiro diagnóstico sobre a produção caipira na Paraíba

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

De olho em um mercado cada vez mais exigente, a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer) realizou pela primeira vez um diagnóstico voltado à avicultura caipira na Paraíba para traçar o perfil de quem realiza essa importante atividade. Foram 446 respostas de produtores de frango e ovos caipiras em 99 municípios paraibanos, com informações sobre a situação familiar, aspectos da propriedade rural e da produção avícola. À frente dessa iniciativa inédita está o engenheiro florestal Itaragil Marinho, que acumula 18 anos como extensionista rural na Empaer e agora trabalha na gerência operacional de produção agrícola e ação social da empresa. O especialista já atuou na Secretaria de Meio Ambiente do Estado e na Sudema (Superintendência de Administração do Meio Ambiente).

Entrevista

■ *O que motivou a realização do diagnóstico da avicultura caipira da Paraíba?*

Alguns técnicos, extensionistas da Empaer, começaram a perceber a necessidade de um diagnóstico que pudesse dar visibilidade a um setor específico, que é o da avicultura. Diferente do Cerrado, como Goiás e Mato Grosso, o estado da Paraíba não é tão propício à criação de grandes animais. Então, a avicultura é mais apropriada para as nossas condições, principalmente na zona semiárida, muito embora a gente dependa muito de ração importada. Produzimos uma quantidade pequena. É por tudo isso que notamos essa necessidade de realizar um levantamento específico, focado na avicultura caipira – ou alternativa. Precisamos de um olhar mais sensível, até porque, infelizmente, esses pequenos produtores são, muitas vezes, esquecidos. Dessa forma, a Empaer, como uma empresa de assistência técnica do Estado, se juntou a outros parceiros, incluindo a Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e o Projeto Cooperar, e fez um diagnóstico do setor.

■ *Qual é a importância desse levantamento?*

O diagnóstico é inédito, o primeiro que fazemos com os avicultores, e a resposta foi tão satisfatória que o representante desse levantamento, um de nossos parceiros, foi até o Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar para apresentar o que fizemos por aqui e aplicar no Brasil todo. Inclusive, vamos agora para Fortaleza para participar da PECNORDESTE 2024, um dos eventos mais importantes do Nordeste sobre agronegócio, para aprofundar essa discussão do que fizemos aqui na Paraíba e mostrar o que pode ser feito em outros estados. O objetivo desse levantamento é dar visibilidade à avicultura alternativa, para que possamos conhecer quem são esses pequenos produtores, o que estão fazendo e quais são as suas necessidades. Assim, poderemos direcionar nossas ações e trazer esse público para dentro das políticas públicas, mas não de “cima para baixo” – como acontece normalmente no Brasil –, e sim a partir de um diagnóstico com dados reais. Um retrato do que está acontecendo na Paraíba.

■ *Qual foi a metodologia aplicada no diagnóstico?*

Fizemos um formulário on-line e disponibilizamos o link nas redes sociais, com o apoio da rede de parceiros. A adesão foi positiva, mesmo que de forma mais espontânea. Foram 446 respondentes, entre produtores de frango e ovos caipiras, em 99 municípios paraibanos. Fizemos até um mapa que mostra justamente as localidades com o maior número de respondentes. Ou seja, a região da Borborema, em Campina Grande, foi onde tivemos o maior número de respostas. E, de fato, a agricultura alternativa está concentrada naquela região. Já a área com menos respondentes foi o Sertão como um todo.

■ *Para uma próxima edição, acha importante ter equipes visitando os avicultores para a aplicação do questionário?*

A rede social se popularizou muito depois da pandemia. Todo mundo usa, inclusive o agricultor. Todo mundo tem um celular. Então, foi algo muito prático e a custo zero. Agora, se colocarmos equipes na rua, teremos de lidar com logística, transporte, salário etc. E no celular, não tem nada disso. Na verdade, o que precisamos agora é avançar no formulário e incluir novas perguntas.

■ *Que tipos de perguntas foram feitas?*

Perguntamos de tudo um pouco. Se o avicultor produz frango ou galinha poedeira, quantas aves ele tem, em quantos galpões, como elas são alimentadas, se estão vacinadas, se tem registro na defesa agropecuária, entre outras questões. É um raio-X. E, ao final, aplicamos algumas perguntas qualitativas para saber como é que as pessoas estão se inserindo no mercado. Como elas enxergam esse mercado? Elas têm acesso a ele? Temos hoje alguns programas de compra direta que são governamentais e um mercado aberto, como feiras e supermercados.

■ *A avicultura caipira paraibana está presente em quais regiões do estado?*

Ela está presente do Litoral ao Sertão, mas mais fortemente na região da Borborema, que tem um clima um pouco mais frio e propício à criação desses animais. Eles necessitam de uma aclimação melhor, já que a avicultura é uma produção rápida. No

caso dos ovos, a produção precisa ser constante e diária. Então, o produtor precisa ter uma aclimação adequada para que esses animais possam produzir diariamente. É por isso que a região de Campina Grande concentra grande parte desses avicultores.

■ *Qual é o objetivo do diagnóstico da avicultura caipira da Paraíba?*

Primeiro, conhecer a distribuição territorial desses produtores. Como são pequenos, eles não têm tanto recurso próprio para tocar a produção. Eles precisam realmente de uma ajuda, que é o nosso papel como empresa pública. Temos a função de prestar assistência, principalmente, aos agricultores que não têm condições de se manter, ou de contratar uma assistência própria. Depois de conhecê-los territorialmente, queremos investigar os pormenores da atividade. Quais são as suas necessidades? Como eles enxergam a avicultura? Porque tudo isso também é importante. Vimos, por exemplo, que alguns respondentes querem parar, uma pequena minoria. Mas por que eles querem parar se temos uma população crescente e, consequentemente, uma necessidade de cada vez maior de alimentação? Se você vai ao mercado hoje, provavelmente pegará uma bandeja de ovos de outro estado. Ou seja, temos demanda interna, mas não temos atividade no estado. Seremos eternamente importadores de alimentos? Isso não faz sentido. Por isso, acredito que o diagnóstico trará luz a esse cenário para que possamos direcionar o nosso trabalho da melhor forma.

■ *A partir do levantamento, existe um cronograma de ações?*

Começamos a fazer um pré-tratamento das respostas e, inclusive, estamos buscando parcerias com as universidades para qualificá-las melhor. A ideia é escrever o resultado em forma de artigo ou publicação, mas ainda não sabemos o que vem a seguir. Após a conclusão do trabalho, temos um pequeno grupo tratando os dados para que depois possamos levar essa informação para quem faz a política pública, como a própria Secretaria da Agricultura Familiar. Assim, o Estado poderá direcionar recursos para atender esse perfil de produtores.

■ *Será um levantamento anual?*

Bom, o primeiro diagnóstico foi uma espécie de *freelancer* para nós. Não é algo institucionalizado, ainda. Mas é interessante que a cada ano pudéssemos ter esse estudo sendo repetido, até porque ele é on-line. O que podemos fazer é aperfeiçoar o formulário para que o avicultor responda com apenas um clique no celular, tornando sua aplicação muito mais fácil. Para mim, o mais trabalhoso é esse estudo em cima dos dados. Pegamos os resultados, todas as respostas, e compilamos em uma planilha, mas ainda precisamos analisá-los. Fizemos um tratamento prévio e geramos uma série de gráficos para traçar o perfil do avicultor paraibano.

■ *E quem é esse avicultor? Quais são as suas principais características?*

Percebemos que muita gente que está no campo tem uma baixa esco-

laridade. Isso também nos ajuda a direcionar a política pública para a educação. A maioria dos avicultores é casada, embora existam jovens entrando na atividade. Isso também é interessante, porque estamos observando um grande esvaziamento da zona rural, já que as facilidades estão todas na cidade. Na cidade, você tem energia elétrica, água encanada etc. Ou seja, tem um aspecto sucessório que precisa ser trabalhado, ou não teremos mais pessoas no campo. E quem está na cidade depende da zona rural para se alimentar, não é verdade? Se continuarmos assim, seremos sempre importadores e vamos começar a importar alimentos de lugares cada vez mais distantes. O aumento de preço é uma tendência mundial. Então, precisamos ter uma política pública voltada para quem está produzindo alimentos aqui dentro, na Paraíba. E outro fato interessante, o número de filhos está cada vez menor. Antigamente, era comum termos famílias com 10 filhos. Hoje, são dois no máximo. No diagnóstico, observamos ainda famílias com apenas um filho. Vimos também que entre os avicultores há quilombolas e uma quantidade pequena de pessoas nas aldeias indígenas, mas 70% de todos os respondentes são agricultores familiares. Esse é o nosso público. Além disso, percebemos que a maioria deles participa de algum tipo de associação rural ou cooperativa, quase 70%.

■ *O que fazer com essa minoria que não está organizada?*

O diagnóstico proporciona um retrato de como podemos agir. Temos um grupo que é cooperado, que trabalha de forma mais organizada, e outro que ainda está em associação. Então, precisamos evoluir esse grupo para que ele tenha acesso às certificações e dê conta das exigências do mercado. Sem isso, esses avicultores não conseguem acessar os hipermercados, por exemplo, que vendem dois mil ovos por dia. E não acessam porque não têm um selo de inspeção. Precisamos, portanto, trabalhar a evolução desse produtor para sair do arcaico e parar de vender ovo na porta. Eu presenciei em Conceição, no Sertão, uma família que produz ovos, mas vende na sacolinha para quem passa em frente à propriedade. Ou seja, não está acessando esse mercado que demanda que você tenha embalagem e selo de inspeção – seja municipal, estadual ou federal. A Vigilância Sanitária chega e não tem certificação alguma. Para se ter ideia, 60% dos respondentes disseram não ter cadastro na Defesa Agropecuária, o que significa que estão à margem do mercado formal. E a alternativa é ficar vendendo para o vizinho ou na feira livre, onde entra a figura do atravessador que compra o produto, coloca na embalagem e vende. É, sem dúvida, quem ganha mais dinheiro. Por outro lado, observamos que a maioria tem CAF (Cadastro Nacional da Agricultura Familiar), mas isso não é suficiente.

■ *O mercado valoriza esse tipo de produção familiar, então o que falta para o avicultor?*

Hoje, a busca é cada vez maior por produtos que venham dessa origem

mais limpa. No supermercado, encontramos uma bandeja de ovos de uma cor diferente, produzidos por galinhas criadas soltas, que é uma característica da avicultura alternativa. Então, com certeza, nossos produtores seriam bem-sucedidos nesse mercado, o que falta é orientação. Não adianta só ter o produto; eles precisam seguir uma série de exigências para assegurar essa qualidade. Até a água para os animais é um quesito importante. Observamos que a maioria utiliza vários tipos de fontes, como rios, açudes, poços e cisternas, mas a metade dos respondentes não trata essa água. Isso, por exemplo, pode gerar um problema para o próprio produtor lá na frente. Sem tratamento, de repente uma bactéria pode contaminar a água e adoecer o plantel, ficando impossibilitado de colocar o alimento para venda. Informação é tudo.

■ *Que tipo de propriedade rural é mais comum?*

O diagnóstico também mostrou de quem é a terra onde esse avicultor produz. A maioria, 67%, tem sua própria terra. Mas também temos pessoas que arrendam áreas para produzir e gerar renda, além de avicultores que trabalham em terras de herança. São terras que pertenciam aos avós e que nunca foram divididas, aí todos trabalham em família. A avicultura proporciona isso porque ela precisa de pouco espaço. Ou seja, o trabalhador não precisa ter uma grande área para sustentar a família. Com pouco espaço, eu consigo ter um galpão e colocar de 300 a 500 aves, gerando alimento para consumo e renda. Cerca de 90% dos respondentes têm propriedades pequenas, o que demonstra que a base da avicultura caipira é familiar.

■ *Quais foram as principais necessidades identificadas entre os produtores?*

O grande desafio que o diagnóstico mostrou é a questão da assistência técnica. Setenta por cento dos respondentes solicitaram uma assistência técnica continuada. Às vezes é o próprio agricultor que busca a Empaer para obter informação, quando a situação está ruim. E isso cria um problema ainda maior porque não é uma interação contínua. Imagine só se o avicultor está comprando ração errada ou não tem acesso ao benefício da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), que subsidia o milho para o pequeno produtor. Tudo isso depende de uma organização, mas alguns não conseguem chegar a esse nível por falta de orientação. A assistência técnica precisa ser ampliada para que possamos melhorar a vida do agricultor e a sua produção. Hoje, com o celular na mão, você tem acesso à informação, mas sem a devida orientação não consegue progredir e ter acesso às políticas públicas. O agricultor não sabe como obter o selo de inspeção, por exemplo, nem a quem recorrer. Precisamos ter esse olhar diferenciado em relação ao pequeno produtor e acompanhá-lo nessa jornada. A Empaer não só traz o técnico para orientar sobre ração, vacinas e produção, mas também para falar sobre acesso ao mercado. E isso é fundamental.

VENTOS INTENSOS

Queda de árvores aumenta 302,5% em João Pessoa

Índice se refere apenas aos primeiros cinco meses deste ano

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

João Pessoa é reconhecida como uma das cidades mais verdes do país, com mais de 300 mil árvores espalhadas por calçadas, praças, parques, canteiros centrais e rotatórias. No entanto, não é apenas a beleza dessa vegetação que tem chamado a atenção, recentemente. De janeiro a maio deste ano, caíram 157 exemplares arbóreos na capital paraibana, ou 302,5% a mais, em comparação ao mesmo período de 2023 — quando houve registro de apenas 39 tombamentos. Os dados da Secretaria do Meio Ambiente (Semam) mostram, ainda, que o índice representa mais que o dobro do total de ocorrências do ano passado (77). Mas o que estaria causando a queda dessas árvores?

Segundo o engenheiro agrônomo Anderson Fontes, diretor de Controle Ambiental da Semam, o tombamento dessas 157 unidades arbóreas nos primeiros cinco meses do ano é consequência de ventanias muito fortes. “Esse aumento tem muito a ver com as mudanças climáticas no planeta”, diz o especialista,

destacando que a cidade é uma das capitais brasileiras com menor incidência de quedas desse tipo. Ele acrescenta que, no dia 6 de fevereiro passado, por exemplo, as fortes chuvas que atingiram João Pessoa, acompanhadas por rajadas de vento de até 74km/h, derrubaram quase 130 árvores na cidade, sendo 10 apenas no Parque Parahyba I.

De acordo com informações da secretaria, a média anual de tombamentos em João Pessoa é, normalmente, inferior a 100, como aconteceu no ano passado e também em 2022, que registrou 63 quedas. Mas alguns eventos climáticos, como chuvas com ventos atípicos para a região, podem distorcer esse cenário. Fontes diz ainda que as árvores mais impactadas neste ano eram relativamente jovens, com cerca de 15 anos — e plantadas, inclusive, pela população. “Com esses ventos, as árvores que os cidadãos plantaram, com raízes sufocadas e sem poda adequada, acabaram tombando, o que nos alertou para essa questão”, pontua. As quedas vitimaram exemplares das espécies exóticas ficus, benjamina, castanholha, acácia-mimososa e mangueira.

Outro fator de forte influência sobre as quedas é o sufocamento das raízes, segundo ele. “Quando o sistema radicular está totalmente recoberto, a

drenagem na área é dificultada, impedindo a entrada de oxigênio no solo. Sem isso, a raiz pode apodrecer. Raízes sufocadas e podas malfeitas, somadas a doenças, realmente debilitam a árvore e podem levar ao seu tombamento”, explica o especialista.

Prevenção

Para evitar que mais árvores caiam, a Semam realiza um trabalho contínuo de prevenção, focado na saúde das 300 mil unidades arbóreas espalhadas pelas oito mil ruas da cidade. A ação preventiva segue normas técnicas que incluem três etapas fundamentais: diagnóstico, poda e tratamento.

Primeiro, a equipe identifica as necessidades de cada árvore. Em seguida, realiza uma poda de contenção da copa, e, posteriormente, inicia o tratamento, com base em um parecer técnico detalhado, que funciona como um receituário, especificando as ações necessárias para melhorar a saúde da vegetal. “Esse tratamento é realizado de forma preventiva, o que nos permite evitar a morte de árvores em João Pessoa. Nosso plano de manejo é muito enfático e direto, priorizando o sistema preventivo de cuidados”, explica.

Em 2022, os técnicos da pasta trataram 12.784 mil árvores; já no ano seguinte, foram 15.385.

No ano em curso, em apenas cinco meses, o índice é de 4.875 exemplares — 1.798 a mais do que no mesmo período do ano passado. “Em 2023, identificamos 5.486 árvores urbanas com doenças fúngicas ou parasitárias — ou com proliferação de ambos os patógenos. Neste ano, já detectamos 2.790”, diz o agrônomo.

Ou seja, são 120 árvores doentes a mais, em comparação com os cinco primeiros meses de 2023. “As plantas exóticas são as mais atingidas por essas doenças, enquanto as nativas não adoecem tanto”, observa.

Mudanças climáticas

Devido às mudanças climáticas, que estão elevando a temperatura média dos oceanos e da própria atmosfera, a queda de árvores na capital mais verde do país pode deixar de ser um fenômeno isolado. Quem faz o alerta é a meteorologista Ana Paula Paes, consultora da Energisa. “As mudanças climáticas implicam no agravamento dos eventos extremos, e isso inclui a ocorrência de ventos fortes, que podem voltar a se repetir — e com mais frequência e intensidade”, sublinha a especialista.

Em fevereiro deste ano, por exemplo, a quantidade de nuvens de tempestades aumentou significativamente no território paraibano, contribuindo para as fortes chuvas e ventanias que atingiram João Pessoa. O segundo semestre também promete ser chuvoso, devido à formação do La Niña, fenômeno climático previsto para os meses de julho e agosto. “O La Niña amplifica o volume de chuva no Nordeste. Como alguns eventos de chuva forte costumam vir acompanhados de raios e ventanias, ele pode contribuir para o aumento dos ventos”, explica.

Infelizmente, não é possível afirmar quando e onde os ventos poderão soprar com mais força, mas a previsão para os próximos dias é de rajadas entre 40 km/h e 55 km/h.



Fotos: Roberto Guedes

A quantidade de plantas doentes também tem sido maior

Campina tem 130 mil espécies catalogadas

Em Campina Grande, a manutenção das árvores é um trabalho diário e sustentável, realizado pela Secretaria Municipal de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (Sesuma). Segundo o secretário da pasta, Sargento Neto, a administração e o cuidado com as árvores da cidade são realizados de duas formas: por solicitação de moradores e por avaliação periódica da equipe técnica do órgão.

Ao todo, são seis equipes e 40 avaliadores disponíveis para o trabalho. Além disso, o Programa Minha Árvore, criado há 10 anos, cataloga espécies e envolve a população campinense na preservação e no plantio de novas mudas. Por meio do endereço virtual

minhaarvore.site, os cidadãos podem abastecer a página da internet com informações sobre espécies, mapeamento e cobertura vegetal do município. Com mais de 130 mil espécies catalogadas, a Sesuma plantou, somente no mês passado, três mil mudas na cidade.

Ainda de acordo com o secretário, apesar das fortes chuvas que, recentemente, caíram em Campina Grande, não foi registrado um número significativo de tombamentos de árvores. “Da última semana de maio até agora, registramos somente seis quedas. A mais comum de tombar é a algarobeira, cujas raízes não se fixam bem em solo instável”, explicou Sargento Neto.



De janeiro a maio deste ano, caíram 157 exemplares arbóreos na capital paraibana

Em Patos, algarobas estão sendo substituídas

Quem anda pelas ruas e avenidas de Patos, no Sertão do estado, esbarra em vários tipos de plantas nativas e exóticas plantadas em canteiros, logradouros públicos e calçadas da cidade. Dentre as espécies que compõem a arborização urbana estão o nim, a sibipiruna, o ipê, a craibeira e a algarobeira — sendo a última mais suscetível a tombamentos e quedas.

Somente neste ano, entre janeiro e maio, 10 delas causaram transtornos, com a queda de galhos ou o tombamento completo, devido às chuvas e ventanias. Além da ação do tempo, as árvores também podem ser afetadas-



Nim, ipê e craibeira estão entre árvores urbanas da cidade

por doenças comuns, nas raízes ou no tronco. Conforme a secretária municipal de Meio Ambiente, Manoella Rodrigues, as mais

recorrentes são as infestações de cupim, a contaminação por fungos e a deterioração causada pelo homem.

Para evitar os contratempos, as árvores que apresentam alguma patologia e que, posteriormente, podem oferecer risco de queda, estão sendo substituídas por outras — preferencialmente, nativas. Já as consideradas saudáveis estão sendo mantidas. Nesse processo de recuperação, já foram trocadas 33 algarobas na cidade.

Na mudança, Manoella disse que estão sendo utilizadas árvores que mantenham as folhas durante o ano todo, tenham pouco desenvolvimento da raiz (para evitar danos em calçamentos, calçadas e rede de esgoto) e que sejam de fácil de manutenção.



Foto: Júlio César Peres

Em CG, a manutenção é um trabalho diário da Sesuma

DECORAÇÃO AFETIVA

PB se prepara para as festas juninas

Casas, carros e ruas se enfeitam para comemorar o São João, evento mais esperado do ano por muitos paraibanos

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.comMaria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.comSara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

Engana-se quem pensa que o período de São João envolve somente festas, fogos e fogueiras. Durante o ano inteiro, milhares de campinenses aguardam a chegada do mês de junho para mudar de vida por alguns dias. Seja em casa, seja no local de trabalho, seja no carro. Não faltam formas de demonstrar o quanto esta época é importante para o povo de Campina Grande.

Ananias Medeiros — que prefere ser chamado de Ananias do Acordeon — deixa a gandola e as botas de bombeiro civil no armário, veste o gibão e o chapéu de couro e parte para tocar sanfona nas “ocorrências” para as quais for chamado. “Os dois trabalhos têm semelhanças. Quando estou tocando sanfona, permaneço atento às saídas de emergência e a qualquer tumulto. Às vezes, até acabo atuando como bombeiro. Numa ocasião, quando eu estava me apresentando em uma festa, um dos convidados explodiu um fogo de artifício na própria mão. Coloquei a sanfona no canto e fiz os primeiros socorros”, conta o sanfoneiro.

Bombeiro civil desde 2020 e músico desde os 10 anos de idade, Ananias não poderia escapar de uma vida cercada

pela melodia do forró. Seu pai, Severino Medeiros, fazia rodas de xaxado e baião na casa da família — e os convidados eram gente do naipe de Geraldo Azevedo e Dominguinhas. Aos 14, o sanfoneiro aprendiz fez seu primeiro show solo na Pirâmide do Parque do Povo. Involuntariamente. “Eu fui só pra acompanhar o meu pai, mas ele sumiu e me deixou no prego. Eu sabia somente 10 músicas na sanfona, mas tive que tocar. Quando acabava o repertório, eu tocava as mesmas 10 músicas, só que de trás pra frente. Foi bom porque, depois disso, eu percebi que precisava aprender mais, se realmente quisesse ser sanfoneiro”, diverte-se, recordando as lições do mentor.

Hoje, mais velho e com um currículo de viagens pelos 26 estados brasileiros, levando a sua sanfona e o seu forró e ganhando prêmios em inúmeras cidades do país, Ananias do Acordeon encontrou equilíbrio entre os dois mundos. “O mês de junho é todo para o São João, não divido o meu tempo com mais nada. Comecei a minha agenda de shows no dia 6. Há dias em que eu me apresento três ou quatro vezes, tudo por amor à sanfona. Depois desse período, eu volto à vida de bombeiro”, conta.

Carro junino

Do retrovisor do seu carro, Roberto Alves relembra o passado de festas juninas na casa da sua mãe. Motorista de aplicativo, ele transforma o seu veículo em uma espécie de memo-



Ananias: o bombeiro sanfoneiro

rial da cultura junina, na qual ele se orgulha de ter crescido.

Cozinheiro por paixão e vendedor de marmitas até 2020, Roberto precisou se reinventar, depois da pandemia. “As vendas caíram muito. Eu não queria trabalhar como motorista, de jeito nenhum, mas a necessidade veio. Estou há três anos fazendo isso, e tem dado muito certo”, conta.

O motivo do sucesso talvez seja o cuidado que Roberto tem com cada detalhe. Tudo é caprichosamente decorado. No painel da frente, imagens de Luiz Gonzaga, Marinês e Jackson do Pandeiro. Os bancos, o volante e o câmbio de marcha são forrados com chita. O próprio condutor dirige caracterizado, com camisa xadrez e calças com remendos. Bandeirinhas coloreem o teto. No som, durante o mês inteiro, só é permitido tocar forró. “Fiz uma corrida para o Garden Hotel, alguns dias atrás. Para



O carro de Roberto é só chita, enfeites, comida típica e forró

fazer a alegria do pessoal, aumentei o som do carro. Os outros hóspedes se amontoaram por perto e começaram a dançar. Eu fiquei meia hora por lá, com eles”, relata Roberto.

Fazer uma corrida em um carro tão animado é uma experiência única. Tanto é que, segundo o motorista, muitos querem repetir. “Recentemente, peguei dois passageiros no aeroporto. Eles gostaram tanto que fizemos negócio para outros passeios. Eu os levei até João Pessoa, para eles conhe-

cerem um pouco mais da Paraíba”, diz.

É com gentileza que Roberto conquista os passageiros. E comidas típicas, claro. Nos dias de São João e de São Pedro, o motorista faz questão de oferecer milho cozido, pamonha, canjica e pé de moleque para os viajantes. É sucesso certo. Na caixinha posta no banco de trás do veículo, para as gorjetas, ele consegue faturar um extra. “Quando abro essa caixinha, é sempre uma grata surpresa. Acho que 70%

das pessoas deixam um trocado”, conta.

Além do período junino, Roberto também decora o carro para o Natal. Para ele, são as duas datas festivas mais importantes do ano — que, quando chegam, viram protagonistas na sua jornada de trabalho.

O lar do São João

Marinês Ventura, moradora do bairro Bela Vista, acompanhou, desde criancinha, seus pais e vizinhos decorarem a rua inteira para o São João. Bandeiras de um lado ao outro da Avenida Pedro II, santinhos nas paredes e fogueira acesa em cada calçada. Hoje, as coisas mudaram; Marinês, não. Todos os anos, assim que a festa tem início no Parque do Povo, ela decora a fachada da casa.

“O ornamento é simples, mas é colocado com muito amor. Eu amo essa época. No dia 28 de maio, minha casa já estava pronta para o São João. Antigamente, a rua toda ficava enfeitada, hoje só eu continuo decorando. E vou continuar até quando puder”, diz a dona de casa.

Para pendurar as bandeirinhas, ela conta com a ajuda do neto de 12 anos, que, mesmo com a pouca idade, já viveu o suficiente para também se apaixonar pelo São João de Campina. “Acho que ele gosta até mais do que eu. Todo ano, ele diz para eu comprar bandeirinhas novas, fuxico, mais santinhos. Ele fica bem ansioso pra chegar logo a hora de enfeitar a casa”, narra a avó, orgulhosa de ter repassado a tradição.

O hábito do interior também tem espaço na capital paraibana

Em alguns bairros de João Pessoa, é possível encontrar pessoas que vivenciam o clima junino decorando suas casas com o tema desse período. Além de manter a tradição, o hábito é uma forma de resgatar memórias afetivas e transmitir a cultura nordestina para as novas gerações.

É o caso de Lusivaldo Vianna, 46 anos, morador do Castelo Branco. Ele conta que o seu pai, Jurandir Cavalvanti, gostava de decorar a casa em períodos festivos, como o Natal, o Carnaval e o São João — sendo esta última a sua comemoração preferida. “Ele faleceu em dezembro do ano passado, aos 85 anos. Apesar de ser uma perda recente, continuamos decorando a casa, porque é uma forma de preservar a memória dele”, conta.

Segundo Lusivaldo, na noite de São João, era comum os filhos e netos de “seu” Jurandir se reunirem para saborear comidas típicas, acender a fogueira e socializar com os vizinhos. “Ele adorava organizar a casa e receber visitas. Teve um ano em que organizamos até uma quadrilha. Acredito que a alegria foi o segredo da sua longevidade”, diz.

Em outro bairro, o Funcionários IV, o morador João de Souza, 65 anos, acabou de comprar itens de decoração junina no Shopping dos Fogos, localizado próximo ao Estádio Almeidão. De origem sertaneja, ele nunca deixou de celebrar o santo festeiro. “Nasci em São José de Caiana, mas moro em João Pessoa há 50 anos. Meu pai tinha um sí-

tio, onde sempre comemorávamos o São João”, lembra.

Os filhos de João moram em Brasília e no Rio de Janeiro, mas sentem falta de vivenciar a cultura nordestina, principalmente nesta época do ano. “A minha filha virá somente na primeira semana de julho, mas meu neto já disse para deixar a casa decorada, que é pra fazermos a nossa festa junina”, diz.

O São João tem um apelo especial para o aposentado, pois foi nessa data que ele se casou com a sua esposa, há 32 anos. “Todo ano, a gente enfeita a casa com motivos juninos, para manter a tradição. Mas também comemoramos o aniversário de casamento, deixando o clima mais romântico”.

Outra moradora do Castelo Branco, Renilde Soares, de 79 anos, mora na principal avenida do bairro, há mais de 40 anos. Saudosa, ela se lembra da tradição das festas juninas, com fogueiras, bandeirinhas e a presença dos moradores. “Meus pais gostavam bastante do São João, tenho muitas memórias afetivas dessa época”, diz.

Ela mantém o hábito herdado dos pais. Por ser muito católica, investiu nos estandartes dos santos do mês. “Todo ano, quem decora a casa sou eu. Não é preciso gastar muito para tornar o ambiente agradável. Só precisa ter criatividade e bom gosto”, arremata.



De forma inclusiva, moradores decidiram festejar o público neurodivergente

Decoração de rua de Patos é homenagem a jovem autista

O clima de São João toma conta de Patos, que se prepara para a maior festa do interior nordestino com uma decoração que se espalha pela cidade. As ruas Solon de Lucena e Epitácio Pessoa, que ficam no centro da cidade, estão recebendo estruturas em ferro, pintadas e decoradas com balões e bandeirinhas, além de iluminação externa.

Já na Rua José Germano de Araújo, no bairro Jatobá, visando a inclusão para pessoas com transtorno do espectro autista, os moradores decidiram prestar homenagem à jovem Mariana de Souza Ferreira, de 17 anos de idade, diagnosticada com o espectro autista, no nível 3, desde os cinco anos.

Desse modo, foram fei-

tos os ajustes para adequar a situação aos participantes. Para não causar desconforto e ansiedade nas crianças autistas, os organizadores escolheram tons de cores específicas (vermelho, amarelo, azul, verde e lilás) para os ornamentos. A música e a quadrilha serão em ritmo e volume de som confortáveis para eles. Também foi proibido o uso de fogos de artifícios e fogueira, visto que os ruídos altos e a fumaça podem ampliar a sensibilidade deles.

“O São João é uma festa cultural, que merece ser comemorada por todos. As crianças autistas podem e devem, sim, participar dessa comemoração”, diz Van-kerla Cordeiro de Sousa, mãe da homenageada.



Todos ajudam a enfeitar



Saudosa, Renilde mantém a tradição herdada dos pais

BULLYING

É preciso acolher, ouvir e orientar

Resolução de caso emblemático em escola da capital indica como tratar problema de maneira mais sensível e eficaz

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

Quem vê o médico veterinário Rafael Fonseca, de 34 anos, casado e prestes a ser pai, nem imagina que ele poderia não estar aqui para viver e contar sua história. Entre 2007 e 2008, tudo o que ele queria era desaparecer, após ter sido reconhecido como o mentor do grupo Bulicida, que exigia providências em relação a casos de *bullying* e ameaçava alunos, professores e funcionários de uma escola particular de João Pessoa. Esse grupo, na verdade, nunca existiu. Foi inventado por Rafael para fortalecer as ameaças.

Quando gerou pânico em familiares, que chegaram, inclusive, a mudar seus filhos de escola, o caso ganhou repercussão local e nacional. Mas essa história começa bem antes, em uma outra escola da capital. Lá, quando tinha 11 anos, Rafael sofreu *bullying* grave, com agressões físicas e constrangimentos rotineiros. “Isso gerou uma ferida interna, uma espécie de marca, que eu venho chamando de ‘pós-bullying’, e me gerou revolta na segunda escola, onde estudei na adolescência”, relata.

Esse “pós-bullying” é o que os especialistas chamam de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, um efeito tardio que pode ocorrer em vítimas de *bullying*. Como Ra-

fael não sabia nomeá-lo, também não tinha noção de que precisava de ajuda. “Eu sentia uma revolta, inclusive interpretando de forma exacerbada situações de *bullying* que aconteciam com outros estudantes, na segunda escola”.

Então, com gatilhos em ebulição, o jovem decidiu criar uma página nas redes sociais e publicar imagens intimidadoras, encapuzado e empunhando armas, enquanto ameaçava invadir a escola. “Eu tinha sempre a sensação de que era um problema geral, em todos os lugares, até chegar ao ponto de perder o medo e a vergonha, e encarar o problema de uma forma que foi se tornando violenta, por não possuir, na adolescência, o controle emocional de um adulto”.

Orientação e apoio

Para a psicopedagoga Anna Beatryz Vieira, situações desse tipo devem ser abordadas de maneira mais delicada, sem pânico. “Não é certo taxar, de cara, aquele que pratica o *bullying* como alguém que simplesmente escolhe causar dor ou sofrimento a alguém. A verdade é que esse comportamento é muito mais complexo e, muitas vezes, está relacionado a questões individuais, sociais e familiares do indivíduo, que pode estar vivendo seus próprios desafios emocionais”, alerta a profissional.

Trauma

Abalado por agressões e constrangimentos, Rafael usou as redes sociais para criar um grupo fictício e fazer ameaças ao local onde estudava, encapuzado e empunhando armas

Na época do caso de Rafael, há 17 anos, a escola “tateou” algumas medidas para manter a calma de todos, já que pouco se sabia, ainda, sobre o assunto. Mas esqueceu um detalhe crucial: acolher e ouvir, em vez de jogar pedras e demonizar. Porque, no fundo, as ameaças eram um pedido de socorro de um jovem que não conseguia superar sua dor. “São alunos que necessitam de maior orientação ao que está acontecendo, muito mais do que a necessidade de punição. Eles precisam de apoio também”, defende a coordenadora pedagógica Michelle Alves.



Atitudes de quem pratica *bullying*, segundo a psicopedagoga Anna Beatryz Vieira, refletem, muitas vezes, questões sociais e familiares, além de desafios emocionais do jovem

Psicólogos e promotores do MPPB ajudaram na recuperação do jovem



Para o estudante, ficam as lições e a certeza de que vale a pena buscar ajuda de profissionais sérios e comprometidos. Essa conduta pode salvar uma vida

Soraya Nóbrega

Rafael tentou se fazer ouvido. Tentou tanto, que acabou desistindo e, por causa disso, sentindo-se inseguro, ansioso e culpado. Até que, em sua confusão mental, decidiu ameaçar a escola, na esperança de que, assim, o *bullying* passasse a ser levado a sério. Também começou a tomar remédios de forma indiscriminada e sem acompanhamento médico, ao ponto de precisar de internação.

“A pressão era grande para ‘acabar’ com aquele ‘monstro’, ‘terrorista’ que causou tanta intranquilidade na sociedade, e o exemplo mais correto, na visão de muitos, seria mais violência. Não existia, para ele, mais sentido em viver. Por essa razão, decidiu que seria melhor morrer. Tentou o suicídio, ingerindo uma grande quantidade de remédio, tendo que ser hospitalizado com urgência. Felizmente, fracassou, porque foi encontrado por sua mãe, que, com o instinto maternal, pressentiu o perigo e socorreu seu filho em tempo hábil para o hospital”, conta a promotora da Infância e Juventude do Ministério Público da Paraíba (MPPB), Soraya Nóbrega, que, junto ao também promotor Alley Escorel, acompanhou o caso de Rafael e o ajudou.

Após a alta hospitalar, e com o apoio da família e dos promotores, o jovem se recuperou. O segredo para a mudança? Acolhimento. Ele foi assistido por psicólogos e

psiquiatras, que o ajudaram a entender seus conflitos. “Era preciso que ele tivesse consciência da prática de conduta conflituosa com a lei e de que a medida ‘punitiva’ imposta lhe recomendava uma reflexão profunda sobre seus atos e a consequência destes. Mas era fundamental que essa medida visasse sua recuperação e tivesse um caráter ressocializador”, explica Soraya.

Segundo a promotora, a medida socioeducativa, que incluía a prestação de serviços gratuitos na Promotoria da Infância e Juventude, foi cumprida com entusiasmo por Rafael. Nesse período, ele produziu vídeos sobre vários temas, como adoção, violência doméstica e abuso sexual. “Falar me ajudou bastante. É como se removesse aquela marca que estava presa a mim, o trauma foi desaparecendo até sumir. O tempo cura e, quando se fala sobre o trauma, a cura é muito mais rápida”, resume Rafael.

Para Soraya, o caso trouxe uma oportunidade de aprendizado para o MPPB, especialmente em relação à abordagem e ao conhecimento do *bullying*, bem como à melhor forma para sua prevenção e enfrentamento: “E, para o estudante, enquanto protagonista dessa história, ficam as lições e a certeza de que vale a pena buscar ajuda de profissionais sérios e comprometidos. Essa conduta pode salvar uma vida”.

Pais e instituições de ensino devem se manter alertas e oferecer suporte



A família e a escola precisam trabalhar juntos para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos

Anna Beatryz Vieira

Entre crianças e adolescentes em interação, desentendimentos são comuns, seja em brincadeiras ou atividades em sala de aula; a diferença para o *bullying* está na frequência desses atos e, principalmente, nas consequências. Para Anna Beatryz e Michelle Alves, o combate ao problema é uma questão de esforço coletivo, que deve envolver pais, professores e funcionários da escola antes mesmo de se identificar um caso.

Na visão das especialistas, a família precisa estar atenta ao comportamento do jovem, seja ele um possível agressor ou vítima, já que ambos os perfis precisam de apoio psicológico. “É necessário que os pais conheçam, de fato, seus filhos e se envolvam com mais diálogo, maior participação na rotina e manutenção permanente do contato com as escolas”, aconselha Michelle. Já Beatryz reforça que as instituições de ensino também devem estar alertas sobre o tema, promovendo uma cultura de respeito, empatia e tolerância entre os alunos, além de oferecer suporte para os que cometem e os que sofrem *bullying*. “A família e a escola precisam trabalhar juntas para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos”, resume.

Rafael chamou atenção, ainda, para a importância de um especialista, na prática

pria escola ou acionado por familiares, que consiga enxergar além do que o jovem expressa em uma conversa simples. “Creio que somente profissionais capacitados podem compreender melhor a mente de uma criança ou adolescente e buscar, assim, detectar o problema. Existem situações em que amigos próximos também podem ser um canal de comunicação mais fácil, informando para diretores e psicólogos sobre o que ocorre”, detalha, antes de frisar que, apesar do amparo familiar, “não deve ser esperado que os pais detectem isso em casa; é ainda mais difícil, principalmente pela vergonha. Somente um especialista tem técnicas para decifrar o que se passa com aquela criança ou adolescente”.

Em 2008, em meio à repercussão do caso de Rafael, foi sancionada a Lei Municipal nº 11.381, com a criação de um programa de combate ao *bullying* nas escolas municipais da capital. Naquele mesmo ano, a Promotoria da Infância do MPPB conseguiu que as denúncias contra *bullying* em todo o país pudessem ser feitas por meio do Disque 100, da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Outro efeito do episódio é que passaram a ser admitidas medidas socioeducativas para menores de idade no estado.

ALTO SERTÃO

Um convite aos recantos e eventos de Bom Sucesso

Ex-distrito de Soledade, município prospera com agropecuária, mas também oferece atrativos turísticos

Lara Ribeiro
Especial para A União

Sendo a cidade do Alto Sertão paraibano mais distante de João Pessoa, a cerca de 460 km da capital, Bom Sucesso situa-se em terras que, em meados de 1875, pertenciam às fazendas Santo Antônio, Catolezinho e São Bento. Naquele mesmo ano, o povoamento local cresceu, devido à instalação de um galpão no Sítio Bom Sucesso, onde se realizava semanalmente uma feira e eram celebradas missas. Apenas em 1941, porém, foi construída a Igreja Matriz de São José Operário, que se tornaria o padroeiro do município. Este, por sua vez, nasceu como distrito subordinado a Soledade, em 1959, conquistando sua emancipação política em 1963.

“Ao que se sabe, Bom Sucesso era um ponto de apoio para viajantes, onde eles poderiam descansar um pouco. Então, começaram a ficar mais tempo e,

assim, foi surgindo um pequeno povoado”, explica o secretário de Cultura da cidade, Ray Almeida. Segundo ele, o nome do município deriva do fato de que um desses desbravadores, possivelmente o mais influente, seria devoto de Nossa Senhora do Bom Sucesso. “Conta-se que ele se referia ao lugar como um espaço para veneração da santa católica, o que mais tarde veio a dar nome ao local”, relata.

Bom Sucesso possui uma população de 4.661 pessoas em um território de 186,059 km², conforme dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Suas principais fontes de renda são atividades agropecuárias: a cidade produz, principalmente, feijão, milho e capim, além de ser uma grande produtora de pecuária leiteira no estado. De acordo com o secretário de Cultura, o comércio local também impulsiona a economia bonsucessense. “Os

“

O lugar era um ponto de apoio para viajantes, onde poderiam descansar. Então, começaram a ficar mais tempo e surgiu um povoado

Ray Almeida

aposentados e pensionistas do INSS também representam uma grande parcela do município. Órgãos públicos municipais, estaduais e federais empregam um bom número de pessoas também”, destaca Ray.



Foto: Ray Almeida/Arquivo pessoal

A Igreja de São José foi erguida em 1941, bem antes da emancipação da cidade, em 1963

Festas e congressos religiosos reúnem visitantes da região

Segundo a professora Damiana Delmira, Bom Sucesso apresenta, entre seus pontos turísticos, belezas naturais, como a Serra do Maxixe (ou Serra da Repetidora), que oferece uma boa vista da cidade. Outro destaque do turismo local é um curioso atrativo histórico: o Museu José Matias, criado pelo estudante Alciane Alves. O jovem fundou a instituição em 2019, utilizando objetos antigos de sua família e itens doados pela população do município para representar costumes

de outras épocas na região, como moedas e até uma geladeira a gás de cozinha.

“Sempre me interessei por coisas antigas. Um dia, ganhei um ferro a brasa e gostei. Fui conseguindo mais peças até que minha mãe me deu um quarto para organizá-las. Depois, minha avó veio morar com a gente, e o museu passou a ser na casa dela. Resolvi fazer um museu de verdade, o primeiro de Bom Sucesso. Botei o nome de José Matias em homenagem ao meu bisavô”, informa Alciane.

“O museu serve para nos lembrar nosso passado, nossas melhores lembranças”, define o jovem, que disse já ter recebido, inclusive, uma excursão escolar no local. O Museu José Matias, segundo Alciane, não tem horário fixo de funcionamento, mas, no período da tarde, costuma ficar aberto das 13h às 17h.

De acordo com o secretário de Cultura, porém, o turismo religioso é o maior destaque na cidade. “Festas religiosas dos padroeiros de cada comunidade e do

próprio padroeiro do município, São José Operário, atraem inúmeros fiéis para os eventos que acontecem no mês de março. As igrejas evangélicas também realizam congressos e encontros que envolvem várias cidades do Sertão paraibano”, revela Ray Almeida.

A maioria da população bonsucessense, a propósito, é católica. Além da Igreja de São José, o município conta com capelas, santuários e uma localidade onde se acredita que Nossa Senhora da Salette tenha apa-

recido a dois agricultores. O segundo maior aglomerado religioso é o evangélico protestante, das igrejas Assembleia de Deus, Congregacional, Batista e Congregação Cristã no Brasil; mas, destas, somente a Assembleia tem congregações espalhadas por comunidades da cidade.

Ainda conforme o secretário, outro evento local de amplo alcance é a festividade de emancipação política de Bom Sucesso, celebrada no dia 17 de junho, que inclui não apenas programações religiosas, mas juninas e escolares, além de um show de grande porte.

Figuras ilustres

Entre as figuras ilustres de Bom Sucesso, de acordo com a professora Damiana Delmira, dois merecem destaque: além de Cícero

Ferreira da Silva, um dos fundadores da cidade, ela aponta a escritora e pedagoga Margarida Costa de Lima. Apesar de ter nascido em Catolé do Rocha, em 1939, Margarida reside em solo bonsucessense desde 1963, ano de emancipação da cidade, onde trabalhou na área da educação por 25 anos. Em reconhecimento ao seu compromisso com o desenvolvimento do município ao longo de sua carreira, ela foi homenageada com o título de Cidadã Bonsucessense, concedido pela Câmara Municipal de Bom Sucesso, em 1992.

“O que me satisfaz é ter a sensação de missão cumprida, pois todo o meu envolvimento foi para que as pessoas crescessem com conhecimento, postura social e se tornarem, através do meu esforço, cidadãos e cidadãs de bem. O que eu desejava era uma sociedade alicerçada pela formação educacional e social do seu povo”, explica Margarida.

Aos 80 anos, a escritora lançou, em abril de 2022, o livro “Bom Sucesso: A cidade que eu vi nascer”, obra de fôlego, em que buscou registrar toda a história da cidade. “Eu mergulhei em um mundo de pesquisas, li várias obras de historiadores das cidades circunvizinhas e fiz várias entrevistas. Passei 12 anos escrevendo”, revela.

■ Margarida Costa de Lima diz ter levado 12 anos para concluir seu livro sobre a história de Bom Sucesso, publicado há dois anos

Foto: Raniere Araújo Silva/Arquivo pessoal



Escritora e pedagoga, Margarida recebeu o título de Cidadã Bonsucessense por sua dedicação à educação municipal



Foto: Roberto Guedes

Cátia de França reencontra o público paraibano no Teatro de Arena, na final do Festival de Música da Paraíba

CANÇÕES E LUTA

‘A música resgata’

Cátia de França fala de sua grande apresentação no Festival de Música da Paraíba e de sua trajetória

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

No domingo passado, quando estava prestes a subir no palco da sétima edição do Festival de Música da Paraíba (FMPB), evento que lhe prestou homenagem, Cátia de França deu uns “cascudos” no chão da estrutura, montada no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa. A reportagem de **A União** perguntou à cantora o porquê daquele gesto antes de iniciar seu show. “Isso faz parte da minha religião, o Candomblé. É pedindo licença. E pedindo sorte, porque são 10 mil torcendo para dar certo, mas tem outros cinco mil querendo lhe lascar”, explica.

E será que uma artista com quase 50 anos de carreira ainda se sente nervosa antes de iniciar um show? Ela nos revelou que enquanto aguardava para fazer sua apresentação, ouvindo, do camarim, os 14 finalistas do FMPB, “sentia calores, frios, borboletas no estômago, como se fosse a primeira vez”. A devoção aos guias

de matriz africana e aos santos católicos lhe ajudam a superar a ansiedade. “Eu ando com um cinto que tem o escudo de Nossa Senhora Aparecida, a quem eu dedico uma canção no meu disco recente”, diz Cátia, mencionando a letra de “Fênix”.

Toda essa tensão, evoca Cátia, vem de suas participações em muitos festivais, dentro e fora de nosso estado. “Ninguém escapava da via de uma torcida contrária”, atesta, confessando que, antes, só conseguia relaxar depois de uma dose de uísque – ritual hoje abolido por ela. Ainda, de acordo com a filha da “dominadora” (asas dela) Adélia de França, festivais como o FMPB são importantes para trazer à tona aquilo que “está escondido”. E falando sobre sua celebração neste evento – ao lado do falecido poeta monteiroense Zé Marcolino – ela considera que foi tudo muito emocionante. “É um reconhecimento em tempo. Para que fazer depois que a pessoa se foi?”, questiona.

É preciso coragem
Cátia recorda participação num

festival, realizado no Teatro Santa Roza, na capital, no qual ganhou o primeiro lugar; como prêmio, pôde gravar um compacto de vinil pelo extinto selo Rozenblit. “Era 1970. Dizem que eu fui a primeira mulher a tocar guitarra no estado, durante esse evento. Recentemente, encontrei a reportagem feita pelo jornal **A União** dando conta deste prêmio”, detalha. No ano seguinte, outra participa-

“

Quando você é loira, nórdica, tudo fica mais fácil.

Aí chego eu, negra, gay, macumbeira... Eu incomodo

Cátia de França

ção célebre em festival: “Apresentei ‘Negritude’, que gravei recentemente para *No Rastro de Catarina*. Estávamos com o maestro Duda, de Recife. A eliminatória foi no Ceará, mas este eu não ganhei”.

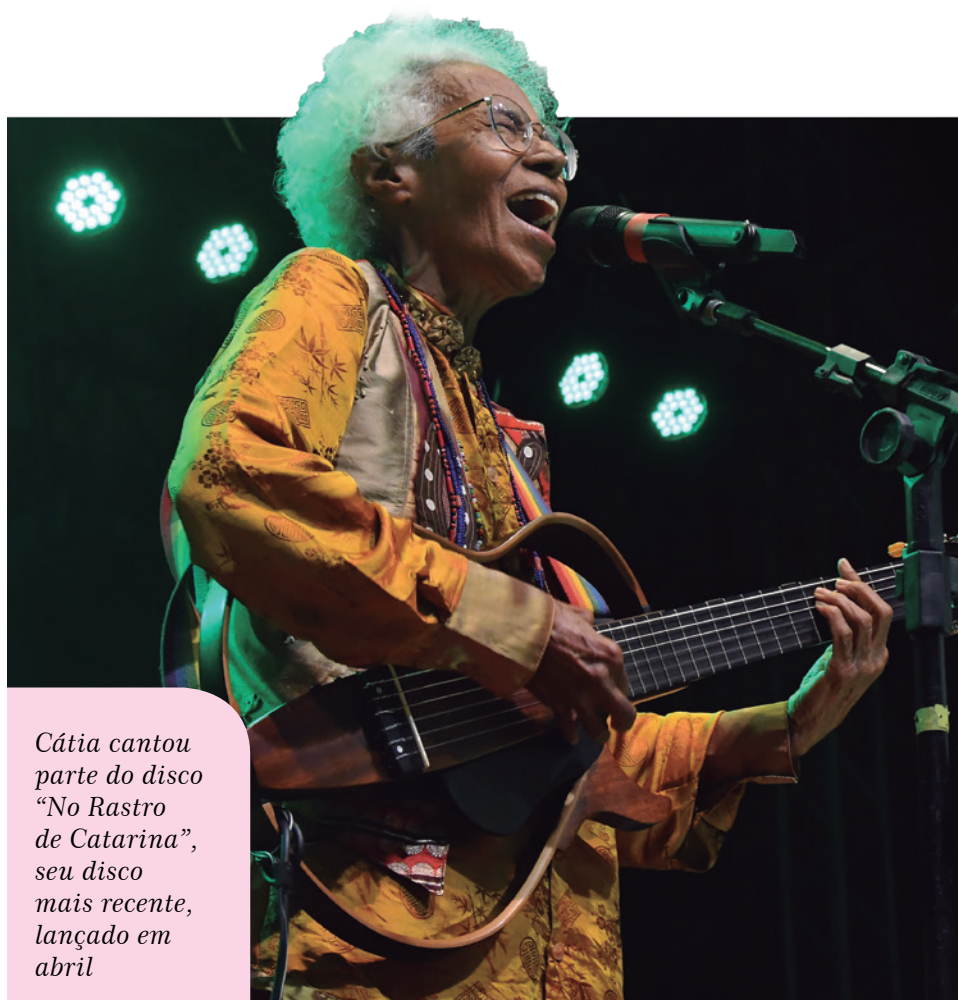
As músicas eleitas vencedoras pelo júri do Festival de Música da Paraíba, “Quilombo groove”, “Negro poder” e “Dalva e Livia” falam de temas caros a Cátia. As duas primeiras, compostas por Filosofino e pela dupla Sandra Belê e Ana Regina Limeira, respectivamente, tratam da ancestralidade do povo negro e da necessidade de nos reconectarmos com essas raízes. A terceira, escrita por Titá Moura, trata do amor entre duas mulheres e sobre como este afeto é ameaçado por forças repressoras. Cátia aprovou a escolha do júri, asseverando ainda que é preciso coragem para escolhê-las como ganhadoras: “Festival é isso, é feito para correr riscos, desarrumar as coisas”.

“Eu incomodo”

A cor de sua pele é, segundo Cátia, um dos fatores que lhe colocam

fora dos circuitos comerciais da música. Ela ainda pontua que apesar os episódios mais explícitos de racismo terem cessado, o preconceito continua a ser visto por ela em seu cotidiano, mas de forma camuflada. “Quando você é loira, nórdica, com as pernas bonitas, tudo fica mais fácil. Aí chego eu, negra, gay, macumbeira... Eu incomodo. Mas isso não faz de mim uma sofredora. Existe a música para resgatar a gente”, avalia a artista.

A última apresentação de Cátia em João Pessoa havia sido em dezembro do ano passado, na Usina Cultural Energisa: lotação de três mil pessoas. Ela relatou à nossa reportagem que depois deste show considerou voltar a morar na capital; Cátia reside há 17 anos num distrito de Nova Friburgo, região serrana do estado do Rio de Janeiro. “Eu pensei muito se não estava na hora de voltar. Eu tenho uma casa em Mangabeira, mas o grande problema de me mudar para cá seriam os meus animais de estimação. Tenho muito medo de que alguém os envenene. Isso precisa ser bem estudado”, afirma.



Cátia cantou parte do disco “No Rastro de Catarina”, seu disco mais recente, lançado em abril

Álbum tem canções de várias épocas

Cátia conta que já estava criando um calo nas costas dos tapinhas que recebia acompanhados da infame pergunta: “Quando é que sai o novo disco?”. Em abril, *No Rastro de Catarina* finalmente chegou às plataformas digitais. Quando da estreia de seus primeiros trabalhos, ela lembra que sofria muito para conseguir espaço nas rádios por conta do tão falado “jabá” – a “comissão” cobrada por certos veículos

para garantir a música na programação. “Lancei no momento certo, na hora certa. Quando fiz show em Olinda, todo mundo cantou junto. E hoje em dia, com o disco circulando na internet, se eu dou um ‘dó’ aqui, os esquimós escutam o ‘sí’. São 12 crianças (citando as faixas do disco) nascidas perfeitas”, declara.

Este álbum mais recente de Cátia tem canções de diversas datas – desde as mais

recentes, como “Em resposta”, parceria com Socorro Lira, composta em 2021, às mais antigas, como “Veias abertas”, datada de 1976. Parafraseando o título do novo disco, ela garante que suas canções “são o seu rastro”, por acompanharem ou representarem momentos marcantes de sua vida. “Indecisão, por exemplo, eu compus quando tinha apenas 14 anos”, detalha Cátia, sobre a música escrita em 1967.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre o medo e outros demônios

O medo pode provocar reações dispareas como o recolhimento covarde e a agressividade. Esta última é um sentimento indispensável à vida humana, que reflete sua dimensão mais primitiva.

Diante de ameaças reais temos, ao menos, duas possibilidades: o enfrentamento ativo e a sujeição passiva. Os tripulantes de um navio que está afundando podem acabar juntos com ele ou procurar uma saída mais inteligente do que se transformar em “comida de peixe”. A covardia é o signo dos derrotados! A grande virtude do herói é a audácia de encarar situações que na visão da mediocridade seriam insuperáveis.

Uma antiga lenda grega conta que o camponês Górdio assumiu o trono da Frígia com a morte do rei, que não deixou herdeiros. Na ocasião, o Oráculo prenunciou que o trono seria ocupado por um homem que chegasse à cidade em cima de uma carroça. Górdio assumiu o trono, mas como sentisse ligado a seu passado humilde, amarrou a carroça no interior do Templo de Zeus com um nó que durante 500 anos parecia impossível de ser desatado, até Alexandre o Grande o cortar com sua espada, tornando-se o maior conquistador de sua era e talvez da história do Ocidente. Daí surgiu a expressão nó górdio para se referir a situações de difícil solução.

O medo da morte é o mais poderoso de todos, costuma produzir efeitos paralisantes e reações violentas. É uma característica dos heróis enfrentá-lo. Heitor sabia que tinha poucas chances contra Aquiles, mesmo assim não fugiu da batalha. Numa de suas declarações mais penetrantes sobre a morte, o filósofo Bertrand Russell dizia com despreendimento e coragem invejáveis se recusar a temer a própria aniquilação, apesar do fato de seu corpo vir a apodrecer um dia e seu ego ser destruído. Segundo ele, “A felicidade não é menos felicidade porque deve chegar a um fim, nem o pensamento e o amor perdem seu valor porque não são eternos.”

Essa forma de pensar é uma exceção. A morte sempre esteve envolta em mistério religioso, temores, misticismo, magia, dor e sofrimento. É a inspiração mais dominante no espírito artístico, exercendo influência maior que o amor e qualquer outro sentimento. Sem a morte, suponho, não teríamos arte e religião. Fome e dor. A experiência humana seria radicalmente transformada naquilo que tem mais de dramática.

Não é à toa que Bauman afirma que a “incerteza e a vulnerabilidade são os alicerces do poder político”. Nessa perspectiva sociológica, é a partir do medo gerado por elas que o Es-

tado Moderno se afirma como protetor de seus cidadãos. Em tempos que prevalecem a lógica do mercado, a volatilidade do capital financeiro, o excesso de informações descartáveis, conflitos étnicos e a intolerância, o medo invade os recônditos da vida.

A promessa de proteção oferecida pelo Estado Moderno ganhou a forma de ilusão, transmutando-se num empreendimento individual. O ato de transferir para a esfera privada permite a retroalimentação do medo e o consumo de bens de segurança. O medo também foi colonizado pelo mercado – virando um negócio bilionário. As pessoas são estimuladas a ficar “paranóicas” com a segurança. Vivemos rodeados por muros e cercas elétricas. Filmados por câmeras de segurança.

A desconfiança é a regra.

A ansiedade uma das doenças deste tempo.

Os indivíduos querem controlar os acontecimentos, mas esses são regidos pelas incertezas. Veem-se impotentes, ao contrário dos heróis da antiguidade que tinham ao seu lado a infalibilidade do destino. O ato heroico estava, portanto, além das volições individuais; não necessariamente atrelado a um simples projeto ou desejo pessoal. Enquanto nós fomos atirados à nossa própria sorte. Como desatar esse nó górdio?

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Alienação constitutiva da pobreza

A deficiente condição para a subsistência humana é o critério que estabelece um conceito de pobreza. De acordo com o Banco Mundial, pobreza extrema é descrita como “uma situação de vida caracterizada por desnutrição, analfabetismo e doença, que está abaixo de qualquer padrão de dignidade humana” (World Bank, 1980, p. 32). Dessa forma, a pertença social à miséria e sua carência enquanto garantia mínima de posse definem os indivíduos pobres como aqueles que vivenciam condições sub-humanas em relação às necessidades básicas como moradia, alimentação, saúde, educação, lazer, entre outras. Em seu livro *The Concept of Poverty* (1970), Peter Townsend (1928 – 2009) afirma: “A pobreza só pode ser compreendida e aplicada no contexto do conceito de privação relativa” (1979, p. 31). É importante ressaltar que tanto a pobreza absoluta quanto a relativa são geralmente estabelecidas com base em um padrão mínimo quantificado. O conceito de pobreza absoluta adquiri maior eficácia ao destacar as consequências mais agressivas da extrema carência. O político português Alfredo Bruto da Costa (1938 – 2016), em seu artigo intitulado “Conceito de pobreza”, argumenta que: “A noção de pobreza relativa distorce um critério que leva em consideração o padrão de vida predominante na sociedade e identifica as condições nas quais os menos favorecidos ficam privados de participar plenamente da vida em sociedade” (1984, p. 286). Os dois perfis de privações descrevem os pobres como aqueles cujas vidas giram em torno da escassez.

A superação da pobreza ocorre quando se assegura aos pobres algo além do mínimo aceitável, que deve ser socialmente acessível. A pobreza, entendida como falta de acesso, é construída ao reduzir as demandas por superação a níveis próximos da existência animal. O filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político e jornalista alemão Karl Marx (1818 - 1883), em seu livro *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, escrito em 1844, ressalta que no sistema capitalista, o trabalhador pode sentir-se enganosamente livre e ativo ao desempenhar



Costa escreveu artigo “Conceito de pobreza”

atividades essenciais para sua sobrevivência, como morar, comer, beber e procriar, embora não seja verdadeiramente livre. Por outro lado, ao realizar suas atividades humanas, ele se percebe mais como um animal. O pensador afirma: “Quando as necessidades básicas são dissociadas das demais atividades humanas, estas se restringem a funções animais, resultando em uma existência marcada pela busca unilateral da subsistência e perpetuação da família, o que o torna meramente um ser animal. Sob essa ótica, a vivência da pobreza se apresenta como um empecilho para a concretização da própria essência humana no contexto social (Marx, 2004, p. 24). Vê-se que, enquanto fenômeno social, a experiência da pobreza produz obstáculos à realização de si.

A disparidade quantitativa entre ricos e pobres tem crescido e se torna um conflito social ainda não resolvido. Entender a pobreza de forma crítica implica analisá-la a partir das mudanças ocorridas na produção de bens e no desenvolvimento tecnológico ao longo dos séculos. A medida da pobreza deve ser baseada no grau de privação do acesso aos recursos produzidos coletivamente. Quanto mais distante alguém estiver de usufruir dos benefi-

cios do trabalho social, mais pobre será considerado. Quando a privação coloca em risco a sobrevivência, como a falta de acesso básico à alimentação e moradia, deparamo-nos com a miséria, a indigência, a penúria, cuja descrição mais apropriada talvez seja a barbárie.

A utilização, e não o domínio, da riqueza gerada socialmente evidencia que a carência decorre da falta de acesso ou uso comum de um recurso vital à dignidade humana. A solução para a pobreza não implica necessariamente na acumulação ou posse de bens, mas sim no acesso a eles. Quando o indivíduo, visando seu desenvolvimento material, não consegue obter o que foi produzido em sociedade, essa limitação não deve ser vista apenas como uma deficiência pessoal, mas também como a incapacidade de compartilhar o que se produz. Tal incapacidade não resulta apenas em um sofrimento individual, mas também vai contra o princípio da igualdade. Dessa forma, a alienação deve ser vista como um aspecto da pobreza, que inclui a negação das expectativas criadas socialmente e internalizadas subjetivamente. Ao considerar a escassez como uma característica da pobreza, percebe-se que os menos favorecidos são privados de sua dignidade.

Se o cidadão não reconhecer sua necessidade vital... Isso resulta da dinâmica social da qual, mesmo sendo pobre, também fez parte, então, essa ausência se torna uma forma de privação. Não conseguir acessar algo que ajudou a criar representa uma experiência de fracasso e é assim que a alienação se manifesta como um aspecto da condição de pobreza.

Sinta-se convidado à audição do 474º Domingo Sinfônico, deste dia 16, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintonize na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br ou <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Comentarei a virtuosidade da violoncelista britânica Jacqueline Mary du Pré (1945 - 1987). Mesmo sofrendo de esclerose múltipla, ela ficou eternizada no mundo da música clássica pela intensidade que colocava em suas interpretações e pela sua alegria de viver.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Foto: Vera Donato/ Divulgação



João Carlos Martins, recebendo um afago de Maria Bethânia

De Bach
a Bethânia

A certou em cheio a Editora Record, ao lançar *O Indomável, João Carlos Martins – Entre Som e Silêncio*, de autoria de Jamil Chade. O livro vai além do indomável, do singelo, do atualizado maestro.

Além de ser um livro fantástico, com passagens da vida do maestro, as perdas e vitórias, na apresentação da obra, Washington Olivetto diz que João Carlos Martins foi do clássico ao popular, de Bach a Bethânia.

Quando pensei em escrever sobre os 80 anos do maestro brasileiro, ele já está com 83 e segue com a música anos-luz. Quando li o livro, me senti envolvido e tão logo de um folego só, tomado no primeiro parágrafo. Leia o livro do Jamil Chade.

O som e o silêncio do maestro João Carlos Martins, é tão impressionantemente impetuoso, quanto a performance do maestro austríaco Karajan, que faleceu em 1989, e que mexeu com o mundo, nas diversas aparições, regendo a Orquestra Filarmônica de Berlim, com a mais bela tradução da Nona Sinfonia de Beethoven.

João tão perto, lá longe, na imensidão longeva do som, no ápice (ainda existe essa palavra?) com o amparo de todas as suas mãos e o estímulo das palmas do mundo, ao trazer nova luz à certeza de seus movimentos.

Entre o som, a palavra e o silêncio, o necessário nunca deixou de ser a coragem. É coragem mesmo, a palavra que João define, esse gigante maestro, até no momento que separa o som e o silêncio. Tudo é tão perfeito que arrepia.

João Carlos Martins é o sentimento do mundo do qual Drummond se referia para tornar ainda mais simples e profundo - em João, essa decisão de contar a própria história, após mais de oito décadas de vida.

Isso mesmo: som, silêncio e a coragem. Entre o som e o silêncio, o necessário lembra João Carlos, é a coragem. O cara com 83 anos e a bravura de contar os seus erros, seus defeitos, também os acertos e mostrar que, quando vai se aproximando o apagar da chama, a firmeza é o seu empurrão.

Não é a coragem que a vida quer da gente, como disse Guimarães Rosa. Não, a coragem de João é mostrar os erros e o que fez para corrigir, ampliar o som e seguir. Está tudo lá no livro *O Indomável, João Carlos Martins – Entre Som e Silêncio*.

Tudo é muito enternecedor e bonito no livro de Jamil Chade - as fotografias, João menino, João ninguém, João grandão, que lutou pra aperfeiçoar, se refazer, ser mais forte que o som e a palavra.

O último concerto com as duas mãos foi em 1998 com a Royal Philharmonic, em Londres. O último só com a mão esquerda foi em 2002, em Beijing. Há 26 anos ele não toca com as duas mãos e há 22, só com uma mão.

É incrível esse homem! Seus passos. Um girassol ereto indicando o sentido do som. Um maestro sisudo nos palcos, como estivesse no cinema ou ainda esperando nascer o som. Nunca deixará de ser verdadeiramente universal como Karajan. O João Carlos é mais do que o aprendizado, um professor, representante de todos. João Carlos Martins, o maestro todos e de todos os dias.

Kapetadas

- 1 -Deitar não leva ninguém a lugar algum. E é por isso que deitamos, individualmente, é claro.
- 2 - Sustentabilidade - assunto para banquetes de 400 talheres. Sustentoso - conversa para garfo e faca.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Pelas trilhas do Cariri paraibano

Considerado um professor bastante experiente naquilo que professava, criativo e conversador, ele sempre foi visto como uma pessoa amigável. Em bate-papo comigo, no mesão da Adufpb, também em sala de aula, seu tema preferido era a cultura popular. Seu nome, Nivalson Miranda, parceiro de saudosa memória. E isso me faz lembrar de um outro amigo e professor da mesma instituição, o folclorólogo José Nilton da Silva, também “cinemista” e bastante ativo nos dias atuais.

Pois bem, no final desta semana, uma década se passou que, depois de vários contatos e acertos, uma equipe de professores e técnicos da UFPB deslocou-se à região do Cariri paraibano, onde foram gravadas as cenas de mais um curta-metragem nosso, sob o título de *A Ninhada*. Um misto de ficção e documentário baseado no conto homônimo de Nivalson Miranda. Durante quatro dias, peregrinando por entre veredas espinhentas, livrando os répteis e muitos desafios, o grupo se desdobrou para conseguir as melhores imagens, na busca do que seria mais um trabalho de conotação, não só acadêmica.

Distante sete quilômetros do centro da cidade de Serra Branca, subindo e descendo rochas, a equipe formada por dois alunos meus de Mídias Digitais, Marcelo Quixaba e Joelma Cavalcanti, e do ator Ricardo Moreira, além dos professores Nivalson e José Nilton, conseguiu registrar personagens que se moviam sorradeiras como os próprios répteis ali existentes, entreolhando-se numa comunicação muda e estranha. E em frente à velha casa de tijolos, sem reboco, cercada de uma vegetação seca, numa tarde ensolarada, como tantas outras, eles assuntam o tempo – Seu Biu, Donana e o filho Zeca.

O olhar assustado, porém, interrogante da criança de ares brejeiros, terá sido o ponto de largada para uma nova estória a ser contada através do nosso audiovisual. Sobre a tal narrativa, diria o próprio autor, professor Nivalson Miranda: “Tratar-se de uma saga de vida, que simboliza não só um simples gesto infantil, mas, notadamente, o que seu ‘olhar’ pode significar de alerta, reprova-

ção e de denúncia, ao medo e à submissão em que ele vive com os pais, ainda, sob o jugo de um coronelato e dono de terras”.

A cenografia do lugar, um sem fim povoado de algarobas, facheiros e rochas, ainda não refletia tanto, naquele nosso momento de intenso labor, as preocupações sobre o tema, que pretendíamos abordar, mas, já nos dava uma ideia ao que se propunha o autor da estória. Seus personagens, “secos” como o próprio lugar, jamais se apercebem da sua singular importância, porquanto a rotina lhes tira a verdadeira noção do perigo ambiental, sobretudo, de um tempo a ser alcançado em suas existências. – Mais Coisas de Cinema, acesse: www.alexantost.com.br

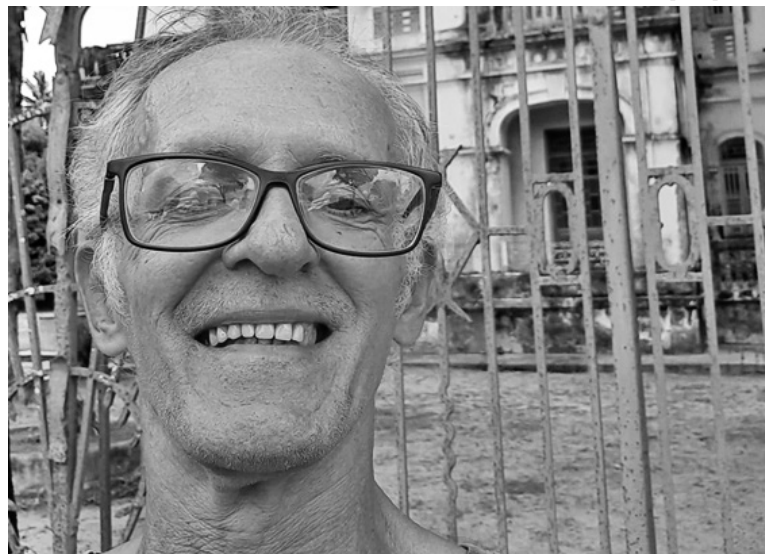


Foto: Arquivo pessoal

Ator Ricardo Moreira foi um dos integrantes da equipe que gravou o curta-metragem *A Ninhada*

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Por que você escreve

Por que você escreve, pergunta-me a jovem repórter.

Todo escritor, ensaísta, poeta, uma hora ou outra, vê-se diante desta indagação. Cada um, a partir de seus critérios e a seu modo especial, responde de maneira diferente. Seja por isso ou por aquilo, nenhum consegue dar a resposta completa, definitiva, absoluta, perfeita. Até porque essa resposta não existe. Pelo menos para mim.

Um afirma que escreve para poder suportar a solidão em sua volta. A solidão e seus enredos mutilados, suas crateras existenciais, seus pântanos profundos. Outro sustenta que escrever é habitar o silêncio das coisas ausentes, semear o solo adusto dos idiomas mortos, viajar por países imaginários ou pelos planetas perdidos dentro da alma.

Há de tudo que a fantasia permite no sabor das respostas mais variadas.

Gosto do assunto e vivo à cata de exemplos que, direta ou indiretamente, possam me ajudar na compreensão do ato de escrever. Ato que não dispensa – creio - a paixão, a disciplina, o cuidado, o ardor, a entrega face ao enigma sempre presente no miolo das palavras.

Muitos, dizem, escrevem para não morrer. Muitos, dizem, morrem quando escrevem.

Esse dialoga com seus mortos e os elege à categoria de entidades sagradas; aqueles fazem do verbo um ritual de sedução ou uma tática simbólica para capturar as vísceras do outro.

Uma escritora de minha província não titubeou e disse: “Se não escrevesse, já teria enlouquecido ou matado muita gente”. Já seu companheiro de ofício, avesso aos vocativos das ações trágicas, assegura que escreve apenas para brincar com o som e o sentido dos vocábulos; que para ele, palavras são apenas utensílios do faz de conta, pérolas pequeninas de sua coleção imaginária.

Um velho poeta, barba lendária e ar de sábio ancestral, tenta me convencer que escreve seus poemas como se participasse de um rito de passagem e que escrever, para ele, é se fundir com a teia cósmica, pôr a cabeça cansada no colo dos astros e adormecer acariciado pela mão das nuvens ou pelo brando fogo das estrelas.

Fulano de tal, romancista premiado, acadêmico, membro de múltiplas instituições culturais, defende a ideia de que escreve porque ainda não se fez a obra melhor e que só a ele foi dada essa graça, só ele foi eleito pela assembleia dos deuses estéticos para cumprir esse raro e ditoso destino. Ele viria, segundo me assegurou, fazer o que não conseguiram fazer um Flaubert, um Saramago, um Gabriel Garcia Márquez, um Machado de Assis, um Guimarães Rosa.

Uns dizem que escrevem para fazer amigos; outros, porque desejam ser amados. Há quem diga que escreve para tentar perder o medo da morte, já que existe aquele que escreve porque imagina ordenar o caos insuperável da vida. Alguns insistem em escrever porque procuram roubar pequeninas faíscas da eternidade ou transformar a escrita na dança mágica da salvação.

Não conto, precisamente porque o número é imenso, aqueles que, ao responderem à dita pergunta, lançam mão das comparações mais bizarras. E quanto mais falam no calor das ocasiões, menos entendo, de fato, a razão do ato de escrever.

Escrevo poemas como quem apunhala o próprio coração e deixa o sangue verter suas imagens doloridas. Escrevo ficção como quem edifica a própria casa, tijolo a tijolo, misturando os diversos ingredientes de uma argamassa fantástica. Escrevo como quem reza; escrevo como quem luta; escrevo como quem ama; escrevo como quem varre o chão da linguagem, limpando toda sujeira de sua semântica vazia.

Escrevo por causa disso, escrevo por causa daquilo. Cada um tem a sua resposta. A minha, no entanto, é muito simples: Não sei por que escrevo.

APC faz parceria com Aliança Francesa

A Academia Paraibana de Cinema e Aliança Francesa de João Pessoa, visando promover o cinema do Brasil e da França, acabam de celebrar uma parceria para exibições periódicas de filmes realizados pelos dois países. Trata-se de um acordo de cooperação institucional, entre a APC e Aliança Francesa, com sessões gratuitas na própria AF, no bairro de Cabo Branco, em João Pessoa.

A primeira sessão será na próxima quarta-feira (19), às 18h, com a presença da presidente Fátima Rocha, da Aliança Francesa, e do prof. João de Lima, presidente da APC, que exibirá o seu curta-metragem *Carta a Pedro*, sobre um protesto em Paris, em 1984, relacionado à questão migratória naquele país. Na oportunidade, serão exibidos dois curtas-metragens africanos.



LITERATURA

Influenciadora que viralizou ‘Brás Cubas’ agora elogia outro Machado: ‘Dom Casmurro’

Julia Queiroz
 Agência Estado

Courtney Henning, a escritora e influenciadora dos Estados Unidos que viralizou entre brasileiros após ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, terminou sua leitura de outro clássico do autor: *Dom Casmurro*.

Em um vídeo publicado quarta-feira nas redes sociais, ela contou que adorou a obra e que talvez ela seja o seu novo livro favorito. “Ele pode estar desbancando *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Não sei dizer. Eu amo demais ambos. Se você não conhece Machado de Assis, ele é um escritor brasileiro. Ele é um tesouro. O mundo inteiro deveria estar cantando seus louvores. Ele deveria estar no mesmo patamar que Shakespeare”, afirmou ela.

Courtney também deu sua opinião sobre um debate literário que permanece vivo no Brasil há décadas: Capitu traiu ou não traiu Bentinho? “Primeiramente, sinto muita inveja por vocês terem esse debate literário sobre o qual conversar. Acho isso tão legal. Entendo que há um debate, e as pessoas estão divididas em ambos os lados sobre se ela traiu ou não”, disse.

A influenciadora então explicou que não leu nenhuma resenha, crítica ou análise sobre o livro até o momento e

revelou que, para ela, Capitu não traiu Bentinho. “Eu acho que o narrador não é confiável. Ele está simplesmente destruído pela própria inveja, essa é a minha opinião. Você pode tentar me convencer do contrário. Eu vou ler análises e, quem sabe, posso mudar de ideia, mas essa é a minha impressão inicial”, justificou.

A versão que Courtney Henning leu foi traduzida para o inglês por Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Ela havia anunciado no dia 6, que faria uma pausa em sua tarefa de ler livros de todos os países do mundo para conferir a obra de Machado de Assis.

Foi por meio do projeto que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* chegou até ela. Na ocasião, Courtney elegeu o livro como novo favorito, chegando a lamentar no *post* que viralizou: “O que vou fazer do resto da minha vida depois que terminá-lo?”

A repercussão da postagem foi tamanha que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - na versão traduzida para o inglês por Flora Thomson-De Veaux - ficou em primeiro lugar entre os mais vendidos da Amazon dos Estados Unidos, na categoria “Literatura latino-americana e caribenha”. O sucesso internacional acabou repercutindo o livro por

aqui também, atraindo brasileiros que ainda não conheciam a obra.

A história

Na história de Dom Casmurro, Bentinho e Capitu são criados juntos e se apaixonam na adolescência. Mas a mãe dele, por força de uma promessa, decide enviá-lo ao seminário para que se torne padre. Lá o garoto conhece Escobar, de quem fica amigo íntimo.

Algum tempo depois, tanto um como outro deixam a vida eclesial e se casam. Escobar com Sancha, e Bentinho com Capitu. Os dois casais vivem tranquilamente até a morte de Escobar, quando Bentinho começa a desconfiar da fidelidade de sua mulher e percebe a assombrosa semelhança do filho Ezequiel com o ex-companheiro de seminário.

Essa desconfiança acompanha Bentinho ao logo de todo o romance. A ideia de que Ezequiel é filho de seu amigo Escobar, e não dele, por causa de semelhança física e de suas atitudes, e por outros indícios que ele apresenta, vai se tornando insuportável para o narrador de *Dom Casmurro*, livro que é leitura obrigatória nas escolas e presença frequente nas listas de livros de vestibular. (Com Colaboração de Dany Coelho e Maria Fernanda Rodrigues)

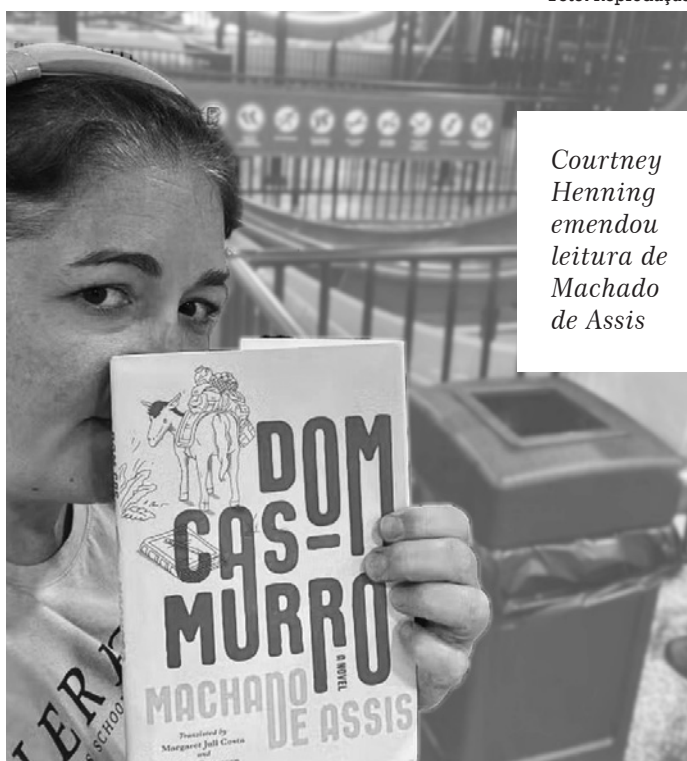


Foto: Reprodução

Courtney Henning emendou leitura de Machado de Assis

Em Cartaz

Cinema

Programação de hoje, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

ASSASSINO POR ACASO (*Hit Man*). EUA, 2024. Dir.: Richard Linklater. Elenco: Glen Powell, Adria Arjona. Aventura/ação/comédia. Falso assassino profissional ajuda uma mulher em perigo e se complica. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h45; leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30, 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h30, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h30, 20h45. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: 18h30, 21h.

ATREVIDA – A PAIXÃO NÃO TEM REGRAS (*Nepostlshnaya*). Rússia, 2023. Dir.: Dmitriy Suvorov. Elenco: Anastasiya Reznik, Aleksandr Petrov. Romance/erótico. Jovem ecologista se envolve com o presidente de uma grande construtora. 1h47. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 19h30.

AVASSALADORAS 2.0. Brasil, 2024. Dir.: Mara Mourão. Elenco: Fefe Schneider, Juliana Baroni, Murilo Bispo, Bibi Totto. Comédia/romance. Adolescente apaixonada finge ser atriz de Hollywood, mas corre o risco de ser descoberta. 1h33. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): 15h. CENTERPLEX MAG 4: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h40, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 3: 16h55, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 16h55, 21h.

MALLANDRO, O ERRADO QUE DEU CERTO. Brasil, 2024. Dir.: Marco Antonio Carvalho. Elenco: Sérgio Mallandro, Marianna Alexandre, Xuxa. Comédia. Sérgio Mallandro tenta dar a volta por cima na carreira, mas precisa se reinventar. 1h42. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h45, 17h, 19h40. CINESERCLA TAMBIA 4: 16h20. CINESERCLA TAMBIA 5: 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: 18h45. CINESERCLA PARTAGE 3: 16h20. **Patos:** MULTICINE PATOS 4: 17h20, 19h45.

1798 – REVOLTA DOS BÚZIOS. Brasil, 2024. Dir.: Antonio Olavo. Documentário. Na Bahia, homens negros organizaram levante contra o governo colonial. 1h13. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 17h.

A SEMENTE DO MAL (*Amelia's Children*). Portugal, 2023. Dir.: Gabriel Abrantes. Elenco: Brigitte Lundy-Paine, Carlotto Cotta, Alba Baptista. Terror. Homem procura família biológica, mas, além dos parentes, encontra segredos sombrios. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h10, 21h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h10, 21h10.

TODA NOITE ESTAREI LÁ. Brasil, 2024. Dir.: Tati Franklin, Suellen Vasconcelos. Documentário. Travesti impedida de entrar em igreja pentecostal toda noite protesta em frente ao lugar com cartazes. 1h12. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 17h.

13 SENTIMENTOS. Brasil, 2024. Dir.: Daniel Ribeiro. Elenco: Artur Volpi, Sidney Santiago, Michel Joelsas. Romance/comédia. Cineasta tenta engatar novo romance como se fosse o roteiro de um filme, mas a vida é diferente. 1h40. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 21h30.

UMA VIDA DE ESPERANÇA (*Ordinary Angels*). EUA, 2024. Dir.: Jon Gunn. Elenco: Hilary Swank, Alan Ritchson. Drama. Cabeleireira movimenta comunidade para ajudar viúvo a salvar filha. 1h58. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30, 18h45; leg.: 16h15, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 16h15, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h40, 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h40, 18h45.

CONTINUAÇÃO

AMIGOS IMAGINÁRIOS (*If*). EUA, 2024. Dir.: John Krasinski. Elenco: Ryan Reynolds, Cailey Fleming, John Krasinski. Vozes na dublagem brasileira: Murilo Benício, Giovanna Antonelli. Comédia. Garota vê amigos imaginários abandonados depois que os amigos reais deles envelheceram. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h45, 16h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h15.

BAD BOYS – ATÉ O FIM (*Bad Boys – Ride or Die*). EUA, 2024. Dir.: Adil El Arbi e Bilal Fallah. Elenco: Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. Policial/ação. Dois ex-policiais voltam à ativa para ajudar antigo chefe. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 17h15, 19h20; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h15, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE):

dub.: 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h, 16h45, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h, 18h15, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h, 18h15, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 19h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 16h30, 18h45, 21h. MULTICINE PATOS 1: dub.: 15h15, 17h50, 20h20.

DORIVAL CAYMMI, UM HOMEM DE AFETOS. Brasil, 2024. Dir.: Daniela Broitman. Documentário. A vida e obra do importante compositor baiano. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 15h.

A FILHA DO PALHAÇO. Brasil, 2024. Dir.: Pedro Diógenes. Elenco: Démick Lopes, Lis Sutter, Jesuítia Barbosa. Drama. Garota reata os laços com o pai, ator que faz shows de humor como transformista. 1h44. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom.: 19h.

FURIOSA – UMA SAGA MAD MAX (*Furiosa – A Mad Max Saga*). Austrália/EUA, 2024. Dir.: George Miller. Elenco: Anya Taylor-Joy, Chris Hemsworth, Tom Burke. Aventura/ficção científica. Em um futuro apocalíptico, jovem sequestrada por uma horda de motoqueiros luta para escapar. 2h28. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h15.

GARFIELD – FORA DE CASA (*The Garfield Movie*). Reino Unido/EUA/Hong Kong, 2024. Dir.: Mark Dindal. Comédia/aventura/animação. Garfield reencontra o pai e acaba metido em arriscado assalto. 1h41. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h15, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h20. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 16h05. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 14h30.

GRANDE SERTÃO. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes. Elenco: Luísa Arraes, Caio Blat, Rodrigo Lombardi, Luis Miranda, Eduardo Sterblitch. Drama/aventura. Professor entra em conflito de bandidos contra a polícia seguindo amigo por quem sente sentimentos conflituosos. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 19h.

HAIKYU 4 – A BATALHA DE CONCEITOS (*Gekijōban Haikyū – Gomi Suteba no Kessen*). Japão, 2017. Dir.: Susumu Mitsunaka. Comédia/animação. Time colegial de

vôlei se prepara para enfrentar difíceis adversários em torneio nacional. 1h25. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h.

IMACULADA (*Immaculate*). EUA/Itália, 2024. Dir.: Michael Mohan. Elenco: Sydney Sweeney, Álvaro Morte, Simona Tabasco. Terror. Jovem mulher religiosa é recebida em um convento, mas enfrenta forças do mal quando se descobre grávida. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 17h20, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 21h.

OS OBSERVADORES (*The Watchers*). EUA, 2024. Dir.: Ishana Shyamalan. Elenco: Dakota Fanning, Georgina Campbell, Olwen Fouéré. Terror. Mulher se vê presa em um ambiente onde ela e outros são observados por misteriosas criaturas. 1h42. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h30.

PLANETA DOS MACACOS – O REINADO (*Kingdom of the Planet of the Apes*). EUA, 2024. Dir.: Wes Ball. Elenco: Owen Teague (em captura de movimento), Freya Allan, William H. Macy. Ficção científica/aventura/drama. Em um futuro onde macacos dominam a Terra, um jovem primata começa a questionar o que foi ensinado. 2h25. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h15, 17h30, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h30, 18h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h15.

CONTATO

CENTERPLEX: (<https://www.centerplex.com.br/cinema/mag>). **CINE BANGUÊ:** (Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (<https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html>). **CINESERCLA:** (<https://www.cinesercla.com.br>). **CINE GUEDES:** (<https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema>). **MULTICINE:** (<https://www.multicinecinemas.com.br/>).
HOJE

Teatro

NÃO CONSUMA ESTE ESPETÁCULO. Do Laboratório de Investigação Cênica em Teatro do Absurdo do Curso Livre de Teatro do Theatro Santa Roza. Direção: Caio Ceragioli.

Enquanto cientista tenta desvendar mistério, pessoas são levadas por empresa para um experimento. Classificação livre.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, 284, Manaíra, João Pessoa - 3214.8021 - @ednaldodoegypt). Domingo, às 19h. Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia), antecipados por WhatsApp (83-98885.9228).

Música

HOJE

FESTIVAL SÃO JOÃO NA REDE. Shows de forró no Caminhão do Forró. Domingo (em São José de Caiana): Banda de Pífano (20h), Davi do Acordeon e Trio (20h40), Ripa na Chulipa (22h), Abdias do Acordeon (23h30).

São José de Caiana: Av. Prefeito Anatalcio Lopes da Silva, Centro. Domingo, a partir das 20h. Entrada franca.

IVETE SANGALO. Cantora puxa bloco de rua no evento Beijadilha.

Campina Grande: AV. BRASÍLIA. Domingo, às 16h. Ingressos: R\$ 560 (inteira), R\$ 300 + 2 kg de alimento (social) e R\$ 280 (meia), antecipados no Spazzio, nas lojas Rutra e na plataforma Acesso Ticket.

SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE. Shows de ritmos variados. Domingo (palco principal): Ranniery Gomes, Raynel Guedes, Thiago Aquino, Projeto À Vontade.

Campina Grande: Parque do Povo (Centro). Domingo. Entrada franca.

Exposições

CONTINUAÇÃO

O FEMININO NA LUZ DE CARAVAGGIO. Fotografias de Gustavo Carneiro.

João Pessoa: HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, 7, Varadouro). Visitação até 30 de junho. Entrada franca.

FLAVIO TAVARES + CHICO PEREIRA. Painéis dos dois artistas.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - 3219.0900). Visitação até 24 de junho. Entrada franca.

LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO

ASSINE O JORNAL A UNIÃO

 3218.6518 / (83) 99117 7042

 CIRCULACAO@EPC.PB.GOV.BR



Foto: Nylly Pereira/ALPB



Setores da Assembleia Legislativa expõem crucifixos e, antes de todas as sessões, deputados fazem leitura de trecho da Bíblia; apenas o cristianismo é representado no ambiente

FENÔMENO SOCIAL

O poder da religião na política da PB

Somente neste ano, a Assembleia Legislativa propôs 45 projetos que, de alguma forma, têm motivação religiosa

Tiago Bernardino
tiago.bernardino@gmail.com

A religião é um fenômeno social que está presente na maioria da vida e do cotidiano dos paraibanos. Os dados do Censo 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostraram que o número de igrejas na Paraíba é maior do que a quantidade de estabelecimentos de saúde e de educação somados. O jornal **A União** buscou verificar a relação da religião e a elaboração de leis na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

Por meio de um levantamento feito no Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) da ALPB, a reportagem verificou que apenas neste ano foram apresentados 45 projetos de leis que, de alguma forma, estão relacionados à religião. A grande maioria trata do reconhecimento de festividades religiosas, nos diversos municípios paraibanos, como patrimônio histórico, cultural e imaterial do estado da Paraíba.

No entanto, a religião está presente em outros espaços no Poder Legislativo Estadual — como na cruz, presente no alto do plenário da Casa de Epitácio Pessoa, e na Bíblia, que é lida no início de cada sessão. A leitura da Bíblia foi instituída pela Resolução nº 1.834/2019, proposta pelo deputado estadual Felipe Leitão. O autor justifica que a propositura está em consonância com o direito de manifestação religiosa confiante na Constituição Federal de 1988.

“Ora, em um estado laico, não ateu, não há proibições de manifestação de fé sendo esta livre, desde

que não respalde crimes, tais como crimes sob o argumento de fé, a exemplo de atentados terroristas. Ademais, um texto bíblico mencionado antes da abertura dos trabalhos diários reforçará os esteios da Casa Legislativa paraibana, posto que coadunam com os mesmos valores de justiça social, igualdade, equidade, dignidade, proteção ao hipossuficiente, acessibilidade, altruísmo, etc.”, afirma Felipe Leitão na justificativa a proposição da resolução.

Mais recentemente, na sessão ordinária do dia 5 de junho deste ano, a ALPB aprovou o projeto de lei que reconhece a saudação “A Paz do Senhor Jesus” como patrimônio cultural de natureza imaterial do Estado da Paraíba. O deputado estadual Galego Souza (PP), autor da propositura, afirma que os evangélicos hoje representam cerca de 22% da população brasileira, de acordo com o IBGE, e que não pode ser desconsiderada a influência cultural dessa parcela da população.

“Um dos costumes mais conhecidos dos evangélicos é o de se cumprimentarem de uma maneira peculiar com a expressão ‘A paz do Senhor Jesus’. A saudação é uma tradição cristã, em que todos se cumprimentam com um aperto de mão, hábito herdado desde os tempos dos apóstolos de Jesus, que saudavam os irmãos, tanto pessoalmente quanto por meio de suas epístolas, no início e no fim delas”, argumenta Galego de Souza, na justificativa do projeto de lei.

O professor e pesquisador da influência de religiosos nas políticas públicas, Alex Soares, explica que a

Autores de matérias pautadas na fé cristã dizem que proposições não ferem a laicidade do Estado Brasileiro

atuação das diversas denominações do protestantismo, principalmente nas comunidades periféricas do Brasil, faz com que ele seja a religião que mais ganha novos adeptos. “Como reflexo, os pastores se tornam não apenas referências religiosas, mas também políticas. Passam a ser verdadeiros líderes políticos e a influenciar nos votos dos fiéis”, comenta Alex Soares.

Na última quarta-feira (12), a ALPB também realizou uma sessão especial dedicada aos evangélicos, requerida pela deputada estadual Lucinha Lima (PSD). Ela afirmou que a sessão serviria para homenagear os grandes líderes evangélicos da Paraíba.

“O reconhecimento destes líderes é de fundamental importância, por serem arrematadores de várias pessoas que professam credo livre e reafirmam o direito à liberdade religiosa constante em nossa Constituição Federal. É um passo definitivo desta Casa para o reconhecimento das autoridades eclesiais que tanto contribuem para o desenvolvimento do nosso estado, espiritualidade do nosso povo e amenização de dores”, destaca, na solicitação da sessão especial.

Fundamentalismo representa risco

De acordo com a doutora em Sociologia Wilka Barbosa as crenças e os valores religiosos possuem uma grande influência em diversos campos da sociedade, como na cultura e na política. “No momento em que a sociedade brasileira, com sua laicidade, tem mandatários políticos religiosos na sua bancada governamental, deparamos com desafios, pois não são todas as religiões que ganham esse poder e visibilidade”, afirma a especialista.

Wilka Barbosa defende que não é proibido um religioso assumir um cargo político, no entanto, ressalta o problema de quando o

cargo é utilizado para a reprodução de condutas tradicionalistas e fundamentalistas.

“Temáticas que deveriam ser tratadas a partir do viés da política pública, levando em consideração a realidade social, acabam sendo santificadas ou demonizadas, como é o caso do estupro, do aborto, da educação sexual como um todo. Diante disso, cabem os questionamentos: quais são as religiões que ganham força política? Para quem elas governam? Desse modo, a laicidade do Brasil está posta em xeque e as políticas públicas também”, opina Wilka Barbosa.

Para o pesquisador Alex

Soares, os grupos religiosos, principalmente evangélicos e alguns católicos, têm se aliado a uma parcela conservadora da população para lograr mais êxito nas eleições do que representantes de outras religiões.

“Como consequência da falta de representatividade de pessoas de outras religiões, podemos ter o aumento de pautas que podem levar ao preconceito contra crenças e manifestações livres de cultos religiosos. O aumento de pautas conservadoras não prejudica somente as pessoas de religiões com menos adeptos, mas a toda a sociedade”, lamenta Alex Soares.



Foto: Arquivo pessoal

Falta de pessoas de outras religiões pode aumentar as pautas que levam ao preconceito e que prejudicam toda a sociedade

Alex Soares



Foto: Arquivo pessoal

Temáticas que deveriam ser tratadas a partir do viés da política pública acabam sendo santificadas ou demonizadas

Wilka Barbosa

PREJUÍZO A INVESTIGAÇÕES

PL que encerra delação premiada é alvo de críticas

Texto desagradou especialistas e aguarda votação na Câmara Federal

Lucas Pordeus León
Agência Brasil

O projeto de lei (PL) que proíbe que pessoas presas façam delação premiada, se aprovado, vai prejudicar as investigações policiais, podendo favorecer as organizações criminosas. A avaliação é de especialistas no tema. A urgência do PL nº 4.372 de 2016 foi aprovada no último dia 13 na Câmara dos Deputados, em votação simbólica, ou seja, quando os parlamentares não precisam registrar o voto no painel eletrônico.

O policial federal e doutorando na área de Segurança Pública, Roberto Uchôa, avalia que a delação premiada é fundamental para desvendar o funcionamento de

uma organização criminosa. "Em determinadas situações, para conhecer como funciona uma organização criminosa, você precisa que membros dessa organização contem como ela funciona. Isso poupa recursos do Estado, poupa tempo de trabalho. Isso facilita, inclusive, a descoberta de lavagem de dinheiro e repatriamento de capitais. São muitos benefícios", destacou o membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Segundo Uchôa, dificilmente a polícia chegaria aos supostos mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Torres sem a delação do policial militar Ronnie Lessa, que já estava pre-

so. "Sem a delação do Lessa não teria como descobrir o envolvimento do ex-chefe da Polícia Civil no caso. São situações em que a delação premiada é importante justamente por permitir que você tome conhecimento da dimensão da organização como um todo", completou.

Urgência

Com a urgência aprovada, o mérito do texto pode ser pautado a qualquer momento no plenário, sem necessidade de passar por análise nas comissões. Apesar de a votação ter sido simbólica, lideranças do PT, PCdoB, PSB, PSol, Rede, Novo e alguns parlamentares se manifestaram contra a aprovação dessa urgência.

Legislação atual reprime abusos

A integrante da executiva nacional da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD), Tânia Maria de Oliveira, também avalia que o projeto prejudica investigações. Ela lembra que o tema foi inicialmente proposto em 2016 pelo então deputado Wadih Damous (PT-RJ) como uma resposta aos supostos abusos da operação Lava Jato.

"A delação passou a ser usada a partir de 2014 pela Operação Lava Jato de forma completamente abusiva e ilegal. Havia a regra na

Lava Jato de prender para delatar", destacou. Porém, a especialista alerta que brechas na lei que permitiam os abusos do uso da delação premiada foram sanadas pela Lei nº 13.964, aprovada em 2019 e conhecida como Pacote Anti-Crime. A legislação de 2019 proibiu delações sobre temas que não tivessem relação com a investigação, e vetou delações de crimes que o réu não tenha participado. "Hoje, para fazer delação, a pessoa tem que ter participado, está lá na Lei nº 13.964.

Outra coisa é que todas as etapas da delação premiada são obrigatoriamente gravadas e a pessoa que delata fica com a cópia da delação", argumenta.

Para a jurista, o projeto em tramitação na Câmara deve ter interesses para além dos possíveis efeitos jurídicos do projeto. "A gente tem muitas investigações em curso, muitas pessoas sendo ainda procuradas, que estão forçadas. Então, talvez eles estejam de olho nisso, de impedir novas delações de pessoas presas".

Projeto tem forte apoio

Ao defender a matéria no plenário, um dos autores do pedido de urgência, o deputado federal Luciano Amaral (PV-AL), argumentou que é preciso aprimorar a lei de colaboração premiada no Brasil. "[Temos que] impedir que colaborações de réus presos sejam feitas sob pressão, praticamente sob tortura. E também defendo que os terceiros imputados, os terceiros implicados naquele momento, tenham condição de impugnar o acordo de colaboração e a decisão homologatória", afirmou.

Em nota divulgada à imprensa, Luciano afirma que a medida tem "natureza eminentemente técnica" e que não serve para atingir investigações ou processos específicos. "Sustentar coisa semelhante é mesmo criar uma falsa narrativa com o espúrio objetivo de impedir que o parlamento brasileiro finalmente promova os aprimoramentos que há muito



Urgência do PL nº 4.372 foi aprovada no último dia 13 pelos deputados federais e texto pode ser levado para plenário a qualquer momento

Foto: Divulgação/Câmara dos Deputados



Curtas

Pacheco apresenta projeto sobre dívida dos estados

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, deve apresentar, nos próximos dias, ao presidente Lula e à equipe econômica do governo um projeto que trata da renegociação das dívidas dos estados. O parlamentar sugere a mudança do indexador dos débitos, o uso de créditos judiciais e a federalização de estatais, argumentando que o Plano de Recuperação Fiscal paralisa a máquina pública e não resulta na quitação das dívidas. Para o senador, a proposta vai resolver o problema de diversos entes federados, a exemplo de Minas Gerais e São Paulo.

Durante entrevista coletiva na última semana, Pacheco salientou que "a proposta deverá buscar alternativas para o pagamento das dívidas que não sacrifiquem servidores públicos dos estados nem levem ao 'entreguismo' do patrimônio estatal". "Acho que haverá muita boa vontade das bancadas do Senado de poder dar uma solução ao maior problema federativo que temos hoje: o impasse entre estados e União em relação a suas dívidas", avaliou.

CDH debate mudanças na lei contra o abuso infantil

A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado analisa nesta quarta-feira (19), a partir das 11h, o projeto de lei que altera a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente, recentemente sancionada. O texto é um dos 11 itens da pauta e propõe objetivos, ações e mecanismos de financiamento relacionados à prevenção e ao enfrentamento da violência sexual. Além disso, a proposta aumenta as penas para esse tipo de crime.

Do senador Styvenson Valentim (Podemos-RN), o PL nº 2.892/19 recebeu parecer favorável da senadora Damares Alves (Republicanos-DF), na forma de um substitutivo. A relatora disse que precisou modificar o projeto em razão da sanção da Lei nº 14.811/24, que instituiu a política pública e já contemplou vários dispositivos da proposta. A nova lei aborda, de maneira geral, as medidas de prevenção e combate à violência contra crianças e adolescentes em estabelecimentos educacionais e o desenvolvimento de protocolos de proteção.

PL padroniza regras para concessão de passe livre

O projeto de lei que estabelece normas nacionais para a concessão do passe livre estudantil (PL nº 1.706/19) é um dos assuntos analisados pelo senadores na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, nesta terça-feira (18), às 10h. O projeto, do senador Izalci Lucas (PL-DF), recebeu relatório favorável do senador Sérgio Petecão (PSD-AC), com a sugestão de emendas. Pelo projeto, todos os estudantes matriculados em instituições regulares de ensino que comprovem a frequência escolar terão direito ao transporte urbano ou semiurbano gratuito para ir da sua residência ao local das aulas.

O projeto padroniza, em nível nacional, as regras para a concessão do passe estudantil. O relator incluiu, em emenda, que o estado, o Distrito Federal ou o município pode levar em consideração, na concessão do benefício, a renda familiar, bem como estabelecer limite de viagens por mês para cada estudante. A gratuidade do passe deverá ser financiada pelo estado ou município responsável pela instituição em que o aluno estiver matriculado.

Proposta prevê punição em casos de discriminação por TEA

A Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Câmara dos Deputados aprovou proposta que prevê punições, como advertência e multa, para quem praticar, induzir ou incentivar atos discriminatórios contra pessoas com Transtorno de Espectro Autista (TEA). O texto define discriminação como qualquer forma de distinção, recusa, restrição ou exclusão, inclusive por meio de comentários pejorativos, por ação ou omissão, presencialmente, por redes sociais ou veículos de comunicação.

As punições previstas são: advertência por escrito e encaminhamento do infrator para participação em palestras educativas sobre o TEA; multa de um salário mínimo no caso de pessoa física; multa de cinco salários mínimos para empresas; e suspensão de participação em licitações públicas. O projeto prevê a responsabilização do agente público que, no exercício de suas funções, praticar atos descritos no texto. A matéria será analisada pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ).



Foto: Arquivo pessoal

Em determinadas situações, para conhecer como funciona uma organização criminosa, você precisa que membros dessa organização te contem como ela funciona

Roberto Uchôa

POLÍTICA NACIONAL

País ganha norma para monitorar a qualidade do ar

Legislação pretende assegurar a preservação da saúde pública e meio ambiente equilibrado para a população

■ Entre os princípios da nova lei destacam-se a prevenção, a adoção de padrões e a instituição de mecanismos de fiscalização

Da Redação
Com Agência Senado

O monitoramento da qualidade do ar no Brasil passou a ser uma política nacional por meio da Lei 14.850/24, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva no mês passado. Entre os princípios da norma destacam-se a prevenção, a visão sistêmica e o desenvolvimento sustentável, com a instituição de mecanismos de fiscalização e a divulgação dos dados para a população.

A chamada Política Nacional de Qualidade do Ar pretende assegurar a preservação da saúde pública, do bem-estar e da qualidade ambiental para as presentes e futuras gerações. O texto cria o Sistema Nacional de Gestão da Qualidade do Ar (MonitoAr) e determina como instrumentos para a qualidade do ar o estabelecimento de limites máximos de emissão atmosférica e seu inventário; adoção de padrões de qualidade do ar e seu monitoramento; criação de planos setoriais de gestão da qualidade do ar e de controle da poluição por fontes de emissão, entre outros.

De iniciativa do deputado licenciado e ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira (PT-SP), a norma prevê que a União, por meio do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), estabelecerá padrões nacionais de qualidade do ar que integrarão o Programa Nacional de Controle da Qualidade do Ar (Pronar).

O texto inicial previa que os estados e o Distrito Federal poderiam estabelecer, em regulamentos próprios, padrões de qualidade do ar em seus territórios, desde que mais restritivos que os padrões nacionais de qualidade do ar vigentes. Entretanto, essa parte foi vetada pelo presidente Lula sob o argumento de que a normatização dos padrões de qualidade pelo Conama “garante unicidade e segurança jurídica e operacional à regulamentação”.

Fiscalização

O monitoramento da qualidade do ar ficará sob a responsabilidade dos órgãos e instituições integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), que deverão criar uma Rede Nacional de Monitoramento da Qualidade do Ar.



Altos níveis de poluição reforçam importância de reduzir o uso de combustíveis fósseis

Foto: Daniel Teixeira/Estadão Conteúdo

Inventário reunirá fontes de emissões atmosféricas no país

O inventário de emissões atmosféricas será elaborado na forma definida em regulamento e apresentado pelos estados e DF ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), mas sem a fixação de prazos, contrariando o que previa o texto original.

Os municípios contribuirão para elaboração do inventário estadual com informações sobre a circulação de veículos em seus territórios e outras fontes de emissão. O inventário deverá conter, no

mínimo, as fontes de emissão do local e sua distribuição geográfica, poluentes, metodologia de estimativa de emissões e lacunas de informações identificadas.

A União, por meio do MMA, elaborará o Plano Nacional de Gestão da Qualidade do Ar, com vigência por prazo indeterminado e perspectiva de duração de 20 anos, a ser atualizado a cada quatro anos. O plano deverá ter como conteúdo mínimo o diagnóstico, a proposição de cenários,

as metas e os prazos para a execução dos programas.

Os órgãos ambientais estaduais e distrital deverão elaborar, no prazo máximo de dois anos após a publicação do inventário estadual ou distrital de emissões de poluentes atmosféricos, o Plano Estadual ou Distrital de Gestão da Qualidade do Ar.

“A proposição busca ainda fomentar políticas públicas de gestão da qualidade do ar como, por exemplo, políticas de apoio e fortalecimento

institucional aos demais órgãos do Sisnama, responsáveis pela execução das ações locais de gestão da qualidade do ar, que envolvem o licenciamento ambiental, o monitoramento da qualidade do ar, a elaboração de inventários de emissões locais, a definição de áreas prioritárias para o controle de emissões, a fiscalização das emissões pelo setor de transportes, o combate às queimadas, entre outras”, destacou o senador Fabiano Contarato (PT-ES) no relatório

apresentado no Senado.

Alerta

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a poluição do ar representa o maior risco ambiental para a saúde humana. Cerca de sete milhões de pessoas morrem vítimas de problemas respiratórios causados por poluentes, como a asma e o câncer de pulmão. Segundo o Ministério da Saúde, 6,4 milhões de cidadãos acima de 18 anos sofrem com asma no Brasil.

Plano

Documento, elaborado pela União, abrange diagnóstico, proposição de cenários, metas e prazos para a execução dos programas

OMS adverte que 99% da população mundial respira ar poluído

Agência ONU

Ainda segundo dados da OMS, quase toda a população do mundo (99%) respira ar que excede os limites de qualidade recomendados. Os dados são de 2022, do banco de dados de qualidade do ar da agência, e revelam que, em todo o mundo, as pessoas respiram níveis insalubres de material particulado fino e dióxido de nitrogênio (NO₂), principalmente em países de baixa e média renda.

Naquele ano, o relatório apontou que um número recorde de mais de seis mil cidades em 117 países já havia começado a monitorar a qualidade do ar, mas seus habitantes ainda respiravam níveis insalubres de substâncias nocivas. Pessoas em países de baixa e média renda sofrem as maiores exposições, destacou a OMS.

As evidências levaram a organização a destacar a importância de reduzir o uso de combustíveis fósseis e tomar outras medi-

das tangíveis para reduzir os níveis de poluição do ar.

O relatório apresentou, pela primeira vez, medições terrestres das concentrações médias anuais de NO₂, um poluente urbano comum e precursor do material particulado e do ozônio. Incluiu também medições de partículas com diâmetros iguais ou inferiores a 10 µm (PM₁₀) ou 2,5 µm (PM_{2,5}). Ambos os grupos de poluentes se originam principalmente de atividades humanas relacionadas à queima de combustíveis fósseis.

Prejuízos à saúde

Enquanto isso, a base de evidências para os prejuízos que a poluição do ar causa ao corpo humano vem crescendo rapidamente e aponta para danos significativos causados até mesmo por baixos níveis de muitos poluentes do ar.

O material particulado, especialmente o PM_{2,5}, é capaz de penetrar profundamente nos pulmões e entrar na corrente sanguínea, causando impactos cardiovasculares, cerebrovasculares (AVC) e respiratórios.

Há evidências emergentes de que o material particulado afeta outros órgãos, também causando diversas doenças.

De acordo com a OMS, o dióxido de nitrogênio está associado a doenças respiratórias, principalmente asma, levando a sintomas como tosse, chiado ou dificuldade para respirar, internações hospitalares e alta na busca por serviços de emergência.

Globalmente, os países de baixa e média renda ainda apresentam maior

exposição a níveis insalubres de material particulado em comparação com a média mundial, mas os padrões de NO₂ são diferentes, mostrando menor diferença entre os países de alta e baixa e média renda.

Além disso, as pessoas que vivem em países de baixa e média renda são as mais expostas à poluição do ar. Elas também são as menos cobertas em termos de medição da qualidade do ar, o que reforça a necessidade de políticas públicas mais rigorosas.

INSCRIÇÕES ABERTAS

Cagepa tem 80 vagas em 26 cargos

Companhia lançou edital para candidatos de níveis técnico e superior; remunerações chegam a R\$ 12.002

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

Quem estava aguardando o concurso da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) já pode fazer sua inscrição. O prazo para participar do processo seletivo iniciou na última quinta-feira e vai até as 18h do dia 18 de julho. O certame oferta 80 vagas, distribuídas em 18 cargos de nível técnico e oito, de nível superior. Do total de vagas, duas são destinadas a Pessoas com Deficiência (PCDs) e 13, a pretos e pardos.

As funções com o maior número de contratações previstas são engenheiro civil (16), técnico em Saneamento (10), técnico em Segurança do Trabalho (6) e técnico em Eletrotécnica (4). Também são ofertadas oportunidades para outros 17 cargos de nível superior: administrador; advogado; analista de sistemas – sistemas de Tecnologia da Informação (TI); analista de sistemas – suporte de TI; arquiteto; assistente social; atuário; contador; economista; engenheiro ambiental e sanitário; engenheiro eletricista; engenheiro mecânico; engenheiro químico; jornalista; médico do trabalho; psicólogo e tecnólogo em Geoprocessamento. Em nível médio, há vagas para técnicos em Eletrônica, Enfermagem do Trabalho, Geoprocessamento, Informática e Mecânica.

Para se inscrever, os interessados devem acessar o site da banca organizadora, o Centro Brasileiro

de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). É possível concorrer a cargos diferentes, desde que não sejam ambos do mesmo nível de escolaridade. Já a taxa de inscrição é de R\$ 97,50, para as inscrições de nível médio técnico, e R\$ 107,10, para as vagas que exigem curso de graduação.

Até as 18h do próximo sábado (22), também é possível solicitar isenção nas inscrições. Estão aptos os candidatos que se enquadram em um desses cinco perfis: doadoras de leite materno, doadores de sangue, doadores de medula óssea, transplantados e doadores de órgãos cuja família esteja inscrita no CadÚnico e doadores de plasma sanguíneo por pessoas curadas do Covid-19. Os requisitos necessários para cada um dos casos estão disponíveis no edital do concurso.

A maioria dos cargos tem jornada de trabalho de 44 horas semanais. As exceções são assistente social, com a carga horária de 30 horas, e médico do trabalho, cujo aprovado cumprirá uma jornada de 20 horas por semana. A remuneração também varia. Enquanto os aprovados para as funções de nível técnico receberão R\$ 2.953,66, a maior parte dos contratados em nível superior terá o salário entre R\$ 3.992,63 e R\$ 4.275,20. O destaque fica por conta das vagas para engenheiros, cujos vencimentos previstos são no valor de R\$ 12.002,00.



Foto: João Pectrossa

Provas objetivas e discursivas serão aplicadas pela Cebbraspe, nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos

Regras

Todos os cargos têm jornada de trabalho de 44 horas semanais, exceto assistente social e médico do trabalho, que preveem cumprimento de 30 e 20 horas, respectivamente

Provas

As primeiras etapas da seleção consistem em provas objetivas e discursivas, voltadas para todos os cargos e realizadas conjunta-

mente. O Cebbraspe reservou o dia 1º de setembro para as duas avaliações, que serão aplicadas pela manhã, para os candidatos de nível superior, e à tarde, para os interessados de nível médio técnico. Já os locais de prova estarão distribuídos nos municípios de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

Na prova objetiva, a maior parte dos candidatos terá 30 questões de conhecimentos gerais e 40, de temáticas específicas. O exame será diferente apenas para as vagas de analista de sistemas, tanto nos cargos de sistemas de TI como em suporte de TI. Nesse caso, a avaliação será dividida em 30 perguntas de

conteúdos gerais, 20, de temas complementares e outras 20, de matérias específicas à área. O formato das questões é de múltipla escolha.

Já a prova discursiva será composta de duas questões sobre conhecimentos específicos a cada cargo, que devem ser respondidas em até 15 linhas. Somente terão suas respostas corrigidas os candidatos mais bem classificados na avaliação objetiva, de acordo com o número de vagas disponível no edital. A divulgação do resultado final das provas objetivas e do resultado provisório do exame discursivo está prevista para 4 de outubro.

Para os cargos de nível

superior, o edital também prevê a etapa de avaliação de títulos aos aprovados na prova discursiva. As documentações válidas para submissão são diplomas de Doutorado e Mestrado – ou certificados de conclusão, desde que acompanhados de histórico escolar; certificados de cursos de especialização e documentos que comprovem o trabalho como autônomo ou profissional, na administração pública ou no setor privado, em posições correspondentes à área específica do concurso. As datas para o envio dos documentos e para a publicação do resultado final do certame serão divulgadas posteriormente pelo Cebbraspe.

Saneamento básico é destaque entre atividades da estatal

O engenheiro civil é um profissional apto a trabalhar em diferentes áreas, desde a construção civil até projetos de infraestrutura urbana. Na Cagepa, os selecionados para o cargo atuarão em tarefas ligadas às duas vertentes do saneamento básico sob responsabilidade da companhia: o tratamento e a distribuição de água potável e a coleta e o tratamento de esgotos. O gerente regional da Cagepa no Litoral, Wallace Oliveira, que também é engenheiro civil, detalha as possibilidades de trabalho na instituição.

“A atuação do engenheiro civil na Cagepa vai desde a elaboração e revisão de projetos na área de saneamento até a fiscalização de obras que são contratadas pela companhia e precisam ser executadas, ou até mesmo a fiscalização dos serviços de manutenção do dia a dia, que precisam de um olhar técnico. Além desses aspectos, você tem áreas de



Foto: Ortílio Antônio

Possibilidades de trabalho incluem tratamento e distribuição de água e coleta de esgoto

atuação de planejamento, como a elaboração de planilhas orçamentárias, que vão instruir os processos licitatórios para a contratação de serviços técnicos”, explica Wallace.

Segundo o gerente regional, parte dessas funções, como a elaboração de rela-

tórios e análises de projetos, pode ser exercida de forma individual. Há casos, porém, em que o engenheiro civil precisa demonstrar habilidades interpessoais e de liderança. Alguns contextos em que essa necessidade se manifesta são a coordenação dos funcionários

que trabalham na operação ou na manutenção dos serviços e o gerenciamento de contratos com empresas terceirizadas.

No concurso, o requisito exigido para o cargo é a graduação em Engenharia Civil. Para Wallace Oliveira, basta uma formação acadê-

mica adequada para o candidato estar apto ao trabalho. Além disso, ele também destaca outras habilidades necessárias à função. “O engenheiro civil vai se deparar, na companhia, com um universo que não lhe é estranho. Ele vai trabalhar com o concreto armado, com estruturas metálicas, com estruturas em alvenaria. E eu vejo que o bom profissional, para ter prosseguimento de carreira satisfatório, é uma pessoa com uma boa comunicação, dentro e fora da empresa”, defende.

A preocupação com a comunicação com a sociedade está relacionada à essência do serviço público, algo que diferencia a atuação desse profissional em relação aos seus pares na iniciativa privada. Wallace Oliveira reforça que o engenheiro civil da Cagepa, por exemplo, tem um maior cuidado com a legislação ambiental e com os regimentos impostos por legislações, como a Lei das

Estatais. Além disso, deve mirar sua conduta nos valores que regem a atuação da empresa pública. “É importante ter esse desejo de buscar fazer o seu melhor, sabendo que está ajudando a levar cidadania, saúde e dignidade para a população como um todo”, conclui o gerente regional da Cagepa no Litoral.



A atuação do engenheiro vai desde a elaboração e revisão de projetos até a fiscalização de obras

Wallace Oliveira

Selic

Fixado em 8 de maio de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,28%

R\$ 5,382

Euro € Comercial

-0,05%

R\$ 5,761

Libra £ Esterlina

-0,22%

R\$ 6,827

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Maio/2024 0,46

Abril/2024 0,38

Março/2024 0,16

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Ibovespa

119.686pts

+0,09%



ATENÇÃO

Chuvas trazem prejuízos financeiros a motoristas

Cuidado precisa ser redobrado com pistas molhadas e vias inundadas

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

O período de chuvas que vem se intensificando na Paraíba acaba trazendo muitos transtornos à população e pode causar muitos prejuízos aos motoristas especificamente. De acordo com um estudo desenvolvido por seguradoras de veículos, os sinistros chegam a aumentar em média 20% na época de chuvas.

O corretor de seguros Fred Falcão explicou que muitos desses sinistros estão relacionados a colisões. Ele afirmou que, em dias de chuva, é necessário reduzir a velocidade e ter cuidado redobrado, tanto pela pista molhada, que pode dificultar a frenagem, quanto pela baixa visibilidade.

Outro problema relacionado às chuvas diz respeito à entrada de água no veículo, que pode estragar diversas par-



Entrada de água no veículo pode estragar diversas partes do carro e até levar à perda total

tes do carro e até levar à perda total em alguns casos. “Já tivemos três ou quatro ocorrências dessas neste ano”, contou ele, referindo-se aos seus clientes que precisaram acionar o seguro devido a situações de alagamento.

Segundo ele, a situação pode se dar de duas formas, sendo a primeira delas quando a pessoa estaciona o carro em algum local e depois já o encontra alagado. Outra opção, que é mais comum, é quando o motorista tenta atra-

versar alguma área alagada.

“Como tenho muitos clientes na orla de João Pessoa, já tenho conhecimento de algumas áreas. Aquela curva que vai do Retão de Manaíra para a BR-230, por exemplo: todo ano tem sinistro ali”, relatou.

Água no motor traz danos graves ao veículo

Ao entrar no motor, a água da chuva pode causar um calço hidráulico, problema que ocorre quando a água entra nos cilindros do motor, interferindo no movimento normal dos pistões. Com isso, o carro pode começar a soltar uma fumaça branca pelo escapamen-

to, fazer barulhos altos, como se algo estivesse batendo dentro do motor, ou mesmo parar completamente de funcionar.

Foi o que aconteceu com a analista de recursos humanos Soni Jacobino. Ela contou que, há alguns anos, estava transitando por uma área alagada

na Avenida Beira Rio, em João Pessoa, quando o carro parou no meio da água. Ela chamou um guincho para levar o veículo à oficina, onde foram constatados danos ao motor. O prejuízo só não foi maior porque o carro tinha seguro, mas, ainda assim, a situação envol-

veu diversos transtornos.

“O conserto demorou um mês e meio e, pelo seguro, só tivemos direito a carro reserva por 15 dias”, lembrou. Ela destacou também que teve que enfrentar alguma burocracia para regularizar o veículo antes de vendê-lo, já que motor foi trocado.

Soni afirmou que se tornou mais cautelosa ao dirigir em dias de chuva, assim como o marido. “Acho que meu marido ficou até mais traumatizado do que eu: ele não passa em poça, sempre dá um jeito de dar a volta ou dar a ré”, disse.

Fred Falcão ressaltou a importância de contratar um seguro que tenha cobertura compreensiva, englobando também os danos causados por desastres naturais. Ele lembrou que, quando a chuva vem acompanhada de muito vento, também pode ocorrer a queda de árvores ou galhos em cima de veículos.



Quando a água entra nos cilindros do motor, interfere no movimento normal dos pistões

Vias com trechos alagados devem ser evitadas

O mecânico Kevin Santos relatou o caso de um cliente que, por causa da chuva, recentemente estragou uma Mercedes recém-adquirida. No caso dele, não houve grandes danos ao motor, mas a parte elétrica do carro foi comprometida, principalmente o sistema de airbags. Além disso, o assoalho e os bancos ficaram molhados, e tudo isso precisou ser desmontado no lava a jato para higienizar e secar. Ele aconselhou os moto-

ristas a evitarem os trechos da cidade que já são conhecidos por alagar, e disse que, caso o veículo comece a falhar dentro da água, é importante não insistir. “Não tente ligar o carro. Desligue o motor e saia de perto. Chame um guincho. Dependendo do modelo do carro e da área que for comprometida, pode ser perigoso”, argumentou.

Placas perdidas

Uma das ocorrências mais

comuns no período chuvoso é perder a placa do carro ou moto ao passar em alguma poça de lama. O gerente de vistorias do Detran-PB, Paulo Pimentel, afirmou que todos os anos, no período chuvoso, a procura por placas novas aumenta no departamento por esse motivo.

É importante que os motoristas verifiquem o estado dos parafusos que seguram as placas. Ainda assim, caso a placa seja perdida, o primei-

ro passo é registrar um boletim de ocorrência em uma delegacia física ou on-line. Com o boletim em mãos é possível agendar no site do Detran o serviço “Solicitação de placa(s)”.

O serviço requer que seja realizada no veículo uma vistoria que custa R\$ 98,26. A placa dianteira de carros custa R\$ 115, ou R\$ 235 se for o par. Já a placa de moto custa R\$ 140 e de veículo ciclomotor R\$ 72.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Festejos juninos movimentam a economia da PB

Os festejos juninos são uma celebração tradicional profundamente enraizada na cultura do Nordeste brasileiro, especialmente na Paraíba. Essas festividades, que ocorrem durante o mês de junho, não só preservam a herança cultural, mas também desempenham um papel crucial na economia da região. Para compreender a dimensão e a importância econômica dos festejos juninos, focando no turismo e no desenvolvimento das cidades-polo, elencamos alguns pontos essenciais.

Turismo e Desenvolvimento Econômico. Os festejos juninos atraem milhões de turistas de várias partes do Brasil e do mundo. Na Paraíba, cidades como Campina Grande, Patos e Santa Luzia são reconhecidas por suas grandiosas celebrações, como O Maior São João do Mundo em Campina Grande, que se tornou um evento de destaque no calendário turístico nacional. Durante o mês de junho, há um aumento significativo no número de turistas que visitam a Paraíba, contribuindo diretamente para o crescimento da receita turística.

As festividades também geram milhares de empregos temporários nos setores de hotelaria, alimentação, transporte e entretenimento, ajudando a reduzir o desemprego sazonal e proporcionando renda adicional para muitas famílias. A estimativa de receita para o setor neste ano na Paraíba se aproxima de R\$ 1 bi, considerando todas as cidades que promovem as festas e que têm tradição de atrair turistas.

Setores Beneficiados. A ocupação hoteleira atinge níveis máximos, beneficiando pousadas, hotéis e aluguéis de temporada. Restaurantes, bares e lanchonetes também experimentam um aumento nas vendas. O comércio local vê um aumento nas vendas de artigos relacionados às festas juninas, como roupas típicas, acessórios e alimentos tradicionais. Feiras e mercados locais também se beneficiam com o fluxo de turistas. Artesãos e artistas locais têm a oportunidade de expor e vender seus produtos, promovendo a cultura local e gerando renda.

Desenvolvimento das Cidades-Polo. Os festejos juninos desempenham um papel significativo no desenvolvimento das cidades-polo, promovendo infraestrutura e melhorando a qualidade de vida dos habitantes. A preparação para as festividades frequentemente resulta em investimentos em infraestrutura urbana, como pavimentação de ruas, melhoria na iluminação pública e revitalização de espaços públicos. A necessidade de acomodar muitos visitantes incentiva melhorias nos sistemas de transporte público e rodovias, beneficiando tanto os turistas quanto os residentes.

Fortalecimento da Identidade Cultural. As festividades juninas são uma oportunidade de preservar e promover a cultura nordestina, fortalecendo a identidade cultural das cidades. A música, a dança, as comidas típicas e as celebrações religiosas são mantidas vivas através das gerações.

Atratividade para Novos Investimentos. O sucesso dos festejos juninos aumenta a atratividade das cidades-polo para novos investimentos. Empresas e investidores são atraídos pela visibilidade e pela infraestrutura melhorada, resultando em novos negócios e oportunidades de emprego.

Os festejos juninos são uma verdadeira alavanca para a economia da Paraíba e do Nordeste como um todo. Além de preservar a rica herança cultural da região, essas festividades impulsionam o turismo, geram emprego e renda, e promovem o desenvolvimento das cidades-polo. As melhorias na infraestrutura e a visibilidade proporcionada pelos eventos atraem investimentos e beneficiam a população local, contribuindo para um crescimento econômico sustentável. É fundamental que as políticas públicas continuem a apoiar e incentivar essas celebrações, reconhecendo seu valor econômico e cultural para a região.

João Pessoa em Destaque. Com o calendário deste ano e toda a programação montada, João Pessoa tem a oportunidade de se firmar no cenário nacional como uma das cidades do Nordeste que melhor recebe os turistas e promove um São João digno de se ver.

TRANSFORMAÇÃO

Tecnologia muda relação de trabalho

Especialistas apontam aumento da carga horária e precarização nas relações entre empregados e empresas

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

“Cada dia nova invenção/É tanto aplicativo que eu não sei mais, não/*What's app, what's down, what's new/Mil pratos sugestivos num novo menu*”. Os versos citados são da música “Pela internet 2”, de Gilberto Gil.

O músico e compositor atualiza a música “Pela internet”, 21 anos após a primeira versão da música, que descreve a chegada da internet e das possibilidades criadas pelo compartilhamento da informação e conhecimento. Na última versão, a música problematiza a intensificação não só dessa produção de informação, mas principalmente de seu compartilhamento, sugerindo, inclusive, os aspectos econômicos moldados por essas novas relações de trabalho que a conectividade proporciona.

E compartilhamento é palavra-chave para entender um termo que sintetiza o cenário das relações de trabalhos estabelecidas a partir das chamadas novas tecnologias, resultando numa economia de compartilhamento, ou *gig economy*, como também é conhecida.

O termo não tem tradução específica para o português. Existem autores que creditam o seu uso pela semelhança com outro termo, o Produto Interno Bruto, Gross Domestic Product (GDP) em inglês. Contudo, a expressão também tem uma relação com a expressão “*gig*” usada pelo setor da música e entretenimento, que indica uma apresentação ao vivo.

Numa economia compartilhada, os bens e serviços são divididos de forma temporária. Acontece quando se aluga um apartamento por um aplicativo, monetiza uma música, trabalho artístico ou serviço por uma plataforma, ou quando realiza o transporte de passageiros ou encomendas por meio da intermediação de uma empresa do setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), por exemplo.

“A sociedade e os meios de se relacionar, de produzir e gerir serviços têm mudado ao longo do tempo, e isso tem impactado nas relações de trabalho, entre outras coisas. A transformação digital impacta não só nas relações de trabalho, mas também nas formas como esses serviços são prestados”, desta-

Foto: Ortilio Antônio



A digitalização dos processos impacta nas relações de trabalho, mas também na forma como os serviços são prestados

ca o professor de economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Cássio Bessara.

Para o professor, o entendimento dessas novas rela-

ções apresenta dificuldades e possibilidades à sociedade. Segundo Bessara, existem dois pontos de vista: aqueles que enxergam como um desafio e aqueles que enxer-

gam como oportunidades. “Eu prefiro ir na linha das oportunidades do mercado de trabalho e dos empregos. As tecnologias estão em constante mudança, então

cabe a nós, como indivíduos, tentar nos adaptarmos a esses novos cenários, mas obviamente é um processo de adaptação, que exige qualificação”, disse Bessara.

Plataformas oferecem flexibilidade, mas geram precarização

“Eu acordo às 8h50, jogo uma água no rosto, faço um *shake*, ligo o PC e começo a trabalhar umas 9h15, mais ou menos. Paro às 11h40, mais ou menos, para fazer almoço, volto às 13h, e fico, geralmente, até umas 17h, ou 17h30. Mas não tem ponto. Não tem ninguém fiscalizando. Não tem câmera. Não tem aplicativo instalado no meu computador. Ninguém da empresa fica no pé. Não há cobrança em relação ao tempo trabalhado, nem por entrega. Nenhuma das duas existe na grande maioria das empresas de desenvolvimento de *software* por aqui. Conto nos dedos quantas vezes fui cobrado por algo que não tinha sido entregue nesses últimos sete anos, trabalhando aqui na Holanda, para cinco empresas diferentes”, revela Heudson da Silva.

“Hoje, na minha rotina, eu começo às seis da manhã e, até às 10h, eu rodo como Moto Uber levando e trazendo passageiro. Depois paro um pouco para tomar um café e ir em casa pegar a *bag* e começar com o *delivery*. Aí, rodo até às 14h. Logo em seguida, volto para casa e almoço. Deixo a *bag* e volto a rodar com passageiros. À noite, volto para as entregas novamente. Então, a gente puxa uma carga horária de mais de 10 ou 12 horas. Às vezes chegando a até 15 horas de trabalho no dia”, contou Leandro Martins.

Os dois relatos são de pessoas que executam atividades relacionadas às novas tecnologias digitais. O primeiro é de um engenheiro de *software* paraibano, que reside há sete anos na Holanda atuando em sua área. Já o segundo é de um en-



Foto: Carlos Rodrigo

Plataformas dão flexibilidade de horários e exigem muitas horas para darem lucro

tregador e mototaxista por aplicativo da capital paraibana. Léio, como pediu para ser identificado, também atua pelos direitos trabalhistas da categoria, como presidente do Conselho Municipal de Entregadores de João Pessoa (CME-JP).

Os depoimentos apresentam distintas condições de trabalho para as diferentes ocupações. Contudo, os dois sujeitos têm em comum sua condição de trabalhadores.

Léio contou que, antes de trabalhar para os aplicativos, tinha carteira assinada como porteiro, mas que a flexibilidade no horário de trabalho havia lhe convencido a mudar. No entanto, após dois anos trabalhando exclusiva-

mente para as plataformas, ele já não acredita que essa flexibilidade seja real.

“Há dois anos, eu trabalhava como porteiro e, nos dias vagos, eu trabalhava com o aplicativo. Vi a flexibilidade de horários e a possibilidade de ter liberdade. Mas muita vezes a gente acaba ficando preso porque tem que ficar on-line para poder pegar entrega. Na prática, a gente fica preso por conta dos horários”.

Para o professor de direito da Universidade Federal da Paraíba, Jailton Macena, a flexibilidade oferecida pelas plataformas digitais atua como precarização do trabalho, e isso tem sido respaldado pelo judiciário brasileiro, principalmente após a reforma trabalhista de 2017.

“O que a sociologia vê como precarização do trabalho, o direito vê como flexibilização. Estamos trocando, cada vez mais, o princípio da proteção por uma suposta autonomia, onde o trabalhador estaria apto a determinar as regras de contato do trabalho que ele está firmando. Mas sabemos que não é bem assim. O poder econômico de uma empresa, principalmente de uma grande, não dá abertura para o trabalhador estabelecer cláusulas ou questioná-las”, destaca o professor.

Para ele, o momento é complexo e estabelece um grande desafio, que consiste no conflito entre o avanço das tecnologias e a perda de direitos da classe trabalhadora.

“Com esse avanço da tecnologia, a gente tem chegado a uma encruzilhada. A única certeza que temos é que vai continuar havendo investimento nas tecnologias e, agora, também na inteligência artificial, por exemplo. Isso gera cada vez mais insegurança para o trabalhador e, além da precarização, um outro grande problema social, que é a falta de emprego”, conclui Macena.

“Automação afeta 56% das ocupações formais”

O desenvolvimento das novas tecnologias é responsável pela promoção de novas demandas e necessidades, o que implica na criação de novos postos de trabalho. De acordo com um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicado em 2019, 30 milhões de empregos estariam em risco até 2026, visto que a automação de tarefas para as firmas produziria aumento na eficiência de seus processos, redução de custos, além da possibilidade de certas

atividades serem executadas 24 horas por dia, sete dias por semana.

A pesquisa pode ser encontrada no sítio eletrônico do instituto, em Texto para Discussão 2457, com o título “Na era das Máquinas, o emprego é de quem? Estimativa da probabilidade de automação de ocupações no Brasil”, realizado pelos pesquisadores Pedro Albuquerque, Cayan Saavedra, Rafael de Moraes, Patrick Alves e Peng Yaohao.

Publicado em 2022, o estudo “Propensão à au-

tomação das tarefas ocupacionais no Brasil” busca atualizar as projeções sobre a dinâmica do emprego no país para os próximos anos. Luis Kubota, um dos pesquisadores juntamente com Aguiinaldo Nogueira Maciel, aponta uma “lenta adequação do mercado de trabalho brasileiro diante do avanço das novas tecnologias”.

O diagnóstico prevê que 56% das ocupações formais no país podem ser afetadas pela automação. Segundo o estudo, do

ponto de vista setorial, as atividades com empregos mais vulneráveis à automação se concentram na indústria têxtil e de vestuário, na indústria alimentícia, na agropecuária, na indústria da madeira, na fabricação de móveis e na metalurgia. No setor de serviços, destacam-se atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil; serviços de limpeza; obras de acabamento; atividades paisagísticas; e armazenamento, carga e descarga.

PESQUISA ECOLÓGICA

Projeto Rio Paraíba Integrado mostra os seus resultados

Peld Ripa compõe a lista dos programas aprovados pelo CNPq, financiados pelo Governo da Paraíba

Ascom Secties

O projeto de Pesquisa Ecológica de Longa Duração Rio Paraíba Integrado (Peld Ripa) apresentou resultados de trabalho na XIII Reunião de Acompanhamento e Avaliação do Programa Peld, na sede do CNPq, em Brasília. O Peld Ripa integra a lista virtuosa dos projetos chancelados pelo CNPq e é totalmente financiado pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria Estadual da Ciência, Tecnologia e Inovação (Secties) e da Fundação de Amparo à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), com o aporte de R\$ 200 mil.

O Peld Ripa tem como objetivo avaliar a estrutura e o funcionamento ecossistêmico da bacia hidrográfica do Rio Paraíba. O projeto foi recomendado na chamada CNPq/MCTI/CONFAP-FAPS/PELD nº 21/2020, ação do programa de Pesquisa Ecológica de

Longa Duração, originado no CNPq há 27 anos. Patrícia Costa, coordenadora de Programas e Projetos da Fapesq, esclarece que o Peld Ripa é o único projeto Peld no Brasil totalmente financiado por uma fundação estadual de apoio à pesquisa, aprovado no mérito do CNPq para integrar os sítios de pesquisa de longa duração. “Nossa participação nesta reunião de avaliação em Brasília confirma a competência dos pesquisadores do Peld Ripa, que ainda apresentaram um projeto muito bom de divulgação científica”, informa Patrícia Costa.

Com duração de quatro anos para executar as pesquisas, o Peld Ripa tem sido um importante assessor das políticas do governo atual de João Azevêdo. A atuação é propositiva e busca integrar a infraestrutura das universidades, dos institutos de pesquisas e laboratórios. A partir de informa-

ções e dados de pesquisa, tem à disposição do Poder Público subsídios para a geração de um conhecimento ambiental crítico e compartilhado entre a sociedade.

No entendimento do coordenador geral do projeto Peld Ripa, José Etham Barbosa, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), essa assessoria é uma das funções do Peld Ripa, importante na tomada de decisão dos gestores. “Temos um empenho junto ao Governo, com um modelo de desenvolvimento a seguir, com conhecimento de alta qualidade, integrado entre nossas instituições de ensino e pesquisa. A matéria-prima para vida urbana vem dos recursos naturais. Portanto, esses processos estão nos nossos relatórios de discussões para pensarmos como promovermos conhecimento que levem a um desenvolvimento mais equilibrado”, ressalta Etham Barbosa.



Foto: Mano de Carvalho/Colaboração

Equipe vinculada à Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia atuando numa estação

Região verde da bacia sustenta vidas, mas é impactada



Foto: Mano de Carvalho/Colaboração

Área é considerada pelo coordenador do projeto um dinamismo de forças ambientais

É sobre este complexo que Etham Barbosa concede a entrevista a seguir:

■ **Quais as características que os pesquisadores levantaram da bacia do Rio Paraíba?**

Nesses três anos - entrando para o quarto de atividade - a gente se voltou para a caracterização das potencialidades de sua biodiversidade e como ela contribui no benefício e nas relações com as comunidades humanas. E dos serviços ecossistêmicos que são primordiais para a sua sustentabilidade. Com isso, vemos que é uma bacia hiperdiversa em fatores climáticos e vegetação.

■ **Quais os impactos ambientais que a ação humana provoca nessa bacia?**

Há uma vertente de impactos herdada por um passivo ambiental de décadas de séculos do processo de ocupação humana dessa bacia. A forma predatória e nada planejada ambientalmente com que grandes empreendimentos e grandes políticas de desenvolvimento foram sendo implantados ao longo das décadas. Desde a algaroba, a criação de tilápia, a mineração, a industrialização, os modelos de produção de pescado de frutos do mar, a cana-de-açúcar. E o modelo que está sendo pensado também para a

região da foz, com implantação futura de estaleiros, a construção de ponte sobre o estuário do rio Paraíba, vão alterar significativamente o ecossistema.

■ **Como a transposição do Rio São Francisco, que deságua no Rio Paraíba, impacta o ecossistema?**

A transposição é um grande promotor de desenvolvimento, mas também interliga coisas boas e coisas ruins, como a introdução de espécies exóticas da bacia: espécies que estão relacionadas com a perda da qualidade da água, com a veiculação de doenças hídricas, a presença de

O coordenador-geral do projeto Peld Ripa, José Etham Barbosa, enxerga a bacia do Rio Paraíba como um grande dinamismo de forças ambientais e naturais que sustenta a vida humana, animal e vegetal. “As suas nascentes estão nas serras de Monteiro, na Serra de Jabitacá, com uma Caatinga de remanescentes nativos, mas também permeada por diversos impactos vindos do modelo agrícola que é utilizado, já ultrapassado, usando do corte fogo; da grande mineração de rochas que há na Paraíba. É a região que mais sofre com o processo de desertificação, com pontos quentes de progresso”, afirma.

Dessa grande área semiárida a bacia do Rio Paraíba desce, geograficamente, para a região Agreste, em torno da cidade de Boqueirão, partindo para Campina Grande. Au-

espécies predadoras de espécies nativas.

■ **Quais as perspectivas para a solução aos impactos ao meio ambiente?**

Parte da solução que a gente tem perseguido no plano de transformação ecológica que o governo tem promovido, atravessa a bioeconomia, através dos serviços ecossistêmicos, da promoção da saúde e qualidade de vida das populações; e a Caatinga é um elemento crucial nesse processo de pensamento, de uma nova matriz de baixo carbono. Pesquisadores do Insa, que integram o Peld Ripa, juntos com parceiros nacionais

“

É a região que mais sofre com o processo de desertificação, com pontos quentes de progresso

José Etham Barbosa

menta a quantidade de impactos por causa do uso e ocupação do solo. “Nunca houve um planejamento sustentável nessa bacia. É uma região de muita potencialidade econômica tanto para o uso turis-

tico ecológico, de aventura, a exploração de algumas partes de solo propício para algumas culturas, o aspecto dos reservatórios, a sustentação na regulação do clima e o sustento das comunidades humanas que estão lá”.

Na sequência geográfica, a bacia chega à planície costeira e deságua ali a partir de Salgado São Félix até Cabedelo, há um complexo de Mata Atlântica, manguezais, restingas, que dão um suporte a várias cadeias produtivas de recursos naturais que são explorados nos bares e restaurantes, nas feiras e na indústria. Influencia no clima da capital do estado, João Pessoa, na qualidade do ar, sustentado por um belíssimo estuário, cuja força de depurar os dejetos e resíduos da Grande João Pessoa é faraônica.

e internacionais, trabalham com clima e com solo. Eles estão constatando, com dados precisos, que a Caatinga é um dos mais eficientes biomas no sequestro de carbono. Aí está uma questão a ser desenvolvida a partir dessas descobertas.

■ **Como as pessoas terão acesso a algum conhecimento produzido pelo Peld Ripa?**

Um dos produtos está com o professor Alexandre Vasconcelos, que integra a equipe do Ripa. Com o auxílio do Pronex, por meio da Fapesq (programa de financiamento), ele desenvolve o Atlas da Biodiversidade Paraibana. Esse atlas tem dado

uma visibilidade no levantamento da nossa biodiversidade, na sua caracterização e na sua potencialização como um ativo na construção de um novo modelo em que a gente propicie sustentação ambiental, o desenvolvimento sustentável em prol de das populações é do povo paraibano que está na nossa bacia do Rio Paraíba. O Peld Ripa desenvolveu um aplicativo lúdico para crianças e adultos, com informações sobre a fauna, flora e a importância da conservação da Caatinga, realizou diversas exposições em escolas e desenvolveu técnicas de educação ambiental.

PSITACÍDEOS

Aves mais inteligentes da natureza

Passáros têm o cérebro desenvolvido e são capazes de imitar todos os tipos de sons, inclusive palavras

Lara Ribeiro
Especial para A União

Cores exuberantes, bico curvo, cérebro desenvolvido, longevos e excêntricos, essas são algumas características dos psitacídeos. E, afinal, quais são esses animais? Os psitacídeos são mais comuns do que parece: são araras, papagaios, tuins, periquitos, maitacas e jandaias. Com 87 espécies registradas, o Brasil é o país com maior variedade dessas aves.

De acordo com ecólogo, Kleber Silva, o que diferencia os psitacídeos das outras aves são os bicos altos e curvos, a língua carnuda – que possui mais sensibilidade para sentir o sabor dos alimentos – e a mandíbula superior, que não é totalmente fixada ao crânio, além de ser maior que a inferior.

“São algumas das aves mais inteligentes e que possuem o cérebro mais desenvolvido. Têm a capacidade de imitar, com grande fidelidade, todos os tipos de som, inclusive palavras. As espécies maiores podem viver mais de 50 anos”, esclarece o ecólogo.

A boa articulação dos membros pélvicos também é uma característica marcante desses animais, como explica o médico veterinário Thiago Nery. “Eles usam as patas como auxílio na sua alimentação, coisa que a maioria das outras aves não fazem. Eles também têm um bico curvado bem peculiar que tem como principal função a quebra de sementes”. Além de sementes, os psitacídeos se alimentam de grãos, frutas, frutos, insetos e flores.

Função no ecossistema

Essas aves são importantes para o ecossistema, porque trabalham como dis-



Arara é uma das 87 espécies desses pássaros registradas no Brasil

persores de sementes. “Eles ingerem uma semente no local ou podem levá-la no bico para outro lugar, mas a maioria das vezes o transporte é através das fezes”, explica o veterinário Glenison Ferreira.

De acordo com ele, o erro na alimentação é uma das principais causas de doenças nesses animais. Na maioria das vezes, em cativeiros, os proprietários não estudam sobre a espécie e oferecem o alimento que a ave demonstra gostar mais.

“Existem casos de papagaios que vivem exclusivamente comendo girassol, que é uma semente muito gordurosa. Assim, o animal acaba desenvolvendo algumas patologias como a obesidade, problemas no fígado e acúmulos de gordura na re-

gião subcutânea, que é o que chamamos de lipoma”, esclarece.

Paraíba

Para o médico veterinário, Thiago Nery, o Brasil é um país privilegiado por abrigar boa parte dos psitacídeos do mundo. Ele explica que eles podem ser encontrados tanto na Mata Atlântica, quanto na Caatinga ou no Cerrado. Segundo ele, na fauna paraibana, também é possível encontrá-los. “Aqui a gente tem as araras, jandaias, maitacas, papagaios e maracanãs”, destaca.

O veterinário também explica que a caça ameaçou algumas espécies. “Infelizmente, durante muito tempo, essas aves foram bastante caçadas e acabaram sumindo da rotina. Porém, por exem-

plu, quem mora em João Pessoa, está começando a ouvir ou ver alguns psitacídeos ressurgindo. Como a jandaia-verdadeira, que aparece no centro e nos bairros próximos da praia, como Bes-

sa, Manaíra e Cabo Branco”, garante.

Em João Pessoa, os psitacídeos mais comuns são os de vida livre, como o maracanã-verdadeiro e a jandaia-verdadeira. “Porém a

“

Infelizmente, durante muito tempo, essas aves foram bastante caçadas e acabaram sumindo da rotina

Thiago Nery



Bico curvo, língua carnuda e cores exuberantes são algumas características desses animais

Fotos: Carlos Rodrigo

Espécies silvestres podem ser vistas em João Pessoa

Além de estarem presentes nas ruas de João Pessoa, os psitacídeos também estão no zoológico da cidade. No Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica), há 33 psitacídeos de 10 espécies.

A bióloga Marília Gabriela trabalha há seis anos no local. Segundo ela, o zoológico conta com três tipos de araras, dois de jandaias, quatro de papagaios, incluindo os maracanãs.

O recinto das aves foi construído para que as pessoas, acompanhadas de um guia, caminhassem por dentro. “No entanto, o espaço não está sendo utilizado dessa forma no momento, porque algumas aves são mais ariscas e podem atacar os visitantes”, informou Helze Lins, bióloga que trabalha no zoológico há 36 anos. De toda forma, ainda é possível vislumbrar a beleza dos psitacídeos do lado de fora do recinto.

O zoológico funciona das



Zoológico de João Pessoa abriga 33 psitacídeos de 10 espécies

8 às 17h, com bilheteria aberta até as 16h.

Aves domésticas

De acordo com Marília

Gabriela, no grupo dos psitacídeos, além das aves silvestres, que estão na natureza e também podem ser encontradas no zoológico, também

existem as que podem ser criadas em casa, como a calopsita. “O ideal para saber quais desses animais podem ser criados em casa é fazer uma pesquisa, porque têm animais silvestres que podem desde que sejam legalizados. Domésticos a gente já conhece alguns, como a agapornis e a cacatua. São vários animais que existem legalmente, é só procurar criadouros”.

Ela explica também como os criadouros, que são fiscalizados pelo Ibama, funcionam. “Se eles têm filhos, nós sabemos que filhote é esse e de onde veio, nenhum momento ele foi tirado da natureza. O animal que está lá e começou a se reproduzir não pode voltar para a natureza. Não é só o primeiro casal que chegou e já reproduziu, ele tem que reproduzir algumas vezes para realmente ter certeza que aquele animal não é mais silvestre. Assim não está mais na natu-

reza, se torna legal e as pessoas podem comprar”.

Criação

Para criar em casa, é preciso ter atenção com a alimentação. “Os animais domésticos também não podem comer só sementes. Eles ficam variando entre frutas e legumes, a semente é só uma parte dessa dieta. Seria como o nosso chocolate do dia a dia, pode ser dado em algum momento, mas não é a alimentação principal”.

Os psitacídeos são aves que gostam muito de companhia, assim como outros animais domésticos. “Se for viajar e deixar só, ele vai sentir. Começa a arrancar as penas e fica realmente triste, por isso é um animal que precisamos ter muito cuidado”, afirma a bióloga. Para ela, na criação de qualquer animal, é essencial conhecer, primeiro, como ele vive, o que come, e transformar sua casa em um ambiente tranquilo para recebê-lo.

Extinção

Você sabia que, atualmente, a principal causa de extinção dos psitacídeos é o desmatamento?

Segundo o médico veterinário, Thiago Nery, antigamente, o principal desafio era o tráfico dos pássaros, ou seja, a captura ilegal do animal. Ele explica que essa situação ainda acontece, mas existe um problema que considera maior. “Por exemplo, mesmo que eu tenha 100 araras para soltar, vai ser difícil achar uma área que esteja protegida a ponto de não ter a presença humana e de não ser degradada. Isso acaba dificultando demais o processo de conservação dessas espécies”, avalia.

Existem projetos de conservação voltados para os psitacídeos, como o Programa Papagaios do Brasil, que reúne ações voltadas à conservação de seis espécies em vida livre, além do Projeto Arara Azul, que promove a conservação das araras-azuis e da biodiversidade do Pantanal.

AMÉRICA X TREZE

Waguinho prevê jogo difícil em Natal

Time do Rio do Grande do Norte é o único que o Galo ainda não venceu no Campeonato Brasileiro da Série D

Danrley Pascoal
danrlep.c@gmail.com

O Treze enfrenta o América de Natal, hoje, pela 9ª rodada do Campeonato Brasileiro Série D. O duelo acontece na Arena das Dunas, em Natal, às 18h. Este será o 19º encontro entre as equipes em toda história, conforme o site ogol.com.br. O adversário desta noite foi o único que ainda não perdeu para o Galo no torneio, na sexta rodada, empataram por 1 a 1.

Na última rodada, o Alvinegro de Campina Grande ampliou sua vantagem para o vice-líder do Grupo A3. A equipe paraibana havia começado a 8ª rodada com seis pontos à frente do segundo colocado. Com 22 pontos, agora, tem oito a mais que o Iguatu, que tem 14. Além disso, tem 10 pontos a mais que o quinto colocado, o próprio América, com 12 pontos.

Em entrevista coletiva, Waguinho Dias analisou o adversário deste domingo (16). Como no primeiro encontro desta edição da Série D, o treinador do Galo não espera facilidades. “Antes de começar o campeonato, nós sabíamos que o adversário mais difícil e a equipe a ser batida era o América, pelo investimento e pelos jogadores que lá estão. Para esse jogo, eu disse aos atletas das dificuldades que vamos ter que superar. É a viagem, o cansaço da última partida, a situação do América, que vem de derrota e encontra-se fora da zona de classificação e por isso chegam pressionados”, afirmou. “Então, tem uma cobrança

Com 22 pontos, tem oito a mais que o Iguatu e 10 a mais que o quinto colocado, o próprio América, com 12 pontos

interna por ser um clube SAF. Tem a cobrança da imprensa e, em casa, tem que fazer os três pontos. Em casa, todo clube precisa buscar a vitória. Por isso eu creio que vai ser uma das partidas mais difíceis, mais complicadas que iremos enfrentar”, concluiu Waguinho.

Boa campanha

O Treze chega para o jogo de hoje com a segunda melhor campanha da Série D, contabilizando os 64 clubes participantes. Até aqui, somente o Manauara-AM tem desempenho melhor, isso porque tem saldo de gols maior do que o Galo. O time do Grupo A1 tem os mesmos 22 pontos do Alvinegro, mas já fez 23 gols e sofreu cinco, tendo saldo de 18, enquanto o clube de Campina Grande marcou 21 e levou quatro, alcançando um saldo de 17 tentos. Com isso, a equipe do Amazonas iniciou a rodada 9 com a primeira posição geral entre todos os integrantes da competição.

A atual campanha é o melhor início do clube em qualquer divisão nacional que



Jogadores do Galo conversam antes do reinício da partida contra o Potiguar-RN

Foto: Daniel Vieira/Treze

participou. As cinco vitórias consecutivas deste ano superaram as quatro conquistadas na Série C de 2005. Ao longo da grandiosa história do Treze, já foram 40 participações no certame, sendo nove vezes na Série A, nove na Série B, 15 na Série C e sete na Série D, já contabilizando a atual edição. Diante do América, os comandados de Waguinho Dias têm a missão de continuar fazendo história no Campeonato Brasileiro.

O adversário

O Mecão é o 5º colocado do Grupo A3. Em oito partidas, venceu três, empatou três e perdeu duas, somando 12 pontos, 10 a menos que o Galo. A equipe potiguar vem de derrota, na última rodada, o time de Marquinhos Santos acabou perdendo por 1 a 0 para o Iguatu-CE.

Conforme o site ogol.com.br, Treze e América se enfrentaram 18 vezes ao longo da história. Foram registradas quatro vitórias do time de Campina Grande, cinco triunfos do clube de Natal e nove empates. Nos últimos cinco encontros, houve cinco empates, um por 0 a 0, três por 2 a 2 e o mais recente por 1 a 1, na sexta rodada desta edição da quarta divisão.

Arbitragem

Lucas Casagrande (CBF-PR) será o comandante do apito no duelo entre o Galo e o Mecão. Jean Marcio dos Santos (RN) e Lorival Candido das Flores (RN) serão os assistentes. O quarto árbitro é Tarcísio Flores da Silva (RN).

ATLÉTICO-CE X SOUSA

Dinossauro tenta emplacar a terceira vitória seguida na Série D

Danrley Pascoal
danrlep.c@gmail.com

O Sousa joga, hoje, pela Série D, contra o Atlético Cearense. A partida também é válida pela nona rodada do torneio nacional. O duelo acontece no Estádio Domingão, em Horizonte-CE, Região Metropolitana de Fortaleza, às 16h. Este será o sexto confronto entre as equipes, todos pela quarta divisão. Nesta tarde, o Dino busca a sua terceira vitória consecutiva no Campeonato Brasileiro, o quarto triunfo na competição.

O clube paraibano chega embalado para o confronto de hoje, após duas vitórias seguidas contra o Maracanã-CE. Os resultados aproximaram a equipe sousense da briga por uma vaga no mata-mata. Com exceção do Treze, que é líder com folga do Grupo A3, a disputa na chave é intensa. Apenas três pontos separam o 2º do 6º colocado, que é justamente o Dino.

Em oito jogos realizados na Série D 2024, o Sousa venceu três, além do Maracanã-CE duas vezes, derrotou o Potiguar-RN; empatou duas,

contra o Iguatu-CE e América-RN; e perdeu três, quando enfrentou Treze, Santa Cruz-RN e Atlético-CE, o adversário deste domingo (16).

No último encontro entre os cearenses e paraibanos, houve cinco gols. No Marizão, o Atlético superou os donos da casa, conquistando uma importante vitória por 3 a 2. O Sousa abriu o placar com Hia-

go, que deixou o clube nos últimos dias. O adversário virou com Breno Santos e Ari, ainda no primeiro tempo. Na segunda etapa, Hebert empatou. Mas nos acréscimos, Danilo tocou cruzado, e Breno Cezar acabou marcando contra.

O adversário

O Atlético-CE é o quarto colocado do Grupo A3 da Sé-

rie D, em oito partidas, perdeu quatro e ganhou outras quatro. A equipe chega para o duelo de hoje com uma sequência de três vitórias. Esse cenário é totalmente diferente do último encontro entre os clubes. Na sexta rodada, quando se enfrentaram, o time cearense era o lanterna da chave e só havia vencido uma vez na competição.

Desde então, venceu o Sousa e duas vezes o Santa Cruz-RN.

Nos cinco confrontos entre os clubes, o time do estado do Ceará venceu dois, enquanto o Dino conquistou três triunfos, nunca houve um empate nos jogos entre essas equipes. Cabe ressaltar que o Atlético foi rebaixado no Estadual deste ano e tenta fazer um segundo semestre melhor.

Arbitragem

José Washington da Silva (CBF-PE) é o árbitro responsável pelo apito da partida entre Atlético e Sousa. Eleutério Felipe Marques Junior (CBF-CE) e Deborah Beatriz Ferreira da Silva (CBF-CE) serão os assistentes. O quarto árbitro é Luiz Cesar de Oliveira Magalhães (CBF-CE).

Foto: Reprodução/Instagram



Jogadores do Sousa comemoram mais um gol contra o Maracanã-CE no jogo da última quarta-feira, no Estádio Marizão

Confronto

Esta será a sexta partida entre as equipes que já se enfrentaram em cinco oportunidades, com três vitórias do Sousa e duas do time cearense, que está em posição melhor na tabela de classificação

APRONTADO FINAL

Europa é destino de atletas brasileiros

COB monta o planejamento de treinamentos das modalidades antes de seguir em direção ao local dos Jogos Olímpicos

O continente europeu ficará um pouco mais verde e amarelo a partir do início de julho. Em um planejamento conjunto entre o Comitê Olímpico do Brasil (COB) e as Confederações Brasileiras Olímpicas, as equipes realizarão suas preparações finais em diversos locais espalhados pela Europa antes de seguirem para Paris para a disputa dos Jogos Olímpicos. Além de cidades na própria França, haverá atletas brasileiros em países como Alemanha, Eslovênia, Espanha, Itália, Polônia, Portugal Suécia e Turquia.

“O COB mantém contato constante com as equipes técnicas das confederações para estabelecer o melhor planejamento para as equipes no período final de preparação antes dos Jogos Olímpicos de Paris. É um momento estratégico em que temos que ser bastante assertivos e oferecer as melhores condições. Muitas modalidades já têm suas bases na Europa, o que facilita a operação e traz segurança aos atletas. Estamos muito confiantes de que a reta final de preparação do Time Brasil será bem-sucedida”, afirmou Mariana Mello, gerente de Planejamento Esportivo do COB e sub-chefe da Missão Brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris.

A ginástica escolheu Troyes como a base da preparação final de suas três modalidades. Ao todo, 25 atletas brasileiros treinarão nesta cidade, que fica a 160 km de distância de Paris. Em Troyes, as equipes contarão com o su-



Foto: Lara Monsors/CBJ

A equipe de judô, ano passado, fez um período de adaptação na cidade de Sainte Genevieve, na França, e ficará novamente no mesmo local a partir de 19 de julho

porte de profissionais da área médica, fisioterapia e preparação física. Para definir o local, foram realizadas visitas técnicas e um estágio de treinamento, em abril de 2024. As equipes ficarão hospedadas a 5 minutos a pé das instalações esportivas, garantindo eficiência na rotina de treinamentos. A ginástica artística será uma das primeiras equipes do Time Brasil a embarcar, já no início de julho e ficará treinando em Troyes até a entrada na Vila Olímpica, no dia 18 de julho.

“A escolha da cidade de Troyes para a aclimação das equipes de ginástica do Brasil é estratégica e de suma importância para a reta fi-

nal de preparação para os Jogos Olímpicos. Troyes oferece instalações de excelência, equipadas com aparelhos novos da mesma marca utilizada nos Jogos Olímpicos. Além disso, a cidade dispõe de uma estrutura de alojamento completa e suportes que atendem a todas as demandas das modalidades. A possibilidade de elaborar nosso próprio cardápio, adaptado às necessidades específicas dos atletas, é outro ponto forte que contribui significativamente para o desempenho e bem-estar dos nossos ginastas. Esta escolha não apenas assegura um ambiente de treinamento otimizado e personalizado, mas

também demonstra o compromisso do COB com a excelência e o alto rendimento, essencial para o alcance dos objetivos olímpicos. Troyes é o lugar ideal para a melhor preparação de nossas equipes rumo ao sucesso olímpico”, avaliou Juliana Fajardo, chefe da equipe de ginástica nos Jogos Olímpicos de Paris.

Uma das primeiras modalidades a definir sua base de aclimação, o judô ficará em Sainte Genevieve, cidade a menos de 1h de distância de Paris. O grupo chegará no local no dia 19 de julho e repetirá a estratégia das últimas edições olímpicas, em que os atletas se deslocam de forma escalonada para a Vila

Olímpica poucos dias antes de suas estreias nos Jogos. No ginásio de treinos, os judocas brasileiros poderão treinar no mesmo dojô que será utilizado nos Jogos Olímpicos. A Confederação Brasileira de Judô (CBJ) também aproveitará a aclimação para dar experiência a jovens atletas, que treinarão com a equipe olímpica. A base de St. Genevieve já foi testada pela equipe de judô em 2023.

“O judô já adota essa estratégia de aclimação há algumas edições olímpicas e esse modelo vem dando certo. Apostamos nesse modelo como melhor preparação para os atletas nos Jogos. A CBJ escolheu St. Genevieve

por inúmeros fatores positivos. O primeiro deles é a distância, que facilita nossa logística. É um ambiente que já utilizamos há alguns anos e onde os atletas se sentem em casa. A estrutura que temos é super adequada, local sereno, ideal para que os atletas se mantenham focados no objetivo dos Jogos Olímpicos”, destacou Marcelo Theotônio, chefe da equipe de judô nos Jogos Olímpicos de Paris. Além do judô e da ginástica, muitas outras modalidades já definiram suas bases de preparação final na Europa. Algumas equipes ainda vão confirmar suas bases e outras irão direto do Brasil para Paris.

VOLTA CICLÍSTICA

Organização muda a concentração dos atletas nesta edição

A Volta Ciclística de João Pessoa/Cannondale 2024, maior festival de ciclismo do Nordeste, acontece no dia 14 de julho, na Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes. O evento já conta com competidores de outros estados, além da Paraíba, como Rio de Janeiro, Acre, Ceará e Rio Grande do Norte.

O maior festival de ciclismo do Nordeste é direcionado a entusiastas da modalidade esportiva e tem o objetivo de aproximar os participantes da experiência de uma competição profissional de ciclismo. Além disso, tem a proposta de envolver cada vez mais a população pessoense, fomentando o esporte e a saúde e, também, estimular o turismo da cidade.

O evento terá três modalidades de competição: MTB, Speed e Kids. A categoria MTB, sigla para Mountain Bike, terá um percurso de 36 quilômetros. Serão três voltas, saindo da Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes, seguindo para o Centro de Convenções e voltando à Estação Cabo Branco. A modalidade Speed terá 48 quilômetros no mesmo percurso. A modalidade kids, por sua vez, tem um percurso reduzido entre um e dois quilômetros. Nesta edição o evento conta com várias novidades, inclusive

a mudança de localização da arena da Volta Ciclística.

“A competição, vem mais uma vez, para abrilhantar a cidade de João Pessoa e, desta vez, transferimos a arena do Centro de Convenções para a Estação Cabo Branco, uma decisão que prioriza a segurança dos participantes. Estamos muito empolgados com esta edição”, declarou Olié Martins, idealizador e organizador da Volta Ciclística. Quem se interessar em participar é só realizar inscrição no site da competição: www.voltaciclisticajoapessoa.com.br.

VOLTA
CICLÍSTICA DE
JOÃO PESSOA

■ **Data:** 14 de julho de 2024

■ **Horário:** 6h (concentração e aquecimento)

■ **Concentração e Largadas:** Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes, Av. João Cirilo da Silva S/N, Altiplano Cabo Branco.

Início das Provas:

Categoria Speed - 6h

Categoria Kids - 7h50

Categoria MTB - 8h10

■ VALORES

Adulto

Kit Gold - R\$ 200 (com camisa)

Kit Básico - R\$ 150 (sem camisa)

Kids

Kit Gold - R\$ 120,00 (com camisa)

Kit Básico - R\$ 50,00 (sem camisa)

■ Inscrições e mais informações:

www.voltaciclisticajoapessoa.com.br

Foto: Divulgação/RUN

A concentração, no ano passado, aconteceu no Centro de Convenções, mas nesta edição será na Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes



APOSENTADORIA

Inter vai ser o último clube de Messi

Argentino diz não estar preparado, mas ciente que não há outro caminho ao final do contrato com o time dos EUA

Agência Estado

Prestes a disputar a sua última Copa América, o astro Lionel Messi já começa a ver a sua bela trajetória nos campos pelo retrovisor. Aos 36 anos, o jogador argentino admitiu que sua carreira está no fim, disse não estar preparado para a aposentadoria, e vê o Inter Miami como o seu último clube.

“Fiz isso a vida toda, gosto dos treinos, dos jogos. Confesso que o medo de que tudo acabe está sempre presente. Foi um passo difícil deixar a Europa e vir para cá (Estados Unidos). Mas ser campeão do mundo ajudou muito a ver as coisas de uma outra maneira”, afirmou o jogador à ESPN argentina.

Durante a entrevista, o craque lembrou momentos da carreira e, no final, foi questionado sobre o futuro. “Creio que sim, que o Inter Miami vai ser meu último clube”, resumiu o jogador.

Ciente de que está vivendo a fase derradeira de sua carreira, o atleta pretende aproveitar cada momento de uma maneira especial. “Tento desfrutar de tudo porque tenho consciência de que está faltando cada vez menos. Aproveito ao máximo porque sei que quando não estiver mais em campo, vou sentir falta de tudo isso”, admitiu o atleta.

Formado nas categorias de base do Barcelona, Messi dividiu o protagonismo da sua carreira



Foto: Reprodução/Instagram

Messi e Suárez voltaram a jogar, agora pelo Inter de Miami, depois de muito sucesso nos tempos do Barcelona, onde ainda tinha o brasileiro Neymar

COPA DE 2026

Infantino prevê a melhor disputa de toda a história

Fifa.com

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, disse que a 23ª edição da Copa do Mundo da Fifa, que começa em 11 de junho de 2026 no icônico Estádio Azteca, Cidade do México, será “o maior evento, o maior show, o maior torneio” que o mundo verá. Será também a Copa do Mundo da Fifa mais inclusiva de todos os tempos, com um recorde de 48 seleções e sediada em 16 cidades de três países: Canadá, México e Estados Unidos.

“Estou contando os dias, definitivamente. Como todo mundo. Menos de dois anos parecem distantes, mas sabemos que está muito, muito perto”, disse Infantino, ao lado do troféu da Copa do Mundo da Fifa que entregará ao time vencedor após a final em Nova York, Nova Jersey, em 19 de julho de 2026.

“Daqui a menos de dois anos, o mundo vai parar para assistir ao que se passa na América do Norte. O troféu já está aqui, pronto – nós cuidamos bem dele – e estamos todos nos preparando, nos

aquecendo para a competição, armando tudo.”

O Estádio Azteca da Cidade do México – uma das três sedes no México junto com o Estádio Monterrey e o Estádio Guadalajara – fará história no torneio, depois de também ter sediado os jogos de abertura da Copa do Mundo Fifa em 1970 e 1986.

“Será o primeiro estádio a receber três jogos de abertura da Copa do Mundo (Fifa)”, disse o presidente da Fifa. “Nunca vimos isso an-

tes, e vivenciar isso em um estádio icônico como o Azteca é algo muito, muito especial.”

“Todos nós conhecemos os jogos épicos, jogos da Copa do Mundo, que foram disputados lá no passado e campeões absolutos como Pelé e Diego Maradona que jogaram e venceram no Azteca.”

Em mais um lembrete de que o torneio está se aproximando, várias partidas das Eliminatórias estão sendo disputadas neste momento. O presidente da Fifa disse que

os preparativos estão bem encaminhados nas três nações anfitriãs. “Nas cidades-sede, é claro, estamos trabalhando com as autoridades, com os proprietários e operadores dos estádios, com as comunidades locais”, disse ele sobre as duas sedes canadenses, três mexicanas e 11 norte-americanas.

“(Há) uma colaboração fantástica em todos os lugares. Eles esperam milhões e milhões de torcedores de todo o mundo. Os estádios são absolutamente lindos.”

■ Formado nas categorias de base do Barcelona, ele marcou 672 gols em 778 partidas e conquistou 34 troféus em 17 temporadas

no futebol mundial com o atacante português Cristiano Ronaldo. Eleito o melhor jogador do mundo, em oito oportunidades, ele viveu a sua fase áurea no Barcelona. Pelo clube espanhol foram 778 partidas disputadas, 672 gols marcados e 34 troféus conquistados em 17 temporadas.

A cereja do bolo dessa gloriosa carreira foi a conquista da Copa do Mundo do Catar, em 2022, pela seleção argentina. Agora, ele pretende encerrar sua participação pela equipe nacional com mais uma taça da Copa América em sua estante.

Focado nesta reta final de preparação, o atleta volta as atenções para a disputa do torneio de seleções da América do Sul. A competição vai ter início no dia 20 de junho e a Argentina faz o jogo de abertura, diante do Canadá, às 21h, em Atlanta.

■ O presidente da Fifa, Gianni Infantino, conta os dias para a realização do Mundial com a participação de 48 seleções



Foto: Divulgação/Fifa



Corinthians e São Paulo já se enfrentaram este ano, a última vez, na Neo Química Arena, e deu Tricolor por 2 a 1, válido pelo Campeonato Paulista

BRASILEIRÃO

Corinthians tenta espantar a má fase

Timão faz o clássico paulista contra o São Paulo bastante pressionado pela crise dentro e fora dos gramados

Mais sete jogos dão sequência, hoje, ao Campeonato Brasileiro da Série A em sua nona rodada, com destaque para o clássico paulista. O Corinthians recebe o São Paulo neste domingo, às 16h, na Neo Química Arena, altamente preocupado com a zona de rebaixamento, buscando espantar a má fase, já que soma apenas seis pontos em oito jogos. O último confronto entre Corinthians e São Paulo aconteceu em 30 de janeiro de 2024, pelo Paulista 2024. Na ocasião, o Timão acabou sendo derrotado por 2 a 1 no duelo que também aconteceu na Neo Química Arena. O gol corinthiano na partida foi marcado por Arthur Sousa.

Com 360 partidas disputadas, o histórico dos confrontos entre Corinthians e São Paulo aponta uma vantagem corinthiana. O duelo atualmente conta com 133 vitórias do Corinthians, 115 empates e 112 vitórias do São Paulo.

A primeira partida entre Corinthians e o São Paulo aconteceu em 25 de maio de 1930, há 94 anos. De lá para cá, os 360 duelos entre as equipes colocam o São Paulo na segunda colocação da lista de times que mais vezes o Corinthians enfrentou e busca ampliar a vantagem no número de vitórias.

Arena da Baixada

Athletico-PR e Flamengo irão atuar na Ligga Arena, disputando a 9ª rodada do Brasileirão. A partida está marcada para as 16h (horário de Brasília).

Com 78 partidas disputadas entre as equipes, o Clube da Gávea venceu 32 jogos e marcou 98 gols, enquanto o Athletico-PR também venceu em 28 oportunidades, mas marcou 95 tentos, sendo que 18 partidas terminaram empatadas. Com uma ótima campanha, o Athletico-PR está em 4º lugar e já somou 16 pontos. Os últimos jogos foram uma vitória de 3 x 1 contra o Criciúma, antes enfrentou duas baixas contra o Fortaleza e o Ameliano na Sul-Americana, ambas por 1 x 0. Já o Flamengo, ocupante do 1º lugar, está somando 17 pontos e entrará na partida depois de vencer o Grêmio por 2 x 1, após massacrar o Vasco em um 6 x 1 e golear o Bolívar por 4 x 0 na Libertadores, antes ganhou em um 2 x 0 contra o Corinthians. Os outros cinco jogos programados são Vitória x Internacional, às 16h, no Baradão; Grêmio x Botafogo, às 18h30, no Kleber Andrade; Vasco x Cruzeiro, em São Januário, às 18h30; Cuiabá x Fortaleza, às 18h30, na Arena Pantanal; e Criciúma x Bahia, às 18h30, no Heriberto Hulse.

FUTEBOL FEMININO

Seleção Brasileira melhora a posição no ranking, enquanto a Espanha segue líder

Agência Estado

atual 11ª, com 1.936,12.

A 40 dias dos Jogos Olímpicos de Paris-2024, a Seleção Brasileira Feminina de Futebol subiu uma posição no ranking da Fifa, atualizado na última sexta-feira. A equipe nacional ocupa agora a nona colocação da lista. A liderança pertence à Espanha, atual campeã mundial, que sustentou a boa vantagem na primeira colocação.

O Brasil soma 1.948,87 pontos, logo atrás do Canadá, com 1.951,64, e à frente da Coreia do Norte, que soma 1.943,66. As três seleções subiram uma colocação cada diante da queda de três posições da Holanda,

pelo técnico Arthur Elias aplicou duas goleadas de 4 a 0 sobre a Jamaica no início do mês.

A equipe da Espanha manteve a primeira colocação, com 2.099,89 pontos, sendo seguida pela França, com 2.029,52, que subiu uma posição na atualização dessa sexta. Em outras mudanças no Top 10, a Inglaterra (3ª) e os Estados Unidos (5ª) perderam um posto cada, enquanto a seleção da Alemanha galgou um degrau (4ª).

A próxima atualização do ranking da Fifa está marcada para o dia 16 de agosto, logo após o fim da Olimpíada, que será encerrada no dia 11.

■ Vitórias sobre a Jamaica, em amistosos, fez a Seleção Brasileira de futebol feminino subir uma posição no ranking da Fifa

A subida da seleção se deve às recentes vitórias em amistosos preparatórios para a Olimpíada. A equipe comandada

Top 20

- 1º - Espanha, 2.099,89 pontos
- 2º - França, 2.029,52
- 3º - Inglaterra, 2.023,47
- 4º - Alemanha, 2.018,49
- 5º - Estados Unidos, 2.015,95
- 6º - Suécia, 1.995,33
- 7º - Japão, 1.975,97
- 8º - Canadá, 1.951,64
- 9º - Brasil, 1.948,87
- 10º - Coreia do Norte, 1.943,66
- 11º - Holanda, 1.936,12
- 12º - Austrália, 1.889,99
- 13º - Dinamarca, 1.879,63
- 14º - Islândia, 1.854,57
- 15º - Itália, 1.849,91
- 16º - Noruega, 1.843,89
- 17º - Áustria, 1.829,6
- 18º - Bélgica, 1.808,15
- 19º - China, 1.804,37
- 20º - Coreia do Sul, 1.794,29

Foto: Livia Villas Boas/CBF



As duas goleadas de 4 a 0 marcadas sobre a Jamaica em amistoso fizeram o Brasil melhorar a sua posição. O próximo ranking sai depois das Olimpíadas

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Corinthians x São Paulo - Globo e Premiere

Athletico-PR x Flamengo - Globo e TNT

Vitória x Internacional - Globo e Premiere

18h30

Grêmio x Botafogo - Premiere

Vasco x Cruzeiro - Premiere

Cuiabá x Fortaleza - Premiere

Criciúma x Bahia - Premiere

EUROCOPA

10h

Polônia x Holanda - CazéTV

13h

Eslovênia x Dinamarca - SporTV

16h

Sérvia x Inglaterra - SporTV

RANCHOS JUNINOS

O adeus silencioso a uma tradição

Na capital paraibana, qual o destino dos diversos arraiais tipicamente nordestinos espalhados pelos quatro cantos da cidade em que se concentravam os festejos de São João promovidos pelas comunidades nos bairros?

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Tipicamente nordestinas, as festas juninas ultrapassam os limites regionais e marcam todo o país com as muitas tradições próprias desse período. Algumas delas, no entanto, vêm se perdendo ou se transformando, como os ranchos juninos, que até o início do século eram a forma mais popular de festejo em diversos bairros da capital paraibana, mas, hoje, praticamente não existem.

Apesar de ter vivido um bom tempo no Rio de Janeiro, o paraibano Josélio Costa conta que ainda na infância conheceu boa parte das tradições juninas. Quando retornou à sua terra natal, já adulto, teve oportunidade de viver ainda mais essa “cultura matuta” e chegou a ajudar na organização da Fazenda Botijinha, no conjunto Esplanada, em João Pessoa.

“Era uma palhoça feita com palhas de coqueiro que permanecia por 20 a 30 dias com diversas apresentações. Participavam quadrilhas de diversos bairros, mas, antes destas apresentações, tinham também as brincadeiras para crianças, como jogo de pião, corrida de saco, essas coisas bastante típicas”, lembra Josélio. Outro ponto que chamava bastante atenção era o casamento matuto: “As crianças riam bastante com o padre das quadrilhas e amavam ver aquela cena do casamento”, aponta ele.

Fogos de artifícios, comidas e bebidas típicas também eram parte indispensável na festa. “A comunidade se envolvia na organização e também abria oportunidade para moradores de outras localidades participarem, inclusive nas barracas que se colocavam no entorno e vendiam pamonha, canjica e pé de moleque”, exemplifica Josélio Costa. Das barraquinhas, a única que restou foi a de fogos, porque o vendedor continuou a atividade para não deixar se apagar a memória dos pais, que realizavam aquela atividade.

Habitualmente, a preparação começava dois ou três meses antes e costumava mobilizar toda a comunidade. Como integrante da Associação de Moradores do Conjunto Esplanada, Josélio começou a ajudar na parte logística, procurando fazer os contatos e liberações junto aos órgãos públicos. “Quem

organizava na época era Seu Mazinho (Josimar), Dona Maria e os filhos. Mas depois que eles faleceram, há uns 10 ou 15 anos, não tivemos mais aquelas apresentações no bairro”, explica ele, saudoso.

A maior falta que Josélio Costa sente, no entanto, é da espontaneidade e da segurança, de ver a alegria do povo participando. A associação dos moradores do bairro até tentou dar continuidade à tradição da Fazenda Botijinha e organizou, por cerca de cinco anos, o arraial com tudo a que tem direito. “Depois as pessoas foram se casando, a tradição foi esfriando um pouco, foi mudando o aspecto. Hoje, a gente vê essas apresentações, que parecem mais em apresentações carnavalescas”, comenta. Mas o fator principal, segundo ele, foi a insegurança: “Tem muitas pessoas que querem brincar, se divertir, assim aquelas que querem praticar o mal. Então, às vezes, a gente acaba se retraindo para não provocar algo maior”, lamenta.

Modernização

Edson Santos, presidente da Liga de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, argumenta que as mudanças nas quadrilhas foram necessárias e elas precisaram se modernizar e se reinventar para sobreviver nos dias atuais. “Tudo muda, tudo se transforma e a quadrilha, para não se perder, precisou se adequar a uma nova era, a um novo sistema”, defende o quadrilheiro.

Santos lembra também de algumas exigências na legislação, seja para a formalização das quadrilhas junto à Receita Federal, seja para as festas familiares, como as proibições de acender fogueiras e soltar fogos de artifícios sonoros.



Ilustração: Tônio

Com barraca de palha, comidas típicas, quadrilha e brincadeiras, até o início do século os arraiais eram a forma mais popular de festejo em João Pessoa nessa época

Em relação aos ranchos juninos, Edson Santos admite que nem todos os moradores das ruas aceitam a montagem de pavilhões em suas portas, porque impedem o direito de ir e vir, além do barulho. Para as quadrilhas, hoje em dia, o espaço dos ranchos também não é adequado. “O tamanho e o quantitativo de brincantes não cabe num pavilhão armado na rua. Não tem a mínima condição de uma quadrilha se

apresentar”, sentencia. Mesmo assim, ele afirma que ainda se pode encontrar ranchos em algumas cidades da Região Metropolitana e do interior do estado.

Para a professora de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Flavia Pires, não há que se falar em perda da tradição junina. “É da natureza da festa a sua mudança. Toda cultura é dinâmica, sempre muda. E é

nessa transformação que perpetua-se”, pontua a docente.

Alguns fatores que contribuem para tais mudanças são a urbanização e a internet, que, segundo Flavia Pires, têm aglutinado mais pessoas do que as relações de vizinhança. “Crescem comunidades de interesse, baseadas em outros critérios, como político-ideológicos, esportes, gosto musical e religião”, exemplifica a pesquisadora.

Foto: Adriana Costa/Arquivo Pessoal



Foto: Zuelena Costa/Arquivo Pessoal



Registro da Fazenda Botijinha, no conjunto Esplanada, em João Pessoa, nos anos 1980 (ao lado); neste ano, no mesmo bairro, os moradores estão organizando uma versão mais modesta do evento (acima), com tendas de plástico em vez de palhoça, mas com o mesmo “espírito” para mostra às novas gerações

Tentativa de resgate faz manter a chama para as novas gerações

Apesar disso, os integrantes da Quadrilha Junina Botijinha, que leva o mesmo nome da antiga “fazenda” do bairro Esplanada, na capital, estão organizando uma nova versão do evento, bem mais modesta. Ao invés de 20 dias, será apenas um; ao invés de palhoça, serão usadas tendas de plástico. Como não é possível voltar no tempo, os organizadores do festejo pretendem, ao menos, mostrar às novas gerações um pouco da tradição junina.

Adriana Costa é uma das moradoras do bairro e também sente falta das festas do passado. Como parte da diretoria da quadrilha junina, ela destaca a importância dessa retomada, que pretende envolver a comunidade e, sobretudo,

os jovens. “Meus filhos, por exemplo, não conhecem o pavilhão, onde eu dancei muito no tempo do Seu Mazinho e de Boanerges, que era o marcador e continua até hoje com essa tradição”, recorda ela.

Apesar de desejar fazer um rancho à moda antiga, com palhas de coqueiro, Adriana reconhece que para a quadrilha se apresentar é necessário uma infraestrutura bem maior, e por isso serão utilizadas as tendas. A agenda de apresentações juninas em outras localidades também fez com que a tentativa de retomada da tradição se reduzisse a um único dia: no próximo sábado (22), a partir das 19h, na Praça Adolfo Pires Magalhães, no Esplanada, em João Pessoa.

Ignez Mariz

Paraibana à frente de seu tempo que deu a vida ao jornalismo investigativo



Natural de Sousa, no Sertão paraibano, Maria Ignez Mariz (1905-1952) foi uma mulher que deixou a sua marca tanto na história da literatura e quanto da imprensa

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

A presença da mulher na Comunicação só se consolidou graças ao pioneirismo de muitas que ousaram desbravar caminhos e enfrentar os apagamentos próprios de uma sociedade patriarcal. A paraibana Maria Ignez Mariz foi uma dessas: mãe, sertaneja, professora, romancista, jornalista, múltipla. Deixou pegadas na história da literatura e da imprensa, que precisam ser recuperadas e lembradas.

A filha do médico e político Antônio Marques da Silva Mariz e de dona Maria Emília Marques Mariz, nasceu em 26 de dezembro de 1905, em Sousa, no Sertão do estado, mas logo cedo teve que se despedir daquela que lhe deu à luz. Em um relato pomenorizado intitulado *A casa velha*, publicado na *Revista da Semana* (1943), a jornalista derramava as suas primeiras memórias:

“Uma menina de sete anos apanha carinhosamente os cabelos da morta Bem-Amada que mãos indiferentes cortaram e a jogaram a um canto do quarto imenso... Depois a pequena se acerca de quem está cortando a mortalha, junta os retalhos que sobram, um a um, e os guarda como relíquias. Vai então rezar de joelhos na sala de visitas diante do caixão. (...) E a menina sente a estranha sensação de que as velas, deixando escorrer grossas lágrimas de cera, estão ali para ajudá-la a chorar a ausência daquela que se foi... para nunca mais voltar.”

Nesse trecho já podemos identificar algumas características do texto de Ignez: descritivo, pomenorizado e profundo. A menina cresceu e foi estudar magistério no Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, dirigido por irmãs francesas. Foi durante sua estadia naquele internato que a jovem recebeu a notícia, em 1924, do ataque de Lampião à sua cidade natal.

Essas memórias, descritas no mesmo texto da *Revista da Semana*, revelam a preocupação da escritora com “um pai, velho e doente, oito irmãs e um irmão valentão, que gostava mesmo de coisas do gênero, para se espalhar”. A aflição de Ignez por notícias do pai se justifi-

cava pelo fato de, como chefe político, possuía muitos inimigos e “não dava tréguas aos cangaceiros que viviam ali por perto”.

Os registros sobre a atuação profissional de Ignez Mariz na Paraíba são escassos. Sabe-se que, após os estudos, iniciou sua carreira como professora, mas quando já residia no Rio de Janeiro foi aprovada em concurso público para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o qual escreveu o livro *Anotações de História da Paraíba*.

Segundo Analice Pereira, docente de Literatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a presença de Ignez nestes espaços revela traços de uma mulher à frente de seu tempo, que seguiu na contramão das convenções vigentes na sociedade daquela época. “O primeiro desquite realizado no Sertão paraibano foi o dela, causando escândalo nas redondezas. Havia casado com Carlos Meira de Vasconcelos, com quem teve um único filho, Paulo Antônio. Depois da separação, pelo que algumas informações indicam, seguiu sozinha na criação do seu filho”, relata Analice, que analisou *A Barragem*, principal obra da autora.

Lançado em 1937, pela carioca José Olympio Editora (considerada uma das mais importantes da época), o romance fazia parte do catálogo dos mais importantes autores do gênero da década de 1930, que incluía José Lins do Rego e José Américo de Almeida. Analice destaca o fato de Ignez Mariz ter assinado o livro com seu nome de registro, sem apelar para pseudônimos, como uma atitude de quem assume “sua identidade, suas ideias, seu *modus vivendi*”.

O professor e pesquisador José Campos Júnior tem pesquisado a literatura paraibana produzida por mulheres e afirma que a questão de gênero foi o principal fator para que a obra de Ignez Mariz não alcançasse a dimensão dos mesmos autores da época. “O mérito da obra e a questão estética, apesar de elogios e críticas positivas de escritores da época, não vão pesar tanto quanto a questão do gênero”, reitera. Ele considera *A Barragem* um romance histórico e importante para entender o contexto de produção e dos trabalhadores do Sertão paraibano,

transparecendo também suas habilidades jornalísticas. “Parece uma espécie de ‘documentário’ por escrito sobre os trabalhadores da barragem”, avalia o pesquisador.

O comentário de Magalhães Júnior na revista ilustrada *Eu sei*, feito à época, também aborda essa dimensão. Além de destacar a “muito boa pintura da vida do interior nordestino, pintura a largas e vigorosas pinceladas, em muita observação, com muito colorido”, o crítico enfatizava que, em certas passagens, o livro se aproximava de uma “reportagem em estilo jornalístico inteiramente chão”.

De fato, a veia jornalística de Ignez Muniz não deixou de pulsar na então capital federal. Usando as armas possíveis de sua época, mostrava-se sempre atenta às questões das mulheres e procurava, pelos seus artigos, descortinar problemas sociais, como o fez numa crônica publicada na *Revista da Semana* (1938), em que narra seu encontro com a cigana Laurita, que lera sua mão na passagem pelo Sertão paraibano e ali também foi assassinada:

“Matou-a Luciano, o amante oficial, num acesso de zelo romântico... Espeta aqui, espeta acolá, um punhal passara ligeiro por cima daquele corpo de deusa nômade, e fora se cravar de vez no seio moreno, fonte de tantos desejos... Amando uma filha da liberdade, tinha tu direito a ciúmes, Othelo de quatro vintés?”. E arremata: “Eu tive tanta pena! E a cidade inteira sentiu também compaixão pela cigana bonita, de brincos pendentes que lia o futuro nas mãos dos outros e não adivinhou um palmo adiante no seu próprio destino”.

Ignez tinha um olhar sensível e contemplativo sobre a realidade humana da miséria e pobreza, transparecendo em seus textos. Em outro encontro registrado em crônica no mesmo periódico, desta vez com um vendedor de loterias que tentava lhe convencer a comprar um bilhete, brindava seus leitores com retratos tirados do cotidiano. O homem de sorriso largo que ilumi-



Discurso de Ignez pelo Prêmio José de Albuquerque, do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (RJ), em 1939

nava um semblante cheio de rugas também era o que oferecia “o último bilhete”, quando na verdade era o segundo. “Mas esse vendedor ambulante, que passa todos os dias em minha porta, com regularidade automática, me impressiona porque representa o grande contraste da vida: vende a fortuna quem só miséria tem pra dar. Como tantas vezes vende alegria quem só tristezas tem para oferecer...”, finaliza Ignez.

Na revista *A semana*, ela escreveu sobre literatura, história e cultura, traçando perfis, a exemplo de figuras como Inês de Castro e o Visconde de Cairu, ou abordando aspectos da vida amazônica. Em outro momento, assinava uma página chamada *Correio Feminino*, na qual respondia a questões enviadas por mulheres e publicava pequenas parábolas e textos.

Um trabalho de destaque da jornalista foi a série de reportagens *Revelando o Brasil aos brasileiros*, na qual escrevia mensalmente sobre cidades centenárias do Brasil. Segundo relato de Casimiro da Silva, à época, essa atividade “a obrigava a extenuantes e beneditinas pesquisas para uma fiel e completa divulgação dos assuntos versados, de que transparecia um entranhado amor à

nossa terra e à nossa gente”. Pesquisava em boletins, dicionários, revistas e manuscritos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim como em anais da Câmara Federal, documentos oficiais e jornais antigos, tudo para levar ao leitor uma narrativa extensa, profunda e envolvente, em linguagem clara e direta.

Dentre as cidades perfiladas por Ignez Mariz entre 1947 a 1951, estão os municípios paraibanos de Campina Grande, Cabaceiras, Umbuzeiro e Sousa, sua terra natal. Desta última, apresenta tanto dados históricos e geográficos como da tradição oral, como o “milagre eucarístico” que teria dado origem à Igreja do Bom Jesus, “um dos logradouros mais bonitos da cidade e onde o povo vai cumprir promessas e realizar novenas inesquecíveis”.

Em lampejo de saudade, a autora declarava sua vinculação ao lugar: “Trazendo no espírito a descrença, o ceticismo e a irreverência como doenças crônicas, sentimo-nos incapaz de traduzir em toda a sua extensão o misticismo exaltado daquele povo generoso e bom, a quem amamos sobre todas as coisas e do qual fazemos parte como ovelhinha ingrata, que resolveu abando-

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Cinco termos para você entender melhor o que falam por aí sobre inteligência artificial

O Instituto Palavra Aberta lançou, recentemente, o “Mincurso: Educação Midiática e Inteligência Artificial”. Apesar de ser voltado a educadores, o material também pode nos ajudar, como comunicadores, a compreender melhor o funcionamento das IAs, as questões éticas e os impactos quanto à integridade da informação.

Dentre os recursos pedagógicos oferecidos como parte do curso, está o *Glossário Anotado sobre Educação Midiática e IA*. Ao ler esse material, eu entendi melhor alguns termos sobre inteligência artificial que já havia lido por aí, ou ouvido em algum evento. Listo a seguir algumas expressões, que me pareceram mais interessantes (em tempo: todo o conteúdo foi extraído do material produzido pelo Palavra Aberta):



“Glossário Anotado” é um dos recursos pedagógicos oferecidos pelo “Mincurso: Educação Midiática e IA”

que nos induz a evitar a responsabilização de quem criou os códigos de programação que permitem tais erros;

■ **Câmaras de eco:** termo figurativo que descreve um ambiente digital (como grupo de mensagens ou rede social) que apenas ecoa nossas próprias opiniões, sem nos expor a outras visões. Nesses ambientes, pessoas tendem a filtrar as informações que não se ajustam à sua visão de mundo, a tal ponto que podem acabar imersos em uma espécie de realidade paralela;

■ **Curva de aprendizado:** Há uma curva de aprendizado para os LLMs, e

suas primeiras tentativas serão terríveis. Mas, aos poucos, o modelo vai aprender que uma frase como: “Eu me sentei no/na _____”, provavelmente terminará em “chão” ou “cadeira”, e não em “cacto”. Quando um modelo foi treinado por tempo suficiente em um conjunto de textos grande o suficiente, temos um *output* de qualidade impressionante como os que vemos hoje em aplicativos como o Gemini, Copilot ou o ChatGPT;

■ **Paradoxo da confiabilidade:** descreve o fenômeno segundo o qual, quanto mais confiável e eficiente um sistema automati-

zado se torna, mais os usuários tendem a depender dele, sem questionar ou entender completamente seu funcionamento. No caso das IAs generativas, a linguagem que elas geram é tão correta na sua estrutura e gramática que somos induzidos a não desconfiar da qualidade ou veracidade do conteúdo gerado, mesmo sem conhecer o poder consultar as fontes;

■ **Viés algorítmico:** um tipo de erro que pode ocorrer em um LLM se o *output* (resposta) for distorcido pelos dados de treinamento do modelo, refletindo preconceitos existentes nos dados ou nas escolhas de seus desenvolvedores. Os resultados são decisões ou previsões ofensivas, injustas ou discriminatórias. Utilizar séries históricas de dados, por exemplo, pode perpetuar desigualdades que são estruturais e, portanto, refletidas nos dados do passado – um modelo pode associar características ou profissões específicas a uma determinada raça ou gênero; daí o termo “racismo algorítmico”, que se refere especificamente a resultados racistas resultantes de ausências ou discriminação nos dados que treinaram as IAs.

O *Glossário Anotado* é curtinho, tem apenas 15 páginas, e está disponível no site da instituição (educamidia.org.br/recurso/educacao-midiatica-e-inteligencia-artificial-glossario). Recomendando a leitura!

Tocando em Frente



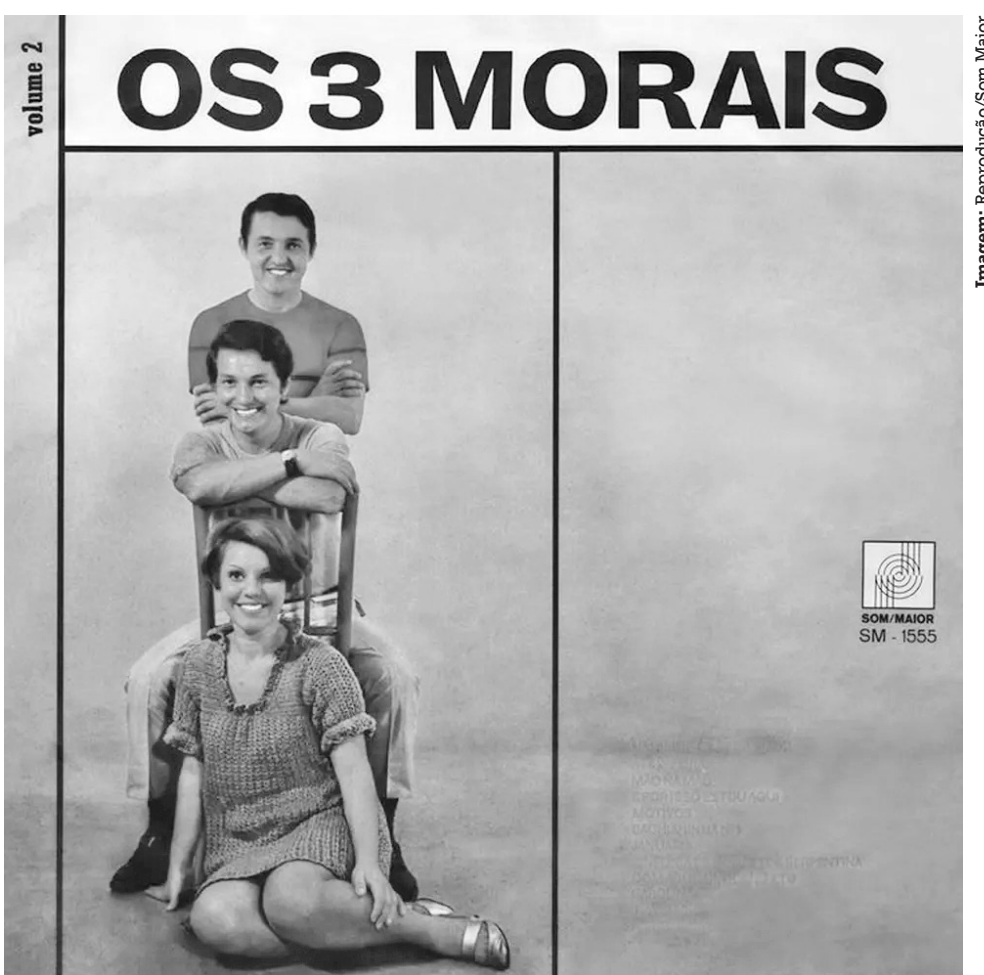
Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XXI

Os Três Moraes – O trio nasceu em São Paulo, em 1963, inicialmente com o objetivo de gravar apenas *jingles*, portanto, sem a pretensão de dedicar-se ao *show business*. Era composto por três irmãos: Sidney, Roberto e Jane Vicentina, todos com o sobrenome de família: Espírito Santo. Costumavam se apresentar, individualmente, como *crooners* de conjuntos e pequenas orquestras.

Em 1965 é que resolveram juntar-se, formando um trio, cujo nome foi buscado no sobrenome materno (Moraes). Nesse sentido, a primeira tentativa veio quando se juntaram ao conhecido tecladista Ely Arcoverde e gravaram o *single* “Sambachiana”, de autoria deste, com um arranjo bem próximo do erudito, trabalhado por Sidney e buscado na forma de cantar, conhecida como *scats*, ou seja, o solo vocal sem letra, estilo que vinha sendo usado pelo grupo Swingle Singers, baseado na França, dedicado ao trabalho de *backing vocals* e que incorpora elementos do jazz com a música clássica. Daí porque enveredaram pelo modernismo e adotaram o balanço e as harmonias incipientes com o início da Bossa Nova, tornando-se talvez o trio mais moderno e afinado do universo na MPB, e, aos poucos, foi assimilando os elementos característicos daquele movimento musical. Tanto é assim que começaram a atuar no consagrado programa *O Fim da Bossa*, da TV Record (SP), bem como participaram de programas e shows ao lado de Elis Regina, Jair Rodrigues, Egberto Gismonti, Baden Powell e Chico Buarque, lançando-se assim no universo da música: rádio, televisão e gravadoras.

O novo ambiente deu ao trio a visibilidade necessária, o que levou Jane a gravar, em solo,



Álbum lançado pela Som Maior (1968) em LP e editado em CD pelo Discobertas (2019)

a música “Com açúcar, com afeto” (Chico Buarque), no segundo álbum (LP 1967) deste, cuja outra faixa, “Noite dos Mascarados”, contou com a participação do trio.

O grupo Os Três Moraes participou de vários festivais, com destaque para a 3ª (1968) e a 4ª (1969) edição dos FICs, quando interpretaram, respectivamente, “O Sonho”

(Gismonti) e “Passo hoje” (Francisco Lessa/José Antônio Castello).

Com a formação original, até 1970, o trio gravou três álbuns (LPs). Com a saída de Jane, que comentaremos em seguida, entraram no trio para substituí-la as vocalistas Vera Lúcia, advinda do conjunto Alpha Centauri e, posteriormente, Rossana, que tinha obtido grande

nar o seu *habitat* e o seu rebanho para viver triste e solitária em terras estranhas”.

O pioneirismo de Ignez Mariz também se fez notar na pedagogia. Foi vencedora, em 1939, do Prêmio José de Albuquerque de “Melhor Livro Sobre Educação Sexual” pela obra *O que leva a curiosidade infantil insatisfeita*. O jornalista Evandro de Nóbrega, que prefaciou a reedição de *A Barragem*, relata que Ignez se queixava de não ter tido instruções nesse sentido e lamentava, inclusive, o fato de ter sido levada a amararr corações zinhos, nas cadeiras ocupadas, anteriormente, por homens, pois se ensinava no interior que se as mulheres sentassem nos assentos, ainda “quentes”, poderiam engravidar.

“Enquanto jornalista, ela era o que hoje se pode chamar de uma jornalista investigativa. Ela não se contentava só em descrever os fatos e o cotidiano. Ela ia fundo nas coisas”, diz Nóbrega. Foi por causa de uma investigação que deu à vida, aos 47 anos, como verdadeira mártir do ofício.

“Em 1952, Ignez – cuja escritura sempre vergastou desigualdades – decidiu fazer extraordinária experiência. Querendo escrever sobre o que, infelizmente, buscamos os hospitais e também, infelizmente, não os encontramos, fez-se de indigente e internou-se em nosocômio público carioca, para operar-se das amígdalas, que de nada sofria. (...) Ela morreu na mesa de cirurgia – faltou oxigênio e não houve jeito de arrancar novo tubo”, escreve Nóbrega, no prefácio da reedição do romance da jornalista.

“Modesta em extremo, arredia por temperamento, viva longe da convivência dos trezentos de Gideão das letras nordestino-carioca, para dedicar-se ao lar e aos estudos de sua predileção, embora fosse da Paraíba e como tal bem-vinda à tábua literária de Araken. Deixou um romance inacabado, *Tresloucado Gesto*, e *Ruma*, um livro de contos”, revelou, ainda, Casimiro da Silva, em um relato publicado no Jornal *A Manhã*, após a morte da escritora.



Eita!!!!

"Santo casamenteiro"

Na última quinta-feira (13), os católicos comemoram o Dia de Santo Antônio, conhecido como o santo casamenteiro. Mas quem foi a santidade e de onde vem essa fama? Nascido em Lisboa em 1195, Fernando de Bulhões e Taveira de Azevedo ingressou na Ordem dos Agostinianos quando tinha 15 anos, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Morando em Coimbra, foi ordenado sacerdote. Quando o mosteiro em que ele morava recebeu os corpos de três frades menores que haviam sido martirizados em Marrocos, ele decidiu ingressar na Ordem dos Frades Menores e pediu para adotar o nome de Antônio. Queria ir para o Marrocos também, mas acabou sendo levado para a Itália.

Canonização

Antônio morreu em Pádua, em 13 de junho de 1231, aos 36 anos de idade. Foi sepultado numa basílica, que logo se tornou lugar de peregrinação. Apenas 11 meses após sua morte, ele foi declarado santo pelo papa Gregório IX. Documentos registram 53 milagres atribuídos a ele, mas nenhum estava relacionado a casamentos.

Fama de casamenteiro

Existe mais de uma história de casamento relacionada a Santo Antônio, mas, segundo a CNBB, a fama decorre após o religioso ter atendido ao pedido de uma moça, que só conseguiria se casar se tivesse um dote (dinheiro ou posses que a família da noiva oferecia ao noivo, para convencê-lo a se casar). Ela não tinha dinheiro, mas, após rezar diante de uma imagem de Santo Antônio, recebeu um bilhete com instruções. Deveria entregar o papel a um determinado comerciante, e o bilhete dizia que o comerciante deveria dar à moça moedas de prata correspondentes ao peso do papel. Pensando que o papel pesaria muito pouco, o comerciante aceitou. Em uma balança de dois lados, ele colocou o papel de um lado e começou a preencher o outro com moedas de prata, até que a balança chegasse ao equilíbrio. Foram necessários 400 escudos, e o comerciante então se lembrou de uma promessa que havia feito a Santo Antônio e que não havia cumprido: dar 400 escudos de prata a um desconhecido. A jovem recebeu a quantia e pôde se casar.

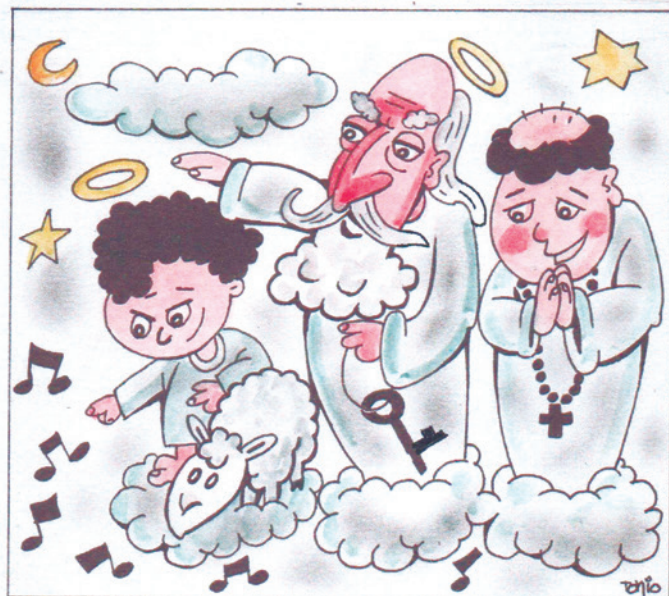
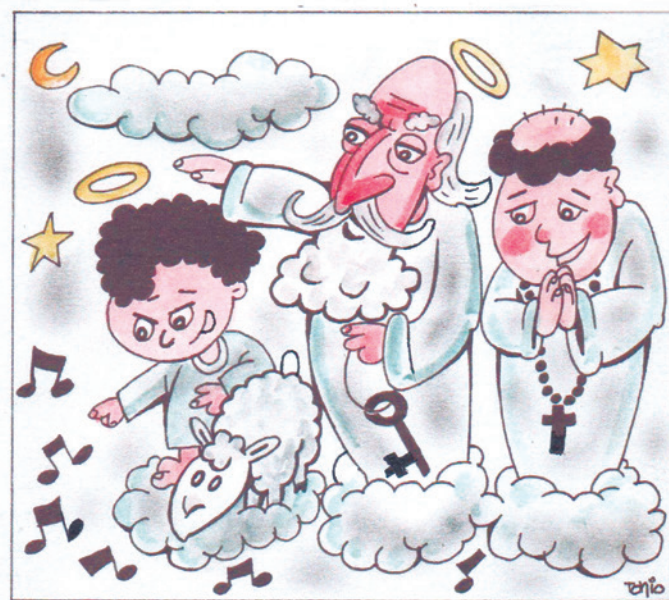
Crenças populares

A fama de casamenteiro rendeu muitas crenças populares, que envolvem virar o santo de cabeça para baixo, tirar o menino Jesus de seus braços ou encontrar uma medalha ou imagem no bolo. Existe ainda outra tradição ligada a este santo: o famoso pão de Santo Antônio, símbolo de proteção e bênção, que se guarda de um ano para o outro para que não falte o pão na família daquela pessoa.

(Com informações da Agência Estado)

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - cabelo de S. Pedro; 2 - bigode de S. Pedro; 3 - manita de S. Pedro; 4 - cruz; 5 - nota mistral; 6 - nuvem; 7 - rdbo do carneiro; 8 - boca de Santo Antônio; e 9 - chave.

TECNOLOGIA

Investimento em IA cresce no setor logístico nacional

Estudo aponta um aumento de 46% na área, em relação ao ano anterior

Agência Estado

A inteligência artificial (IA) está revolucionando o setor logístico no Brasil, trazendo uma nova era de eficiência e precisão. O investimento em IA no setor tem crescido exponencialmente, com um aumento de 46% em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 1,9 bilhão em 2023, e com projeções de alcançar US\$ 5,5 bilhões até 2027, segundo o relatório *The State of AI in Logistics 2023*, da consultoria McKinsey & Company.

Na logística, a inteligência artificial é empregada de diversas maneiras significativas. A otimização de rotas de transporte é uma aplicação vital, pois ajuda a reduzir o tempo de entrega e os custos com combustível. Já a previsão de demanda e serviços aprimora o planejamento de estoques e as operações logísticas, permitindo uma gestão mais eficaz dos recursos.

A automação de tarefas, como a separação de pedidos e a localização de produtos, também é uma área-chave, pois aumenta a eficiência dos processos logísticos. Por fim, o rastreamento de veículos é fundamental para otimizar a gestão de ativos, garantindo que os recursos sejam utilizados da melhor forma possível.

Um exemplo deste tipo de tecnologia, que tem sido utilizada, é o GPS Vista, uma ferramenta desenvolvida pelo Grupo GPS. A plataforma oferece acompanhamento em tempo

real e análises estratégicas, exemplificando o potencial da IA para melhorar a gestão operacional.

André Romero, diretor de marketing do Grupo GPS, destaca o impacto da IA no mercado: "A IA transcendeu o status de tendência para se tornar uma necessidade no mercado atual. O GPS Vista, por exemplo, ilustra como a tecnologia está capacitando empresas a transformar dados em decisões inteligentes, gerando resultados tangíveis e vantagem competitiva."

A implementação da inteligência artificial no setor logístico do Brasil é um fenômeno em curso. O uso dessa tecnologia está relacionado a diversas funções dentro das operações. As ferramentas de IA são aplicadas com o objetivo de contribuir para a potencia-

lização e aperfeiçoamento dos processos logísticos, afetando a maneira como as atividades são conduzidas no setor.

"À medida que o setor logístico brasileiro continua a abraçar a IA, verifica-se a transformação contínua que não apenas atende às necessidades

atuais, mas também pavimentam o caminho para um futuro mais dinâmico e resiliente. O compromisso com a inovação e a adaptação às novas tecnologias será crucial para as empresas que desejam prosperar na era digital emergente", finaliza André Romero.



Estimativa de aplicação em IA no setor logístico é de alcançar US\$ 5,5 bilhões até 2027



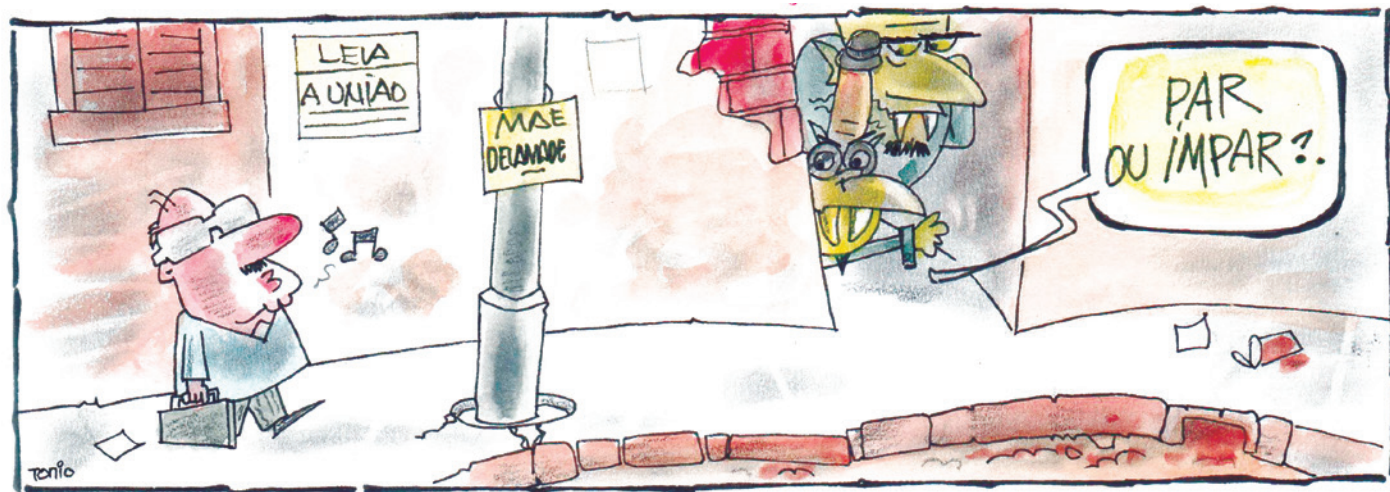
Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: mingau (2) = papa + rapaz alegre (2) = gaio. **Solução:** ave psitaciforme (4) = papagaio. **Charada de hoje:** Ele já foi (1) aquele que ofereceu (3) o seu lugar, tornando-se o mesmo que sobrou na seleção (4) final.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiotá

